

# J.G. BALLARD

## CRASH



Y

J.G. Ballard

**CRASH**

James Graham Ballard ficou conhecido no Brasil depois que seu livro autobiográfico, "O Império do Sol" foi filmado por Steven Spielberg.

Ballard nasceu em 1930, em Xangai, China, onde seu pai era empresário. Depois do ataque a Pearl Harbor, Ballard e sua família foram colocados em um campo de concentração para civis. Retornaram à Inglaterra em 1946. Ballard passou dois anos em Cambridge, estudando medicina e trabalhou como redator de propaganda e porteiro antes de ir para o Canadá, com a RAF — Republican Air Force. Em 1956, seu primeiro conto foi publicado e Ballard começou a trabalhar como editor de uma publicação científica, onde permaneceu até 1961.

Ballard é autor de mais de 10 romances e diversos contos publicados em várias revistas e antologias. A grande maioria de seus escritos se enquadra no gênero da ficção científica.

O casamento entre a razão e o pesadelo, que tem dominado o século 20, deu origem a um mundo que é cada vez mais ambíguo. Pelo cenário das comunicações movem-se os espectros de tecnologias sinistras e os sonhos que o dinheiro pode comprar. Sistemas de armas termonucleares e comerciais de bebidas coexistem em um ofuscante reino governado pela publicidade e pelos pseudo-eventos, pela ciência e pela pornografia. Nossas vidas são presididas pelos grandes e geminados leitmotifs do século 20 sexo e paranóia.-Apesar do encanto de McLuhan com a alta velocidade dos mosaicos de informação, não conseguimos deixar de nos lembrar do profundo pessimismo de Freud em *A Civilização e seus Descontentes*. Voyeurismo, autoaversão, a base infantil de nossos sonhos e anseios — essas enfermidades da psique culminaram agora com a mais aterrorizadora perda do século: a morte do afeto.

Esta renúncia ao sentimento e à emoção sedimentou o caminho para todos os nossos mais reais e ternos prazeres: nas excitações provocadas pela dor e pela mutilação; no sexo como a arena perfeita, semelhante a uma cultura de pus estéril, para todas as verônicas de nossas próprias perversões; na liberdade moral de nos entregarmos à nossa própria psicopatologia como a um jogo; e nos nossos aparentemente ilimitados poderes para a criação de conceitos — o que os nossos filhos devem temer não são os automóveis nas auto-estradas de amanhã, mas o nosso próprio prazer em estabelecer os mais elegantes parâmetros para suas mortes.

Documentar os incômodos prazeres de viver no interior deste Glauco paraíso tem sido cada vez mais o papel da ficção científica. Acredito firmemente que a ficção científica, longe de ser um gênero menor e sem importância, na realidade representa a principal tradição literária do século 20, e certamente a mais antiga — uma tradição de resposta imaginativa à ciência e à tecnologia que segue uma linha ininterrupta, passando por H. G. Wells, Aldous Huxley, pelos escritores da moderna ficção científica norte-americana, até os inovadores atuais como William Burroughs.

O principal "fato" do século 20 é o conceito de possibilidade ilimitada. Este predicado da ciência e da tecnologia enfatiza a noção de uma moratória sobre o passado — a irrelevância e mesmo a morte do passado — e as ilimitadas alternativas disponíveis para o presente. O que liga o primeiro vôo dos irmãos Wright à invenção da pílula é a filosofia social e sexual do assento ejetor.

Dado este imenso continente de possibilidades, poucas literaturas parecem estar melhor equipadas para lidar com seus temas do que a ficção científica. Nenhuma outra forma de ficção tem o vocabulário de idéias e imagens necessário para abordar o presente, muito menos o futuro. A característica dominante da literatura moderna é o seu sentido de isolamento individual, sua atitude de introspecção e de alienação, uma disposição mental sempre indicada como sendo a marca registrada da consciência do século 20.

Longe disso. Ao contrário, parece-me que esta é uma psicologia que pertence inteiramente ao século 19, parte de uma reação contra as enormes restrições da sociedade burguesa, contra o caráter monolítico da época vitoriana e a tirania do pater familias, seguro

de sua autoridade financeira e sexual. Exceto pela tendência marcadamente retrospectiva, e pela obsessão com a natureza subjetiva da experiência, os seus verdadeiros temas são a racionalização da culpa e o estranhamento. Seus elementos são a introspecção, o pessimismo e a sofisticação. Se alguma coisa caracteriza o século 20 é o otimismo, é a iconografia do merchandising de massa, a ingenuidade e o prazer isentos de culpa diante de todas as possibilidades da mente.

A espécie de imaginação que se manifesta agora na ficção científica não é algo novo. Homero, Shakespeare e Milton, todos eles inventaram novos mundos para criticarem este aqui. A transformação da ficção científica em um gênero independente, e um tanto desonroso, é um desenvolvimento recente. Ele está relacionado com o quase desaparecimento da poesia dramática e filosófica, e com a lenta retração do romance tradicional na medida em que ele se preocupa, de modo cada vez mais exclusivo, com as nuances das relações humanas. Entre aquelas áreas negligenciadas pelo romance tradicional estão, em primeiro lugar, a dinâmica das sociedades humanas (o romance tradicional tende a retratar a sociedade como se fosse estática) e o lugar do homem no universo. Ainda que de modo cruel ou ingênuo, a ficção científica, pelo menos, tenta estabelecer uma moldura filosófica ou metafísica em torno dos mais importantes eventos de nossas vidas e de nossas consciências.

Se faço esta ampla defesa da ficção científica é porque, obviamente, minha própria carreira enquanto escritor esteve envolvida com ela durante quase vinte anos.

Desde o início, quando pela primeira vez voltei-me para a ficção científica, estava convencido de que o futuro era uma chave melhor para o presente do que o passado. Na época, contudo, estava insatisfeito com a obsessão da ficção científica com os seus dois temas principais — o espaço exterior e o futuro distante. Mais por propósitos emblemáticos do que por qualquer teoria ou programa, batizei o novo terreno que desejava explorar de "espaço interior", aquele domínio psicológico (manifesto, por exemplo, na pintura surrealista) no qual o mundo interior da mente e o mundo exterior da realidade encontram-se e se fundem.

O que desejava era, primordialmente, escrever ficção sobre os dias atuais. Fazer isto no contexto do final dos anos 50, em um mundo no qual o sinal do Sputnik I podia ser ouvido em qualquer rádio, como o farol avançado de um novo universo, exigia técnicas completamente diferentes daquelas disponíveis para o romancista do século 19. Na verdade, acredito que se pudessem esquecer toda a literatura existente e fossem obrigados a recomeçar sem qualquer conhecimento do passado, todos os escritores se veriam, inevitavelmente, produzindo algo muito próximo da ficção científica.

A ciência e a tecnologia multiplicam-se ao nosso redor. Em uma proporção cada vez maior, elas ditam as linguagens nas quais falamos e pensamos. Ou usamos essas linguagens ou permanecemos mudos. Contudo, por um paradoxo irônico, a moderna ficção científica tomou-se a primeira vítima do mundo cambiante que ela antecipara e ajudara a criar. O futuro concebido pela ficção científica dos anos 40 e 50 já pertence ao passado. Suas imagens dominantes, não somente aquelas dos primeiros vôos à Lua e das viagens interplanetárias, mas também as de um mundo cujas relações sociais e políticas são governadas pela tecnologia, assemelham-se agora a imensas peças de um velho cenário. Para mim, isto pode ser visto de maneira extremamente tocante no filme 2001: Uma Odisséia no Espaço, que significou o fim do período heróico da moderna ficção científica — seus panoramas e costumes admiravelmente concebidos, seus enormes cenários, lembraram-me.. E o Vento Levou, uma

representação científica que tornou-se uma espécie de romance histórico ao inverso, um mundo fechado no qual a dura luz da realidade contemporânea nunca conseguiu penetrar.

Nossos conceitos do passado, presente e futuro estão sendo forçados, de forma crescente, a sofrer um processo de revisão.

Assim como o passado, em termos sociais e psicológicos, tornou-se uma vítima de Hiroshima e da era nuclear (quase que por definição um período no qual somos todos forçados a pensar prospectivamente), o futuro também está deixando de existir, devorado por um presente que é todo voracidade. Anexamos o futuro ao nosso próprio presente, como mais uma simples alternativa entre as múltiplas que se abrem para nós. As opções multiplicam-se ao nosso redor, vivemos em um mundo quase infantil no qual qualquer demanda, qualquer possibilidade, seja por estilos de vida, viagens, papéis sexuais e identidades, pode ser instantaneamente satisfeita.

Além disso, sinto que o equilíbrio entre a ficção e a realidade alterou-se significativamente na década passada. Seus papéis estão sendo cada vez mais invertidos. Vivemos em um mundo governado por ficções de toda espécie o merchandising de massa, a publicidade, a política conduzida como um ramo da propaganda, a tradução instantânea da ciência e da tecnologia em imagens populares, a crescente mistura e interpenetração de identidades no reino dos bens de consumo, a apropriação pela televisão de qualquer resposta imaginativa livre ou original à experiência. Nossa vida é uma grande novela Para o escritor, em particular, torna-se cada vez menos necessário inventar o conteúdo ficcional de sua obra. A ficção já está aí. A tarefa do escritor é inventar a realidade.

No passado, sempre consideramos que o mundo exterior em tomo de nós representava a realidade, por mais incerta ou confusa que fosse, e que o mundo interior de nossas mentes, seus sonhos, esperanças e ambições, representava o reino da fantasia e da imaginação. Esses papéis também, me parece, foram invertidos. O mais prudente e efetivo método de lidar com o mundo ao nosso redor consiste em assumir que ele é uma ficção completa e, inversamente, que o único e pequeno núcleo de realidade que nos resta está no interior das nossas próprias cabeças. A clássica distinção de Freud entre os conteúdos manifesto e latente do sonho, entre o aparente e o real, precisa agora ser aplicada ao mundo externo da assim chamada realidade. Dadas essas transformações, qual é a principal tarefa com a qual se depara o escritor? Pode ele ainda utilizar as técnicas e as perspectivas do romance tradicional do século 19, com sua narrativa linear, sua cronologia medida e seus personagens consulares pretensiosamente povoando seus domínios no interior de uma ampla escala de tempo e de espaço? Serão os seus temas principais as fontes do caráter e da personalidade profundamente mergulhadas no passado, a calma inspeção das raízes, o exame das mais sutis nuances do comportamento social e das relações pessoais? Tem ainda o escritor a autoridade moral para inventar um mundo auto-suficiente e fechado, para conduzir seus personagens como um examinador, sabendo todas as questões de antemão? Pode ele deixar de lado tudo aquilo que prefere não compreender, inclusive os seus próprios motivos, preconceitos e psicopatologias? Sinto que o papel do escritor, sua autoridade e liberdade para agir, modificaram-se radicalmente. Sinto que, em certo sentido, o escritor não sabe mais de nada.

Ele não tem instância moral. Ele oferece ao leitor o conteúdo da sua própria cabeça, oferece um conjunto de opções e alternativas imaginativas. Seu papel é o do cientista que, no campo ou no laboratório, se depara com algo completamente desconhecido. Tudo que ele pode

fazer é estabelecer algumas hipóteses e testá-las contra os fatos.

Crash! é um livro assim, uma metáfora extrema para uma situação extrema, um conjunto de medidas desesperadas que só devem ser utilizadas em uma crise extrema. Se estou certo, e o que fiz nos últimos anos foi redescobrir o presente para mim mesmo, Crash! assume sua posição como um romance cataclísmico sobre os dias atuais, ao lado de minhas obras anteriores que abordam o cataclismo mundial no futuro próximo ou imediato — The Drowned World, The Drought e The Crystal World.

Crash!, naturalmente, não trata de um desastre imaginário, ainda que iminente, mas de um cataclismo pandêmico, institucionalizado por todas as sociedades industriais, que mata centenas de milhares de pessoas todos os anos e vitima milhões. Será que percebemos, na batida de carro, um presságio sinistro do casamento tenebroso entre o sexo e a tecnologia? Será que a moderna tecnologia nos proporcionará meios, até agora não sonhados, para controlar as nossas próprias psicopatologias? Será que esta utilização da nossa perversidade inata trará algum benefício concebível para nós? Será que existe aí uma lógica desviante mostrando-se mais poderosa do que aquela fornecida pela razão?

Em Crash! utilizei o carro não apenas como uma imagem sexual mas como uma metáfora total para a vida do homem na sociedade atual. Como tal, o livro tem um papel político bastante distanciado do seu conteúdo sexual, mas eu ainda gostaria de pensar que Crash! é o primeiro romance pornográfico baseado na tecnologia. Em certo sentido, a pornografia é a mais política das formas de ficção, pois tenta mostrar como nos usamos e nos exploramos mutuamente, da maneira a mais insistente e implacável possível.

Desnecessário dizer que o objetivo final de Crash! é admoestatório, é um aviso contra um mundo brutal, erótico e ofuscante, que nos acena, cada vez mais persuasivamente, das margens do cenário tecnológico.

J.G. Ballard

Vaughan morreu ontem na sua última batida de carro. Durante o tempo em que fomos amigos ele ensaiou sua morte em muitas batidas, mas este foi o seu único e verdadeiro acidente. Conduzindo o carro que dirigia em uma rota de colisão contra a limusine da atriz de cinema, ele ultrapassou a murada do viaduto do Aeroporto de Londres e mergulhou no teto de um ônibus repleto de passageiros. Os corpos esmagados dos turistas, como uma hemorragia do sol, ainda estavam uns sobre os outros nos assentos de vinil quando forcei minha passagem entre os técnicos da polícia uma hora mais tarde. Segurando o braço de seu chofer, a atriz de cinema Elizabeth Taylor, com quem Vaughan sonhara morrer durante tantos meses, permanecia isolada sob as luzes giratórias da ambulância. Quando me curvei sobre o corpo de Vaughan ela colocou a mão enluvada na garganta.

Poderia ela ver, na postura de Vaughan, a fórmula da morte que ele havia concebido para ela? Durante suas últimas semanas de vida Vaughan não pensara em mais nada a não ser na morte dela, uma coroação de feridas que ele teria representado com a devoção de um Earl Marshal. As paredes do seu apartamento, nas proximidades dos estúdios de cinema em Shepperton, estavam cobertas pelas fotografias que ele tirara com a lente zoom, todas as manhãs, quando ela saía do hotel em Londres, das passarelas sobre as vias de acesso à zona oeste da cidade e do terraço do edifício-garagem em frente aos estúdios. Eram detalhes ampliados dos joelhos e das mãos, Título dignatário concebido na Inglaterra ao diretor do Herald's College, centro de registro e estudo de questões relacionadas com a heráldica e a linhagem da nobreza.

Do lado esquerdo da boca e da parte interna das coxas dela, que eu constrangidamente preparava para Vaughan na máquina do escritório, entregando-lhe os pacotes de fotocópias como se fossem as prestações de um atestado de morte. Em seu apartamento, eu o observava complementar estes detalhes do corpo com fotografias de ferimentos grotescos tiradas de um livro de cirurgia plástica.

Na sua visão da batida com o carro da atriz, Vaughan estava obcecado pelas feridas e impactos — pelo cromo despedaçado e pelo desmantelamento das carrocerias chocando-se de frente em colisões complexas interminavelmente repetidas, como em filmes de câmera lenta, pelas feridas idênticas infligidas aos seus corpos, pela imagem dos estilhaços congelando o rosto dela, enquanto ela rompia o vidro do pára-brisa como uma Afrodite natimorta, pelas fraturas expostas em suas coxas provocadas pelo impacto das ferragens do freio de mão, e, acima de tudo, pelas feridas em suas genitálias, ela com o útero perfurado pela ponta do heráldico emblema do fabricante, ele com o sêmen espalhado pelos indicadores luminescentes que registravam para sempre a última temperatura e o combustível do motor.

Era somente nesses momentos, enquanto me descrevia a sua última batida, que Vaughan acalmava-se. Ele falava dessas feridas e colisões com a ternura erótica de um amante há muito separado. Remexendo nas fotografias em seu apartamento, ele costumava postar-se de lado para mim, de modo que a volumosa virilha me aquietasse com o seu perfil de um pênis quase ereto. Sabia que enquanto me provocasse com o próprio sexo, que usava casualmente como se pudesse, a qualquer momento, descartá-lo para sempre, eu jamais o abandonaria.



Dez dias atrás, quando roubava meu carro da garagem do meu prédio, Vaughan subiu em disparada pela rampa de concreto, saindo como uma ameaçadora máquina de uma armadilha. Ontem, o seu corpo estendia-se sob os holofotes da polícia embaixo do viaduto, coberto por um delicado véu de sangue. A postura de seus braços e pernas quebrados e a geometria sangrenta de seu rosto pareciam parodiar as fotografias de feridas que recobriam as paredes do apartamento.

Olhei pela última vez para sua enorme virilha, inundada de sangue. A uns vinte metros de distância, iluminada pelas luzes giratórias, a atriz apoiava-se no braço do chofer. Vaughan sonhara morrer no momento em que ela tivesse o seu orgasmo.

Antes de morrer, Vaughan tomara parte em muitas batidas. Quando penso nele, vejo-o nos carros roubados que dirigia e danificava, sempre envolvido por deformadas superfícies de metal e plástico. Dois meses antes, encontrei-o na pista inferior do viaduto do aeroporto, após o primeiro ensaio de sua própria morte. Um motorista de táxi ajudava duas trêmulas aeromoças a saírem de um pequeno carro contra o qual Vaughan colidira guinando subitamente da entrada de uma via de acesso lateral.

Enquanto caminhava em sua direção eu via-o através do pára-brisa quebrado do conversível branco que ele pegara no estacionamento do Terminal Oceânico. O rosto cansado, com a boca cheia de cicatrizes, estava iluminado por fragmentos de um arco-íris. Abri a porta do lado oposto ao do motorista. Vaughan estava sentado, recoberto de vidro, estudando a sua postura com um olhar complacente. As mãos, caídas de lado com as palmas para cima, estavam cobertas do sangue que saía das rótulas feridas. Ele examinou o vômito que manchava as lapelas do blusão de couro e inclinou-se para tocar as gotas de sêmen grudadas no painel de instrumentos.

Tentei retirá-lo do carro, mas as rígidas nádegas pareciam coladas como se tivessem sido presas ao expelir as últimas gotas de suas vesículas seminais. No assento ao lado estavam as fotografias rasgadas da atriz de cinema que eu produzira para ele naquela manhã no escritório. Detalhes ampliados dos lábios e das sobranceiras, do cotovelo e do busto formavam um mosaico partido.

Para Vaughan a batida de carro e a sua própria sexualidade haviam feito um casamento definitivo. Lembro-me dele, à noite, com jovens mulheres nervosas no banco traseiro de carros batidos e abandonados em ferro velhos, e de suas fotos de atos sexuais em posições incômodas. Elas, olhares tensos e coxas contorcidas iluminadas pelo flash da Polaroid, pareciam atônitas sobreviventes de um desastre submarino. Essas prostitutas iniciantes, que Vaughan encontrava nos bares e supermercados abertos durante toda a noite no Aeroporto de Londres, foram os primeiros equivalentes das ilustrações de pacientes nos livros de cirurgia. Durante a sua estudada corte de mulheres feridas, Vaughan estava obcecado com as infecções de bacilos produtores de gás, pelos ferimentos faciais e genitais.

Com Vaughan descobri o verdadeiro significado da batida de automóvel, o sentido das feridas dolorosas e das capotagens, o êxtase das colisões frontais. Juntos visitávamos o Laboratório de Pesquisas Rodoviárias, trinta quilômetros a oeste de Londres, e observávamos os veículos calibrados chocarem-se contra os blocos de concreto. Mais tarde, no seu apartamento, Vaughan projetava filmes em câmera lenta dos testes de colisões que fizera com sua filmadora. Sentados no escuro em almofadas sobre o chão, olhávamos para os impactos silenciosos que tremeluziam na parede acima de nossas cabeças. As repetidas seqüências de

carros sendo esmagados a princípio me acalmavam e depois me excitavam. Cruzando sozinho as auto-estradas, sob o brilho amarelo das luzes de sódio, eu me imaginava na direção daqueles veículos.

Durante os meses seguintes, Vaughan e eu passamos muitas horas dirigindo pelas auto-estradas no perímetro norte do aeroporto. Nas calmas noites de verão, essas vias expressas transformavam-se numa zona de terríveis colisões. Ouvindo as transmissões da polícia no rádio de Vaughan nós íamos de um acidente para outro.

Freqüentemente, nos detínhamos sob as luzes que sinalizavam os locais de colisões mais graves, observando enquanto os bombeiros e os técnicos da polícia trabalhavam com tochas de acetileno e guinchos para livrar esposas inconscientes presas ao lado de maridos mortos, ou esperávamos um médico passar desajeitadamente com um moribundo retirado de baixo de um caminhão tombado. Às vezes Vaughan era empurrado pelos outros espectadores, ou tinha que disputar suas câmeras com os enfermeiros da ambulância. Mais do que tudo, ele ansiava por colisões frontais com os pilares de concreto dos viadutos, pela melancólica conjunção formada entre um veículo esmagado abandonado na grama e a serena escultura de concreto em movimento.

Certa vez fomos os primeiros a chegar em um carro acidentado. O motorista era uma mulher de meia-idade, caixa da loja de bebidas do aeroporto que, ferida, permanecia instavelmente sentada na cabine esmagada, com fragmentos do pára-brisa engastados na frente, como jóias. Enquanto um carro da polícia aproximava-se, com a sirene pulsando na pista superior do elevador, Vaughan correu para pegar a câmera e o equipamento de flash. Tirando a minha gravata, procurei inutilmente pelos ferimentos da mulher. Ela encarou-me sem falar e tombou sobre o assento lateral. Vi o sangue irrigar a sua blusa branca. Depois de ter tirado a última foto, Vaughan ajoelhou-se dentro do carro e segurou o rosto dela cuidadosamente com as mãos, murmurando algo bem baixinho nos seus ouvidos. Juntos, ajudamos a erguê-la e a levá-la para a ambulância.

No caminho para o apartamento de Vaughan, ele reconheceu uma prostituta do aeroporto que estava na frente de um restaurante na estrada, uma lanterminha que dava meio-expediente em um cinema e que sempre estava preocupada com a deficiência do aparelho de surdez do filho pequeno. Enquanto eles se acomodavam no banco traseiro, ela reclamou com Vaughan o jeito nervoso como eu dirigia, mas ele estava observando os seus movimentos com um olhar abstrato, como se estivesse encorajando-a a gesticular com as mãos e os joelhos. No terraço deserto de um edifício-garagem em Northolt fiquei esperando na amurada. No assento traseiro do carro, Vaughan fez com que ela ficasse na mesma posição da caixa moribunda. Seu corpo enorme, curvado sobre o dela, refletido nas luzes dos faróis que passavam, assumia uma série de posições estilizadas.

Vaughan revelou-me todas as suas obsessões com o misterioso erotismo das feridas: a lógica perversa do painel de instrumentos encharcado de sangue, de cintos de segurança lambuzados de excrementos, de pára-sóis sulcados de tecido cerebral. Para Vaughan, cada carro batido provocava um frêmito de excitação, na geometria complexa de um pára-lama amassado, nas variações inesperadas na grade do radiador esmagado, na grotesca projeção do painel de instrumentos sobre a virilha do motorista, como se fosse um deliberado ato de felação da máquina. O tempo e o espaço mais íntimos de um ser humano estavam fossilizados para sempre nesta teia de cromos pontiagudos e de vidros foscos. Uma semana depois do

funeral da caixa da loja de bebidas, estávamos em um carro no perímetro oeste do aeroporto quando, de repente, Vaughan saiu da estrada e atropelou um grande cachorro viralata. O impacto do seu corpo, semelhante a uma martelada acolchoada, e os estilhaços de vidro, enquanto o animal deslizava sobre o teto, convenceram-me de que estávamos a ponto de morrer em uma batida. Vaughan não se deteve um momento sequer. Eu o observava acelerar sempre, com o rosto cortado próximo ao pára-brisa quebrado, raivosamente retirando os fragmentos de vidro fosco das suas faces. Já então os seus atos de violência haviam tornado-se tão gratuitos que eu nada mais era do que um espectador cativo. Na manhã seguinte, no terraço do estacionamento do aeroporto, onde abandonamos o carro, Vaughan calmamente apontou para mim as marcas profundas no capo e no teto. Ele acompanhou com o olhar um avião repleto de turistas que se erguia contra o céu, o rosto pálido franzido como o de uma criança pidona.

Os grandes sulcos triangulares no carro tinham sido formados pela morte de uma criatura desconhecida, cuja identidade esmagada estava abstraída na geometria daquele veículo. Quão mais misteriosas seriam as nossas próprias mortes, e as dos famosos e poderosos?

Esta primeira morte, entretanto, parecia tímida quando comparada com outras nas quais Vaughan tomara parte e com aquelas imaginárias que povoavam sua mente. Tentando esgotar-se, Vaughan concebera um almanaque aterrorizador de desastres automobilísticos imaginários com ferimentos insanos — os pulmões de homens idosos perfurados pelas maçanetas das portas, os tórax de jovens mulheres impalados pela coluna do volante, as faces de belos adolescentes rasgadas pelos aros de cromo dos faróis. Essas feridas eram, para ele, as chaves de uma nova sexualidade nascida de uma tecnologia perversa. Essas imagens pairavam na galeria de sua mente como as peças em exibição no museu de um matadouro.

Pensando agora em Vaughan, encharcado no próprio sangue sob os holofotes da polícia, recordo-me dos incontáveis desastres imaginários que ele descrevia enquanto cruzávamos juntos as vias expressas ao longo do aeroporto. Ele sonhava com limusines diplomáticas colidindo com caminhões-tanques carregados de gás butano, com táxis cheios de alegres crianças batendo de frente nas brilhantes vitrines de supermercados desertos. Sonhava com irmãos e irmãs há muito separados, encontrando-se por acaso em colisões nas vias de acesso a instalações petroquímicas, seu incesto inconsciente tornado explícito no choque do metal, na hemorragia de seus tecidos cerebrais escoando sob o alumínio das câmaras de compressão e das velas. Vaughan imaginava colisões traseiras em massa de inimigos mortais, cujas desejadas mortes eram celebradas por incêndios de gasolina nas valas à beira da estrada, com a pintura dos carros fervilhando sob a luz opaca do sol no entardecer de cidades provincianas. Ele visualizava batidas especializadas de criminosos fugitivos, recepcionistas de hotel presas entre o volante e o colo de seus amantes, a quem estavam masturbando. Pensava nas batidas de casais em lua-de-mel, sentados juntos depois de colidirem em alta velocidade com a suspensão traseira de caminhões carregados de açúcar. Ele pensava nas batidas de projetistas de automóveis, a mais abstrata de todas as mortes possíveis, feridos em seus carros com promíscuos técnicos de laboratório.

Vaughan elaborava variações intermináveis dessas colisões, pensando inicialmente em uma repetição de batidas frontais: um estuprador de crianças e um médico atarefado morrendo primeiro em uma colisão frontal e depois em uma capotagem; uma prostituta aposentada

chocando-se contra o parapeito de concreto de uma auto-estrada, o pesado corpo impelido através do pára-brisa quebrado, os órgãos em menopausa dilacerados pelo enfeite de cromo no capô. Seu sangue espalharia-se pela branca e lisa superfície do concreto, marcando para sempre a lembrança do técnico da polícia que carregava os pedaços do seu cadáver em uma sacola de plástico amarelo. Alternativamente, Vaughan via-a atingida por um caminhão que tombava em um posto de abastecimento na estrada, esmagando-a contra o carro enquanto ela abaixava-se para ajeitar o sapato do pé direito, os contornos do corpo gravados em uma moldura sangrenta no revestimento da porta. Ele via-a rompendo as muradas do viaduto e morrendo como ele próprio iria morrer mais tarde, mergulhando através do teto de um ônibus, cuja carga de destinos complacentes era multiplicada pela morte desta mulher míope de meia-idade. Via-a atingida por um táxi em alta velocidade enquanto ela saía do carro para aliviar-se em um banheiro da estrada, o corpo arremessado a trinta metros de distância numa rajada de urina e sangue.

Penso agora nas outras batidas que visualizávamos, nas mortes absurdas de feridos, aleijados e dementes. Penso nas colisões de psicopatas, acidentes implausíveis realizados com malícia e repugnância, nas viciosas colisões múltiplas produzidas em carros roubados pelas auto-estradas, entre escriturários exaustos. Penso nas batidas absurdas de donas-de-casa neurastênicas retornando das clínicas de doenças venéreas, atingindo carros estacionados em avenidas suburbanas. Penso nas batidas de esquizofrênicos excitados colidindo de frente com caminhonetes de lavanderia, paradas em ruas de mão única; em maníacos-depressivos esmagados ao fazerem inúteis retornos nas vias de acesso às auto-estradas; em infelizes paranóicos dirigindo a toda velocidade contra os muros no fim de conhecidos becos-sem-saída; em enfermeiras sádicas decapitadas nas batidas invertidas em trevos complexos; em gerentes de supermercado lésbicas queimando até a morte no interior de seus pequenos carros desmantelados, ante os olhares estóicos de bombeiros de meia-idade; em crianças autistas esmagadas em batidas traseiras, os olhos feridos menos pela morte; em ônibus repletos de doentes mentais mergulhando estoicamente juntos, nos canais de despejos industriais.

Muito antes da morte de Vaughan eu começara a pensar na minha própria morte. com quem eu morreria e desempenhando qual papel-psicopata, neurastênico, criminoso foragido? Vaughan sonhava sem cessar com a morte de gente famosa, inventando colisões imaginárias para elas. Em torno das mortes de James Dean e Albert Camus, de Jayne Mansfield e John Kennedy, ele tecia elaboradas fantasias. Sua imaginação era uma galeria de alvos com atrizes de cinema, políticos, empresários e executivos da televisão. Vaughan seguia-os por toda a parte com sua câmera, a lente zoom observando da plataforma do Terminal Oceânico no aeroporto, do mezanino dos hotéis e do estacionamento nos estúdios. Para cada um deles, Vaughan imaginava uma automorte ideal. Onassis e sua mulher morreriam em uma recriação do assassinato de Dealey Plaza. Ele via Reagan em uma complexa colisão traseira, morrendo uma morte estilizada que expressava a obsessão de Vaughan com os órgãos genitais de Reagan, semelhante à sua obsessão com as requintadas rotas do púbis da atriz de cinema sobre os assentos de vinil das limusines alugadas.

Depois da última tentativa de matar minha mulher Catherine, percebi que Vaughan finalmente recolhera-se para o seu mundo interior. Em seu ofuscante reino governado pela violência e pela tecnologia, ele estava agora dirigindo para sempre a cento e sessenta por hora ao longo de uma auto-estrada vazia, passando por postos desertos na beira de amplos

descampados, aguardando a vinda do próximo carro. Em sua mente, Vaughan via o mundo inteiro morrendo em um desastre de carro simultâneo, com milhões de veículos projetando-se juntos em um congresso terminal com órgãos esguichando e motores pingando.

Recordo minha primeira pequena colisão no estacionamento deserto de um hotel. Perturbados por uma patrulha da polícia, forçamo-nos a executar um apressado ato sexual.

Saindo do estacionamento bati numa árvore que não tinha visto. Catherine vomitou sobre o assento. Esta pequena poça de vômito com coágulos de sangue iguais a rubis líquidos, viscosa e discreta, como qualquer coisa produzida por Catherine, ainda representa para mim a essência do delírio erótico da batida de carro, mais excitante do que a sua própria mucosa do reto e da vagina, tão refinada quanto o excremento de uma bicha delicada, ou as minúsculas gotas que se formavam em suas lentes de contato quando fervidas.

Nesta poça mágica, saída de sua garganta como um precioso fluido da boca de um distante e misterioso ídolo, vi o meu próprio reflexo, um espelho de sangue, sêmen e vômito, destilado por uma boca cujos contornos poucos minutos atrás estavam firmemente grudados no meu pênis. Agora que Vaughan morreu, partiremos com aqueles que estavam ao seu lado, como um grupo de pessoas atraídas por um aleijão ferido cujas posturas deformadas revelassem as fórmulas secretas de suas mentes e de suas vidas. Todos nós que conhecíamos Vaughan aceitávamos o erotismo perverso da batida de carro, tão doloroso quanto a extração de um órgão exposto através de uma incisão cirúrgica. Eu já observara casais que copulavam movendo-se ao longo de auto-estradas escuras durante a noite, homens e mulheres à beira do orgasmo, acelerando seus carros, em uma série de trajetórias convidativas, na direção dos faróis ofuscantes que vinham em sentido contrário.

Rapazes sozinhos no volante de seus primeiros carros, velharias retiradas dos depósitos de ferro-velho, masturbando-se enquanto rodavam sem destino com os pneus carecas. Após uma quase-colisão próxima de um cruzamento, o sêmen espalhava-se sobre o velocímetro quebrado. Mais tarde, os resíduos secos daquele mesmo sêmen seriam varridos pelos cabelos cheios de laquê da primeira garota que curvasse sobre o seu colo e colocasse a boca no seu pênis.

Com a mão direita no volante, ele conduzia o carro através da escuridão rumo a um trevo com vários elevados, as freadas bruscas drenando o seu sêmen enquanto ele aproximava-se da traseira de um caminhão carregado de televisões a cores; com a esquerda ele fazia o clitóris dela vibrar até o orgasmo enquanto os faróis do caminhão brilhavam como admoestação no retrovisor. Mais tarde ainda, ele observa enquanto um amigo pega uma adolescente no banco traseiro. Mãos sujas de graxa de mecânico expunham as nádegas dela aos cartazes de propaganda que rapidamente passavam por eles. As pistas molhadas reluziam com o brilho dos faróis e as marcas das freadas. A lança do pênis cintila por cima da garota enquanto ele bate no rasgado teto de plástico do carro, marcando o tecido amarelo com seu esmegma.

A última ambulância foi embora. Uma hora antes a atriz de cinema fora levada em sua limusine. Na luz noturna, o concreto branco do corredor da colisão, debaixo do viaduto, parecia uma pista de pouso secreta da qual máquinas misteriosas decolariam para um céu metalizado. O aeroplano de vidro de Vaughan voava em algum lugar acima das cabeças dos enfatiados espectadores que retornavam a seus carros, acima do policial cansado que reunia as malas esmagadas e as bolsas dos turistas. Pensei no corpo de Vaughan, mais frio agora, com

sua temperatura retal declinando tanto quanto a das outras vítimas da colisão.

Através do ar da noite, esses gradientes caíam como fochos de luz dos prédios da cidade e da quente mucosa da atriz de cinema na suíte do seu hotel. Dirigi de volta para o aeroporto. As luzes ao longo da Avenida Ocidental iluminavam os carros que passavam, correndo juntos rumo à sua celebração de feridas.

Comecei a compreender o significado real da excitação provocada pela batida de carro após o meu primeiro encontro com Vaughan.

Caminhando com suas pernas tortas e cheias de cicatrizes, repetidamente feridas em diversas colisões, a figura soturna e mal-ajambrada deste cientista marginal surgiu na minha vida em um momento no qual as suas obsessões eram evidentemente as de um homem louco. Dirigindo dos estúdios em Shepperton para casa em uma tarde de junho, após uma forte chuva, o meu carro derrapou no cruzamento abaixo da entrada para o viaduto da Avenida Ocidental. Em segundos estava deslizando na pista a noventa quilômetros por hora. Quando bati no canteiro central, o pneu do lado direito estourou e desprendeu-se do aro. Fora de controle, o carro atravessou o canteiro e ficou de contramão na rampa de saída para a pista de alta velocidade. Três veículos estavam aproximando-se, carros especiais produzidos em série cujos modelos, ano de fabricação, cores e acessórios externos ainda me lembro com a dolorosa precisão de um pesadelo que não pode ser evitado. Dos dois primeiros me livrei, freando e mal conseguindo desviar o meu carro entre eles. No terceiro, que trazia uma jovem médica e o marido, eu bati de frente. O homem, um engenheiro químico que trabalhava em uma companhia americana de alimentos, morreu instantaneamente, projetado através do pára-brisa como um colchão do cano de um canhão de circo. Ele morreu no capô do meu carro, com o sangue espalhando-se através do pára-brisa quebrado por todo o meu rosto e o meu peito. Os bombeiros que mais tarde retiraram-me da cabine esmagada, imaginaram que eu estava sangrando até a morte com uma ferida que deixara meu coração exposto.

Eu me machuquei muito pouco. No caminho para casa, depois de ter deixado minha secretária Renata, que estava liberando-se de um caso mal resolvido comigo, eu ainda estava usando o cinto de segurança que deliberadamente colocara para poupá-la de um abraço embaraçante. Meu peito chocara-se violentamente contra o volante e os joelhos bateram no painel de instrumentos, enquanto o meu corpo deslocava-se para frente, colidindo com o painel do carro, mas o meu único ferimento sério foi um nervo cortado no couro cabeludo. As mesmas forças misteriosas que me salvaram de ser impalado pelo volante também salvaram a mulher do jovem engenheiro.

Com exceção de uma pancada no maxilar superior e de vários dentes balançados, ela não sofrera nada. Durante as primeiras horas no Hospital Ashford, tudo que conseguia perceber era a imagem dos dois trancados juntos, face a face, nos carros, com o corpo de seu marido moribundo estendido sobre nós sobre a capota do meu carro. Nós nos olhávamos através dos pára-brisas quebrados, incapazes de fazer qualquer movimento. A mão de seu marido jazia, a poucos centímetros de mim, com a palma para cima, ao lado do limpador de pára-brisa direito. Ela batera em algum objeto rígido no momento em que ele fora projetado do assento, e a marca de um sinal formou-se ali, sendo transformado pela circulação agonizante em uma imensa bolha de sangue — o emblema do tritão no radiador do meu carro.

Preso pelo cinto em diagonal, a mulher sentada atrás do volante encarava-me de um modo curiosamente formal, como se estivesse insegura sobre o motivo daquela nossa reunião. O rosto bonito, encimado por uma larga e inteligente frente, possuía o olhar vazio e

impassível de uma madona em um ícone do início da Renascença, relutante em aceitar o milagre, ou o pesadelo, que brotava do seu baixo ventre. Apenas uma vez uma emoção refletiu-se nele, quando ela pareceu olhar-me claramente pela primeira vez e um ricto peculiar retorceu a sua face direita, como se um nervo tivesse ficado retesado. Será que ela compreendeu então que o sangue que cobria minha face e meu peito era o de seu marido?

Nossos carros foram cercados por um círculo de espectadores, cujos rostos silenciosos nos observavam com enorme seriedade.

Após esta breve pausa, tudo entrou em atividade maníaca. Pneus cantando, meia dúzia de carros subiram ao meio-fio e estacionaram no canteiro central. Um enorme congestionamento formou-se ao longo da Avenida Ocidental, com sirenes gemendo enquanto os faróis da polícia reluziam nos pára-choques traseiros dos veículos parados em fila ao longo do viaduto. Um homem idoso, vestindo uma capa de plástico transparente, puxou apreensivamente a porta atrás de mim, como se temesse que o carro pudesse dar-lhe um poderoso choque elétrico. Uma mulher jovem, segurando uma manta axadrezada, abaixou a cabeça na altura da janela. A poucos centímetros de distância, ela encarou-me com os lábios franzidos, como uma carpideira perscrutando o corpo estendido em um caixão aberto. Inconsciente de qualquer dor naquele momento, fiquei sentado com a mão direita apoiada no volante. Ainda presa pelo cinto de segurança, a mulher do homem morto estava recuperando os sentidos. Um pequeno grupo de pessoas — um motorista de caminhão, um soldado uniformizado de folga e uma vendedora de sorvete — estava estendendo as mãos para ela através das janelas, aparentemente tocando em partes do seu corpo. Ela fez um gesto para que elas se afastassem e soltou o cinto do peito', tateando com a mão livre o mecanismo cromado de liberação. Por um momento senti que éramos os atores principais no clímax de um sinistro drama ensaiado em um teatro tecnológico, envolvendo aquelas máquinas esmagadas, o homem morto na colisão entre elas e as centenas de motoristas esperando ao lado do palco com seus faróis reluzentes.

A jovem mulher estava sendo socorrida no carro. A incômoda posição de suas pernas e os movimentos angulares da sua cabeça pareciam imitar o destorcido alinhamento dos nossos carros. O capô retangular do meu fora arrancado da base, abaixo do pára-brisa, e o estreito ângulo entre ele e os pára-lamas parecia, para minha mente exausta, reproduzir-se em tudo ao meu redor — nas expressões e atitudes dos espectadores, na rampa de subida para o viaduto, no percurso dos aviões que alçavam vôo nas distantes pistas do aeroporto. Ela foi cuidadosamente retirada do carro por um homem moreno que vestia o uniforme azul-escuro de piloto de uma companhia aérea árabe. Um filete de urina escorreu involuntariamente entre suas pernas, depositando-se sobre a estrada. O piloto segurou seus ombros de um modo firme e confiante.

Parados ao lado de seus carros, os espectadores olhavam aquela poça se formar no macadame manchado de óleo. Na luz declinante da tarde formaram-se arco-íris em torno dos seus enfraquecidos tornozelos. Ela virouse e olhou para mim com uma expressão peculiar no rosto ferido, uma clara mistura de preocupação e hostilidade. Entretanto, tudo que eu podia ver era a extraordinária junção de suas coxas, abertas para mim daquele jeito destorcido. Não foi a sexualidade do gesto que permaneceu na minha mente, mas a estilização dos terríveis acontecimentos que nos envolveram, os extremos de dor e violência ritualizados naquele movimento das suas pernas, como a pirueta exagerada de uma deficiente mental que vi certa



vez numa apresentação de Natal em uma instituição.

Agarrei o volante com as duas mãos, tentando permanecer imóvel. Um tremor contínuo sacudiu o meu peito, quase impedindo-me de respirar. Um policial segurou o meu ombro fortemente com a mão. Um outro colocou o chapéu longo e oval sobre o capô, ao lado do homem morto, e começou a puxar a porta.

O impacto frontal comprimira a parte dianteira do carro, imprensando as fechaduras das portas.

Um enfermeiro curvou-se sobre mim e Cortou a manga do meu braço direito. Um jovem vestido com um traje escuro puxou a minha mão pela janela. Enquanto a agulha hipodérmica penetrava no meu braço fiquei imaginando se aquele médico, que mais parecia um garotão, tinha idade suficiente para estar profissionalmente qualificado. Fui tomado por uma inquieta euforia no caminho para o hospital. Vomitei sobre o volante, meio consciente de uma série de fantasias desagradáveis. Dois bombeiros arrancaram a porta de dobradiças. Depois de atirá-la na estrada eles olharam atentamente para mim, como se fossem assistentes de um toureiro chifrado. Até mesmo os seus menores movimentos pareciam formalizados, as mãos estendendo-se para mim em uma série de gestos codificados. Se um deles desabotoasse sua grossa calça de sarja para mostrar a genitália e pressionasse o pênis na minha axila cheia de sangue, até este ato bizarro teria sido aceitável em termos de estilização da violência e do salvamento. Esperei que alguém viesse me reanimar enquanto permanecia ali, sentado, coberto pelo sangue de outro homem e a urina da jovem viúva formava arco-íris em torno dos pés dos meus salvadores. com base nesta mesma lógica de pesadelo, os bombeiros correndo na direção dos destroços incendiados de aviões acidentados poderiam escrever slogans obscenos ou humorísticos no asfalto escaldante com seus jatos de dióxido de carbono, os carrascos poderiam vestir suas vítimas com roupas grotescas. Por sua vez, as vítimas poderiam estilizar a chegada da morte com gestos irônicos, beijando solenemente a coroa das armas dos seus carrascos, desfraldando bandeiras imaginárias. Cirurgiões cortariam-se cuidadosamente antes de fazer as primeiras incisões, esposas murmurariam casualmente os nomes de seus amantes no momento do orgasmo com os maridos, prostitutas chupando o pênis de seus fregueses poderiam, sem machucar muito, dar uma mordida bem na ponta da glândula. A mesma dolorosa dentada que ganhei certa vez de uma prostituta cansada e irritada com minha ereção hesitante, que me fez lembrar os gestos estilizados dos enfermeiros nas ambulâncias e dos frentistas nos postos de gasolina, cada um deles com seu repertório de movimentos particulares.

Mais tarde, soube que Vaughan colecionava fotos dos rostos contorcidos das enfermeiras de acidentes. Suas peles escuras mediavam toda a dissimulada sexualidade que Vaughan dava a elas. Seus pacientes morriam no intervalo de uma passada a outra de suas solas de borracha, no movimento de suas coxas, enquanto elas se esbarravam nas portas das salas de emergência.

O policial ergueu-me do carro, carregando-me com mãos firmes para a maca. Já então, sentia que estava distante da realidade daquele acidente.

Tentei sentar-me na maca, e tirei as pernas debaixo da coberta. O jovem médico empurrou-me de volta, forçando meu peito com a palma da mão. Surpreso pela irritação em seus olhos, voltei a deitar-me passivamente.

O corpo retalhado do homem morto foi retirado do capô do carro. Sentada como uma madona ensandecida entre as portas da outra ambulância, sua esposa olhava abstratamente

para o tráfego vespertino. O ferimento na face direita estava lentamente deformando o seu rosto na medida em que os tecidos atingidos enchiam-se de sangue. Eu já estava cômico de que as entrelaçadas grades dos radiadores de nossos carros formavam o modelo de uma perversa e inescapável união entre nós. Fiquei olhando para os contornos de suas coxas. A cobertura cinza formava uma graciosa duna sobre elas. Em algum ponto por trás daquela barreira estava o tesouro do seu púbis. A forma e a inclinação daquela protuberância, a sexualidade intocada daquela mulher inteligente, pairavam sobre os trágicos acontecimentos da tarde.

As berrantes luzes azuis dos carros da polícia giraram na minha cabeça durante as três semanas seguintes em que fiquei acamado na enfermaria vazia de um hospital de acidentados perto do Aeroporto de Londres. Naquela tranqüila área de depósitos de carros usados, de reservatórios de água e de centros de recuperação, cercada pelos sistemas de auto-estradas que serviam ao Aeroporto de Londres, comecei a recobrar-me do acidente. Duas enfermarias com vinte e quatro leitos — o número máximo de sobreviventes previsto — estavam permanentemente reservadas para as possíveis vítimas de um acidente aéreo. Uma delas era ocasionalmente ocupada por acidentados em batidas de carro.

Nem todo o sangue que me recobriria pertencia ao homem que eu matara. Os médicos asiáticos na sala de emergência descobriram que ambas as rótulas fraturaram quando chocaram-se contra o painel de instrumentos. Longos espasmos de dor percorriam a parte interna das coxas até a virilha, como se finas sondas de metal estivessem sendo enfiadas através das veias das minhas pernas.

Três dias depois da primeira cirurgia nos joelhos peguei uma pequena infecção hospitalar. Eu ficava na enfermaria deserta, ocupando um leito que pertencia por direito a uma vítima de um desastre aéreo, pensando de uma maneira desordenada nos ferimentos e dores que ela poderia estar sentindo. Ao meu redor, os leitos vazios continham centenas de histórias de colisões e perdas, a tradução de ferimentos através da violência dos acidentes aéreos e automobilísticos. Duas enfermeiras moviam-se pela enfermaria, arrumando as camas e os headphones dos aparelhos de rádio. Aquelas jovens afáveis eram devotas no interior de uma catedral de feridas invisíveis, com suas sexualidades em flor pairando sobre as mais terríveis mutilações faciais e genitais.

Enquanto elas ajustavam o aparelho em torno das minhas pernas, eu ouvia os aviões levantarem vôo no Aeroporto de Londres.

A geometria deste complexo mecanismo de tortura parecia, de alguma forma, relacionar-se com as curvas e contornos dos corpos daquelas jovens mulheres. Quem seria o próximo ocupante deste leito — uma caixa de banco de meia-idade, a caminho das Baleares, com a cabeça cheia de gin e o púbis umedecido voltado para o viúvo enfasiado sentado ao seu lado? Após um grave acidente no Aeroporto de Londres o seu corpo ficaria marcado durante anos pelos ferimentos no abdômen produzidos pelo fecho do cinto de segurança. Toda vez que ela fosse ao banheiro do seu restaurante provinciano, com a debilitada bexiga causando dores agudas na usada uretra, durante cada ato sexual com o marido prostático, ela pensaria naqueles poucos segundos antes da colisão. Seus ferimentos fixariam para sempre esta infidelidade imaginada.

Será que minha mulher, quando visitava a enfermaria todas as tardes, chegou a imaginar que propósitos sexuais me levaram ao viaduto da Avenida Ocidental? Quando ela sentava-se ao meu lado, avaliando com um olhar mordaz que partes vitais da anatomia do marido foram deixadas para ela, eu estava certo de que lia a resposta de suas perguntas não formuladas nas cicatrizes do meu peito e das minhas pernas.

As enfermeiras me cobriam de cuidados, executando suas dolorosas tarefas. Quando

elas recolocavam os drenos nos meus joelhos, eu tentava não vomitar os sedativos, fortes o bastante para me manter quieto, mas não o suficiente para aliviar a dor. Só o temperamento delas, vivo e sagaz, me reanimava.

Um médico jovem e louro, com uma expressão dura e insensível, examinava os ferimentos no meu peito. A pele estava dilacerada em torno da borda inferior do esterno, onde batera a saliência da buzina projetada pelo esmagamento do compartimento do motor. Uma equimose semicircular marcava o meu peito, um arco-íris marmóreo indo de um mamilo a outro. Durante a semana seguinte este arco-íris transmudou-se em uma seqüência de tons semelhante ao espectro das cores envernizadas dos automóveis.

Enquanto olhava para mim mesmo percebi que a forma e o modelo exatos do meu carro poderiam ser reconstruídos por um engenheiro com base no padrão das minhas feridas.

O layout do painel de instrumentos, assim como o perfil do volante que bateu contra o meu peito, estava impresso nos meus joelhos e tíbias. O impacto da segunda colisão entre o meu corpo e o painel do carro estava definido nesses ferimentos, assim como os contornos do corpo de uma mulher podem ser evocados, por algumas horas, nas impressões deixadas na nossa própria pele logo após um ato sexual.

No quarto dia, sem qualquer razão evidente, os anestésicos foram suspensos. Todas as manhãs, eu vomitava no recipiente esmaltado que uma enfermeira segurava sob o meu rosto. Ela me encarava com um olhar fixo mas bem-humorado. A fria borda da cuba fazia pressão contra a minha face. Sua superfície de porcelana estava marcada por um pequeno fio de sangue deixado por algum desconhecido usuário anterior.

Eu apoiava minha testa contra a forte coxa da enfermeira enquanto vomitava. Seus dedos desgastados, juntos da minha boca machucada, contrastavam estranhamente com sua pele jovem. Ficava então pensando na sua vagina, Quando será que ela lavara pela última vez aquela valeta úmida? Durante a minha recuperação, questões como esta me obcecavam enquanto conversava com os médicos e as enfermeiras. Quando será que eles lavaram pela última vez suas genitálias; será que pequenos pedaços de matéria fecal ainda estavam grudados em seus ânus enquanto prescreviam algum antibiótico contra estreptococos na garganta; será que o odor de atos sexuais ilícitos infestava suas roupas íntimas ao dirigirem de volta para casa, com os vestígios de secreções vaginais e de esmegma em sua mãos, misturando-se com a água do radiador em colisões inesperadas? Deixei escorrer algumas golfadas de bÍlis dentro do recipiente, consciente dos suaves contornos das coxas da jovem enfermeira. Uma pequena costura da sua túnica de algodão fora remendada com uma linha preta. Olhei para as espirais que recobriam a superfície redonda de sua nádega esquerda. Suas curvaturas pareciam tão arbitrárias e tão expressivas quanto as feridas no meu peito e nas minhas pernas.

Esta obsessão com as possibilidades sexuais e tudo que me cercava fora despertada em minha mente pela colisão. Eu imaginava a enfermaria repleta de vítimas convalescentes de um desastre aéreo, a mente de cada uma delas tomada pelas imagens de um bordel. A colisão entre os nossos carros fora o modelo de uma definitiva e ainda não sonhada união sexual. Os ferimentos dos pacientes ainda a serem admitidos acenavam para mim, uma imensa enciclopédia de sonhos possíveis.

Catherine parecia estar bem cônica dessas fantasias. Durante suas primeiras visitas, eu estava em estado de choque e ela familiarizou-se com o ambiente e a atmosfera do hospital,

trocando piadas bem-humoradas com os médicos. Enquanto uma enfermeira levava o meu vômito, Catherine puxou habilmente a mesa de metal no pé da cama e depositou sobre ela uma pilha de revistas. Ela sentou-se ao meu lado, lançando um olhar vivo ao meu rosto barbudo e minhas mãos aflitas.

Tentei sorrir para ela. As pontadas no ferimento em minha cabeça, que formava uma segunda linha um pouco abaixo do couro cabeludo, dificultavam minhas tentativas para mudar de expressão.

No espelho que as enfermeiras seguravam diante do meu rosto eu parecia um contorcionista assustado, espantado com a própria anatomia desviante.

— Sinto muito — disse segurando a mão dela. -. Devo parecer muito deprimido.

— Você está bem — respondeu. — Muito bem. Você está parecendo uma das vítimas no museu de cera de Madame Tussaud.

— Tente vir amanhã. -Eu virei.

Ela tocou na minha frente, olhando cuidadosamente para o ferimento na cabeça.

— Trarei alguma maquiagem para você. Imagino que o único cuidado cosmético que os pacientes recebem aqui é o da Mortuária Ashford.

Olhei para ela mais claramente. A demonstração de afeto e preocupação conjugai surpreendeu-me de modo agradável. A distância mental entre o meu trabalho no estúdio de uma televisão comercial em Shepperton e a sua florescente carreira no setor de turismo internacional da Pan American nos afastara cada vez mais durante os últimos anos. Catherine estava agora aprendendo a pilotar e abrira com um dos seus amigos uma pequena empresa para vôos charter de turismo. Todas essas atividades ela desenvolvia com um único propósito, o de marcar deliberadamente a sua independência e autoconfiança, aventurando-se em um terreno que mais tarde pudesse lhe trazer algum proveito.

Eu reagia a tudo isto como a maioria dos maridos, desenvolvendo rapidamente um extenso repertório de atitudes resignadas.

O pequeno mas determinado zumbido do seu aeroplano cruzava o céu sobre o nosso apartamento todo fim-de-semana, um sinal que parecia dar o tom do nosso relacionamento.

O médico louro caminhava pela enfermaria, aprovando com a cabeça o que Catherine dizia. Ela afastou-se de onde eu estava, as pernas nuas revelando as coxas e o púbis roliço, avaliando sagazmente o potencial sexual daquele jovem homem. Notei que ela estava vestida mais para o almoço com um executivo de uma companhia de aviação do que para visitar o marido em um hospital. Mais tarde soube que ela fora incomodada no aeroporto por policiais que estavam investigando a morte na estrada.

Obviamente o acidente, e uma possível acusação de homicídio culposo contra mim, transformaram-na em uma espécie de celebridade.

— Esta enfermaria é reservada para as vítimas de acidentes aéreos — disse a ela. — As camas são mantidas à espera.

— Se o meu avião cair no sábado você poderá acordar e me encontrar na cama ao lado.

Catherine olhou para as camas vazias, provavelmente visualizando cada ferimento imaginário.

— Você vai sair da cama amanhã. Eles querem que você ande um pouco disse ela encarando-me solicitamente. — Pobrezinho. Será que você não está sendo gentil com eles?

Deixei isto passar, mas ela acrescentou:

— A mulher do outro homem é uma médica, doutora Helen Remington. Cruzando as pernas, ela acendeu desajeitadamente um cigarro com um isqueiro que eu nunca vira antes. Que novo amante teria lhe dado aquela coisa horrorosa, claramente de uso masculino? Feito no cartucho de uma metralhadora de avião, parecia muito mais uma arma. Há anos que eu era capaz de adivinhar os casos de Catherine, quase que poucas horas depois de seu primeiro encontro sexual, simplesmente percebendo qualquer nova disposição física ou mental — um súbito interesse em algum vinho de terceira classe, uma postura diferente em relação à política da aviação civil. Muitas vezes eu podia descobrir o nome do seu último amante bem antes que ela o revelasse no clímax de nossos atos sexuais. Este jogo provocante nós precisávamos jogar. Deitados na cama, nós elaborávamos um encontro amoroso completo, desde o primeiro bate-papo em uma festa numa companhia aérea até o próprio ato sexual. O clímax desses jogos era o nome do parceiro ilícito. Retido até o último instante, ele sempre produzia os mais intensos orgasmos em nós dois. Muitas vezes eu sentia que esses casos aconteciam meramente para proporcionar a matéria-prima de nossos jogos sexuais.

Observando a fumaça do cigarro flutuar pela enfermaria deserta, fiquei imaginando com quem ela passara os últimos dias.

O pensamento de que o marido matara um outro homem dera, sem dúvida, uma dimensão inesperada a seus atos sexuais, provavelmente realizados na nossa cama à vista do telefone cromado que lhe anunciara as primeiras notícias do meu acidente. Os elementos das novas tecnologias interligavam as nossas afeições.

Irritado pelo barulho dos aviões, levantei-me apoiando-me em um cotovelo. Os ferimentos no peito tomavam dolorosa a minha respiração. Catherine olhou-me com uma expressão preocupada, como se temesse que eu pudesse morrer naquela posição. Ela colocou o cigarro nos meus lábios. Aspirei indecisamente a fumaça com sabor de gerânio. A quente ponta do cigarro, manchada de batom cor-de-rosa, trazia o cheiro único do corpo dela, um aroma que eu esquecera naquele hospital saturado de fenol. Ela tentou pegar o cigarro, mas conservei-o em meu poder como uma criança. Aquela ponta manchada me fez lembrar os bicos dos seus seios, lambuzados de batom, que eu pressionava contra o rosto, os braços e o peito, imaginando secretamente serem marcas de feridas. Em um pesadelo eu a vi certa vez parindo o filho do diabo, com os seios intumescidos esguichando fezes líquidas.

Uma auxiliar de enfermagem, de cabelos escuros, entrou na enfermaria. Sorrindo para minha esposa, ela ergueu a roupa de cama e retirou o vidro com urina que estava entre as minhas pernas. Ao inspecionar o seu nível, ela roçou pelos lençóis. Instantaneamente o meu pênis começou a gotejar, fiz um esforço para controlar o esfíncter, entorpecido pela longa sucessão de anestésicos. Deitado lá, com a bexiga enfraquecida, ficava imaginando por que, após aquele trágico acidente envolvendo a morte de um homem desconhecido — sua identidade, apesar das indagações que fizera a Catherine, permanecia um enigma para mim, como um oponente anônimo morto em um duelo sem sentido —, todas aquelas mulheres ao meu redor pareciam atender apenas às minhas zonas mais infantis. As enfermeiras que esvaziavam o urinol e trabalhavam minhas entranhas com os aparelhos de lavagem, que guiavam o meu pênis através da abertura do pijama e ajustavam os drenos nos joelhos, que retiravam o pus dos curativos na cabeça e limpavam minha boca com as mãos firmes — essas mulheres engomadas com todas as suas funções lembravam-me aquelas que me serviram na infância, comissárias que guardavam meus orifícios.

Uma auxiliar de enfermagem moveu-se ao redor da cama, as coxas dissimuladas sob a saia de algodão, com os olhos fixos na glamurosa figura de minha esposa. Estaria calculando quantos amantes ela tivera desde o acidente, excitada pela estranha postura do marido naquela cama, ou — mais banal — o custo de suas roupas caras e de suas jóias? Catherine, por sua vez, fitava descaradamente o corpo da jovem mulher. Sua avaliação do contorno das coxas e das nádegas, dos seios e das axilas, e da conexão deles com as barras cremadas da aparelhagem nas minhas pernas, uma escultura abstrada concebida para realçar aquela figura esbelta, era franca e interessada.

Um interessante indício de lesbianismo delineou-se na mente de Catherine. Muitas vezes, enquanto nos amávamos, ela me pedia que eu a visualizasse tendo relações com outra mulher — geralmente sua secretária Karen, uma jovem carrancuda de batom prateado que passara toda a festa de fim de ano da companhia olhando fixamente, sem se mover, para minha esposa, como um pointer no cio. Catherine me perguntava com frequência de que modo poderia deixar-se seduzir por Karen. Logo depois ela veio com a sugestão de visitarem juntas uma loja de departamentos, onde poderia pedir a Karen para ajudá-la a escolher suas roupas de baixo. Esperei por elas fora do cubículo, no meio dos cabides de camisolas. De vez em quando eu olhava pelas cortinas e via as duas juntas, corpos e dedos envolvidos na suave tecnologia dos seios de Catherine e dos sutiãs concebidos para realçá-los com esta ou aquela vantagem. Karen estava tocando em minha mulher com carícias peculiares, fazendo deslizar suavemente sobre ela a ponta dos seus dedos, primeiro nos ombros ao longo das marcas cor-de-rosa deixadas pela roupa de baixo, depois nas costas, onde o fecho de metal do sutiã deixara um medalhão impresso na pele, e, finalmente, nos sulcos provocados pelo elástico logo abaixo dos seios, Catherine parecia estar em um estado de transe, falando para si mesma em voz baixa, enquanto a ponta do indicador da mão direita de Karen tocava o seu mamilo.

Eu me lembrava do olhar enfasiado que a vendedora, uma mulher de meia-idade com uma expressão corrupta no pequeno rosto, me deu quando as duas jovens saíram, removendo rapidamente a cortina como se tivessem terminado um interlúdio sexual. Ela dava claramente a entender que não era eu apenas quem sabia o que estava acontecendo, que aquelas cabines eram usadas com frequência para esses propósitos e que Catherine e eu iríamos explorar mais tarde a experiência em nossos próprios e complexos prazeres. Ao sentar no carro ao lado de minha mulher, meus dedos percorreram o painel de controle, ligando a ignição, o indicador de direção, selecionando a marcha. Percebi que estava modelando meus gestos no carro quase do mesmo modo como Karen tocara no corpo de Catherine. O erotismo soturno e a elegante distância que ela mantivera entre seus dedos e os mamilos de minha mulher estavam sendo recapitulados por mim e o carro.

A persistente atração erótica de Catherine por sua secretária parecia um interesse tanto na idéia de amá-la quanto nos prazeres físicos do ato sexual em si mesmo.

Essas buscas, entretanto, começaram a tornar todos os nossos relacionamentos, entre nós mesmos e com outras pessoas, cada vez mais abstratos. Logo ela se tornou incapaz de alcançar um orgasmo sem a fantasia elaborada de um ato sexual lésbico com Karen, com seu clitóris sendo lambido, mamilos tocados e ânus acariciado.

Essas descrições pareciam ser uma linguagem em busca de objetos ou até mesmo, talvez, o início de uma nova sexualidade divorciada de qualquer expressão física possível.

Presumi que ela fizera amor com Karen pelo menos uma vez, mas nós agora atingíamos

um ponto no qual isto não mais importava, nem tinha relação com coisa alguma, a não ser alguns centímetros de mucosa vaginal, unhas, lábios e mamilos machucados. Deitado na enfermaria do hospital, eu observava Catherine apreciar as pernas esguias e as fortes nádegas da enfermeira, o cinto azul-escuro que contornava sua cintura e os amplos quadris. Cheguei quase a esperar que Catherine avançasse e colocasse a mão nos peitos daquela jovem mulher, ou introduzisse-a por baixo da saia curta, deslizando sua palma no rego entre as nádegas até o úmido perínco. Longe de soltar um grito de ultraje, ou mesmo de prazer, a enfermeira provavelmente continuaria no seu trabalho de arrumação, indiferente a este gesto sexual, cujo significado não seria maior do que o de uma observação banal.

Catherine retirou um bloco de papel manilha de sua bolsa. Reconheci o esboço de um comercial para a televisão que eu havia preparado.

Era um projeto caríssimo, comerciais de trinta segundos anunciando toda a linha de novos carros esportes da Ford, no qual esperávamos utilizar atrizes famosas. Poucas horas antes do meu acidente eu tivera uma reunião com Aida James, uma diretora que contratáramos. Por acaso, uma das atrizes, Elizabeth Taylor, estava em vias de começar a trabalhar em um novo filme em Shepperton.

— Aida telefonou para dizer que sentia muito. Você pode dar uma olhada no esboço novamente? Ela fez algumas mudanças.

Afastei o bloco com um gesto, olhando para o meu reflexo no espelho de mão de Catherine. O nervo atingido na cabeça havia rebaixado um pouco a minha sobrancelha direita, um tapa-olho embutido que parecia encobrir o meu novo caráter de mim mesmo. Esta acentuada distorção era evidente em tudo ao meu redor. Eu encarava o meu rosto pálido, como o de um manequim, tentando ler os seus traços. A pele lisa parecia pertencer a um personagem de um filme de ficção-científica, saindo de sua nave após uma longa viagem no interior do ofuscante solo de um planeta desconhecido. A qualquer momento o céu poderia deslizar...

Sentindo um impulso perguntei:

— Onde está o carro?

— Lá fora, no estacionamento.

— O quê?

Apoiei-me em um cotovelo, tentando ver através da janela atrás da minha cama.

— O meu carro, não o seu.

Eu o tinha visualizado em exibição, como uma espécie de advertência, do lado de fora das salas de operação.

— Está completamente destroçado. A polícia rebocou-o para o depósito atrás da estação.

— Você o viu?

— O sargento pediu-me para identificá-lo. Ele não acreditou que você tinha conseguido sobreviver.

Ela apagou o cigarro.

— Sinto muito pelo outro homem, o marido da doutora Hamilton.

Olhei fixamente para o relógio em cima da porta, desejando que ela fosse embora logo. Essa falsa comiseração para com o homem morto me irritava, uma mera desculpa para o exercício de ginástica moral. A rudeza das jovens enfermeiras era parte da mesma pantomima de lamentações. Eu pensara no homem morto durante horas, visualizando os efeitos de sua



morte sobre a mulher e a família. Eu pensara nos seus últimos momentos de vida, nos frenéticos milésimos de segundo de dor e violência, nos quais ele fora catapultado de um prazeroso interlúdio doméstico para um pequeno concerto de morte metalizada.

Esses sentimentos existiam no meu relacionamento com o homem morto, na realidade das feridas em meu peito e pernas, e na inesquecível colisão entre o meu corpo e o painel do carro. Em comparação, o falso pesar de Catherine era a mera estilização de um gesto — eu esperava que ela começasse a cantar, que batesse na testa, que mexesse nas papeletas dos pacientes, que ligasse os headphones dos leitos.

Ao mesmo tempo, eu sabia que meus sentimentos em relação ao homem morto e sua esposa médica já estavam ofuscados por algumas hostilidades indefinidas, sonhos meio formados de vingança.

Catherine observava-me tentar recuperar minha respiração. Peguei a sua mão esquerda e pressionei-a contra o meu estorno. Na sua visão sofisticada eu já estava transformando-me em uma espécie de caso emocional, tomando meu lugar ao lado daquelas cenas de dor e violência que iluminavam as margens de nossas vidas — noticiários na televisão sobre guerras e distúrbios estudantis, sobre desastres naturais e brutalidade policial, que vagamente assistíamos a cores no nosso quarto enquanto nos masturbávamos.

Esta violência vivenciada em locais tão diferentes estava intimamente associada aos nossos atos sexuais. As pancadarias e os incêndios casavam-se em nossas mentes com os deliciosos tremores de erotismo de nossos tecidos, o sangue derramado dos estudantes com os fluidos genitais que irrigavam nossos dedos e bocas. Até mesmo minha própria dor enquanto jazia na cama do hospital, quando Catherine colocava o urinol de vidro entre as minhas pernas, com as unhas pintadas arranhando o meu pênis, até mesmo os refluxos do nervo vago que acometiam o meu peito, pareciam extensões daquele mundo real de violência acalmado e domado pelos programas de televisão e pelas páginas das revistas.

Catherine deixou-me descansando, levando com ela metade das flores que trouxera. Enquanto o mais velho dos médicos asiáticos observava-a da porta, ela parou hesitante nos pés da cama sorrindo para mim de um modo subitamente afetuoso, como se não estivesse segura de que iria me ver de novo.

Uma enfermeira entrou na enfermaria segurando uma bacia em uma das mãos. Ela era nova na seção dos acidentados, uma mulher de ar refinado chegando aos quarenta. Após um cumprimento amável, ela puxou a roupa de cama e começou a examinar cuidadosamente as minhas feridas, com os olhos sérios percorrendo as bordas machucadas.

Tentei atrair sua atenção, mas ela encarou-me tranqüilamente e continuou com o trabalho, conduzindo a esponja em torno da bandagem central que passava por entre as minhas pernas. Em que estaria pensando ela — no jantar do marido, na última doença dos filhos? Teria consciência das partes do automóvel sombreadas como impressões digitais na minha pele e na minha musculatura?

Talvez ela estivesse imaginando que modelo eu dirigia, adivinhando o peso da cabine, estimando a inclinação da coluna do volante.

— De que lado você quer ele?

Olhei para baixo. Ela estava segurando o meu pênis flácido com o polegar e o indicador, esperando eu decidir se queria que ele ficasse do lado direito ou esquerdo da bandagem central.

Enquanto eu pensava nesta estranha decisão, o rápido vislumbre de uma primeira ereção, desde o acidente, percorreu as cavernas do meu pênis. refletindo-se em um ligeiro alívio na tensão dos seus dedos imaculados.

Este impulso reanimador, a idéia de que meu sexo logo estaria pronto para funcionar, quase que literalmente me fez levantar da cama. Em três dias eu já ia mancando para a fisioterapia, levava recados para as enfermeiras e perambulava pelo quarto dos médicos, tentando conversar sobre assuntos profissionais com aqueles mais entendiados. A sensação de vitalidade sexual afastou o meu ânimo abatido, o confuso sentimento de culpa em relação ao homem que matara. A semana posterior ao acidente fora um labirinto de dor e de fantasias insanas. Devido aos hábitos da vida cotidiana, com seus dramas silenciosos, toda a minha capacidade orgânica para lidar com o sofrimento físico há muito estava esquecida ou embotada. A batida fora a única experiência real que sofrera nos últimos anos. Pela primeira vez, eu estava em confronto físico com o meu próprio corpo, uma enciclopédia inexaurível de dores e alívios, com o olhar hostil de outras pessoas e com o fato de ter morto um homem. Depois de ter sido interminavelmente bombardeado pela propaganda de segurança nas estradas, era quase um alívio encontrar-me em um acidente de verdade. Como qualquer um que fosse massacrado por aqueles cartazes e filmes na televisão sobre acidentes imaginários, eu sentia a vaga e incômoda sensação de que o terrível clímax da minha vida estava sendo ensaiado com anos de antecipação, e teria lugar em alguma auto-estrada ou cruzamento conhecidos somente pelos autores daqueles filmes.

Às vezes, eu chegava mesmo a especular sobre o tipo de acidente trágico no qual morreria.

Fui mandado para a seção de raio-X, onde uma amável e jovem mulher, que discutia comigo a situação da indústria de filmes, começou a fotografar os meus joelhos.

Eu gostava de conversar com ela, de ver o contraste entre a sua visão idealista da produção de filmes comerciais e o modo prosaico como ela operava o seu equipamento bizarro.

Como em todos os técnicos de laboratório, havia qualquer coisa de clinicamente sexual no corpo roliço dentro daquela roupa branca. Seus fortes braços envolveram-me, arrumando minhas pernas como se eu fosse um enorme boneco desmontável, um daqueles sofisticados robôs humanóides dotado de todos os orifícios imagináveis e da capacidade de reagir à dor. Reclinei-me para trás enquanto ela se concentrava na ocular de sua máquina. O seio esquerdo avolumou-se estufando a jaqueta branca, o tórax dilatou-se logo abaixo da clavícula. Em algum lugar no interior daquele complexo de náilon e algodão engomado jaziam grandes e inertes mamilos, com suas faces cor-de-rosa sufocadas pelo cheiro da roupa. Eu olhava sua boca, cerca de trinta centímetros da minha, enquanto ela ajeitava os meus braços em uma nova posição. Inconsciente da minha curiosidade sobre o seu corpo, ela caminhava para o comutador de controle remoto. Como poderia eu despertá-la para a vida — batendo com uma daquelas pesadas tomadas de metal em uma cavidade na base de sua espinha? Talvez ela então se tornasse mais viva, conversando comigo de modo animado sobre a última retrospectiva de Hitchcock, iniciando uma discussão agressiva sobre os direitos das mulheres, balançando os quadris de um jeito provocativo, desnudando um seio.

Em vez disso, nós nos olhávamos no meio daquela parafernália eletrônica como se

fôssemos completamente desprovidos de cérebro.

Os sinais de erotismos invisíveis, de atos sexuais não imaginados, permaneciam esperando no meio daqueles equipamentos complexos. A mesma sexualidade oculta pairava sobre as filas de passageiros que se moviam pelos terminais dos aeroportos, nas junções de suas genitálias mal encobertas e a nacelas das gigantescas aeronaves, nos trejeitos das aeromoças. Dois meses antes do meu acidente, durante uma viagem a Paris, fiquei tão excitado com a conjunção da saia de gabardine castanho-claro de uma aeromoça que ia na minha frente na escada rolante e a fuselagem distante de uma aeronave, inclinada como um pênis prateado na direção de sua bunda, que involuntariamente toquei sua nádega esquerda. Alisei com a mão uma pequena depressão no tecido ligeiramente gasto, enquanto a jovem mulher, inteiramente de costas para mim, apoiava o corpo ora na perna esquerda ora na direita. Após uma longa pausa, ela voltou-se e me olhou com um ar de quem percebera tudo. Mostrei-lhe a minha maleta e murmurei alguma coisa em francês pidgin, ao mesmo tempo em que fazia a elaborada pantomima de um tropeço na escada rolante, quase chegando a perder o equilíbrio. O vôo para Orly começou sob o olhar cético de dois passageiros que testemunharam o episódio, um negociante holandês e sua mulher. Durante a breve viagem fui dominado por uma intensa excitação e fiquei pensando no estranho cenário tátil e geométrico dos aeroportos, nas barras de alumínio fosco e nos laminados imitando madeira.

Até mesmo o meu relacionamento com o jovem garçom no bar fora mantido graças aos sistemas de luzes que contornavam sua cabeça calva, aos azulejos nas paredes e ao seu uniforme estilizado. Pensei nos meus últimos e forçados orgasmos com Catherine, no sêmen sendo lentamente jogado na sua vagina pela minha pelve entediada. Por cima das silhuetas do seu corpo agora pairavam as excitações metalizadas de nossos compartilhados sonhos tecnológicos. Os elegantes respiradouros de alumínio nas paredes da seção de raio-X atraíam de um modo tão convidativo quanto o mais quente dos orifícios orgânicos.

— Tudo bem, terminou para você.

Ela apoiou o forte braço nas minhas costas e colocou-me sentado, o corpo tão próximo do meu quanto estaria em um ato sexual.

Segurei seu braço acima do cotovelo, com meu punho pressionando os seus seios. Atrás dela, estava o aparelho de raio-X com o enorme suporte e os grossos cabos espalhados pelo assoalho. Enquanto eu me arrastava pelo corredor podia sentir a pressão daquelas mãos fortes em várias partes do corpo.

Cansado de andar com as muletas, fiz uma pausa perto da entrada para a enfermaria das mulheres acidentadas, encostando na parede divisória do corredor externo. Estava havendo uma alteração entre a irmã encarregada e uma jovem enfermeira de cor. Ouvindo entediadas a discussão, as pacientes permaneciam deitadas em suas camas. Duas delas estavam suspensas por uma tração nas pernas, como se fossem envolvidas pelas fantasias de um ginasta enlouquecido.

Uma das minhas primeiras incumbências fora a de recolher amostras da urina de uma velha naquela enfermaria, que tinha sido atropelada por uma criança de bicicleta.

A perna direita fora amputada e ela agora passava todo o tempo enrolando um cachecol de seda no pequeno cotoco, atando e reatando as pontas como se embrulhasse um interminável pacote. Durante o dia, esta velha terna e senil era o orgulho das enfermeiras, mas à noite, quando não havia nenhum visitante, ela era humilhada quando precisava da comadre e

solenemente ignorada pelas duas freiras que ficavam tricotando no quarto dos médicos. A irmã interrompeu a reprimenda e girou nos calcanhares. Uma jovem mulher usando penhoar e um médico de jaleco branco passaram pela porta de uma enfermaria privativa, reservada para os "amigos" do hospital: membros da equipe de enfermagem, médicos e seus familiares. Eu já vira o homem antes, várias vezes, sempre com o peito nu por baixo do jaleco branco, desempenhando atividades não muito mais exaltantes que as minhas. Presumi que era um estudante graduado especializando-se em cirurgia de acidentados naquele hospital do aeroporto. Suas mãos fortes carregavam uma pasta repleta de fotografias. Quando ele mascava chicletes, com suas mandíbulas marcadas por cicatrizes, eu tinha a súbita sensação de que ele estava transacionando, pelas enfermarias, fotos obscenas, chapas de raio-X pornográficas e resultados não divulgados dos exames de urina. Um medalhão de bronze balançava no seu peito, preso por um cordão de seda preto, mas o que despertava a atenção nele eram as cicatrizes em torno da testa e da boca, resíduos de algum terrível ato de violência. Imaginei que ele fosse um daqueles jovens e ambiciosos médicos que cada vez surgiam mais na profissão, oportunistas com a imagem de um marginal elegante, francamente hostis aos seus pacientes. Minha breve estadia no hospital convencera-me de que a profissão médica era uma porta aberta para qualquer um que nutrisse um profundo rancor contra a raça humana.

Ele olhou-me de cima abaixo, observando cada detalhe dos meus ferimentos com um interesse evidente, mas eu estava mais interessado na jovem mulher que se movia na minha direção apoiando-se numa bengala. Esta ajuda era claramente uma afetação, um disfarce de postura que lhe permitia pressionar o rosto contra os ombros erguidos e ocultar as marcas da equimose na face direita. Na última vez que a vira, ela estava sentada na ambulância ao lado do corpo do marido, encarando-me com um ódio contido.

— Doutora Remington?

Sem pensar, eu perguntara o seu nome. Ela aproximou-se de mim, mudando o modo de segurar na bengala, como se estivesse preparando-se para batê-la na minha cara.

Ela mexia a cabeça com um movimento peculiar do pescoço, deliberadamente voltando seu ferimento para mim. Fez uma pausa quando chegou perto da porta, esperando que eu saísse do caminho. Olhei para a cicatriz no seu rosto, uma costura de dez centímetros, fechada por um zíper invisível, indo do canto do olho direito até o ápice da boca. Esta nova linha formava com a dobra nasolabial uma imagem semelhante às linhas da palma de uma sensível e indefinível mão. Lendo uma biografia imaginária na história daquela pele, eu visualizava-a como uma glamurosa, porém aplicada, estudante de medicina saindo de uma longa adolescência, quando se formou, para uma série de encontros sexuais inconstantes, culminados, felizmente, por uma profunda união emocional e genital com o marido engenheiro, cada um agarrando o corpo do outro como Crusoe aos destroços de seu navio. A pele enrugada por baixo do seu lábio inferior já marcava a aritmética da viuvez, o cálculo desesperado de que nunca mais encontraria um outro amante como ele. Eu estava cômico do seu corpo forte debaixo do roupão cor de malva, o tórax parcialmente protegido por um revestimento de gesso branco que descia de um ombro até a axila oposta, igual a um vestido de baile em um clássico de Hollywood.

Decidida a me ignorar, ela caminhou toda empertigada pelo corredor, desfilando seu rancor e sua ferida.

Durante os meus últimos dias no hospital, não vi mais a doutora Helen Remington, mas

enquanto permanecia deitado na enfermaria vazia pensava constantemente na colisão que nos unira. Uma poderosa sensação de erotismo brotou entre mim e aquela jovem e consternada mulher, quase como se eu, inconscientemente, desejasse recolocar o marido morto no seu útero. Penetrando em sua vagina entre as estantes de metal e os cabos brancos da seção de raio-X, eu, de algum modo, traria seu marido de volta, a partir da conjunção de sua axila esquerda com o suporte cromado da câmara, do casamento de nossas genitálias com o elegante véu que recobria as lentes.

Eu ouvia as enfermeiras discutindo no quarto. Catherine me visitava. Ela ensaboara a mão com um sabonete que estava em um pires com água no meu armário e fitava com os olhos pálidos a janela cheia de flores enquanto me masturbava, segurando com a mão esquerda um cigarro de marca diferente. Bruscamente, ela começou a falar sobre o acidente e as investigações da polícia. Ela descreveu os danos no carro com a persistência de um voyeur, quase aborrecendo-me com uma vívida descrição da grade do radiador amassada e do sangue espalhado pelo capô.

— Você deveria ter ido ao enterro — disse a ela.

— Eu queria ir — respondeu prontamente. — Eles enterram os mortos rápido demais; deveriam deixá-los expostos por alguns meses. Eu não estava preparada.

— Remington estava preparado.

— Suponho que ele estava.

— E quanto a sua mulher? — perguntei. — A médica. Você já a visitou?

— Não, não pude. Sinto-me muito fechada para ela.

Já então Catherine me olhava sob uma nova ótica. Será que ela me respeitava, e talvez até mesmo me invejasse, por ter matado alguém praticamente do único modo pelo qual pode-se hoje tirar legalmente a vida de uma pessoa? Na batida de carro, a morte era dirigida pelos vetores da velocidade, da violência e da agressão. Será que

Catherine reagia às imagens desses vetores fixadas, como numa chapa fotográfica"ou na seqüência de um filme, nas escuras feridas do meu corpo e nas marcas físicas do volante? As cicatrizes no meu joelho esquerdo, acima da rótula fraturada, eram uma réplica exata dos botões que ligavam os limpadores do pára-brisa e os faroletes.

Quando comecei a me aproximar do orgasmo ela passou a ensaboar a mão a cada dez segundos, esquecendo-se do cigarro, concentrando sua atenção naquele orifício do meu corpo como as enfermeiras que me assistiram nas primeiras horas após o acidente. Quando o sêmen jorrou na mão de Catherine, ela segurou com força o meu pênis, como se aquele primeiro orgasmo após a batida fosse a celebração de um evento ímpar.

O seu olhar extasiado me fez lembrar da governanta italiana contratada por um executivo milanês com quem passamos um verão em Sestrí Levante. Era uma solteirona empertigada que dedicava prazerosamente sua vida aos órgãos sexuais do menino de dois anos de quem ela cuidava, beijando sempre o pequeno pênis, chupando a glândula para engrossá-la, e exibindo-o com imenso orgulho. Inclinei compassivamente a cabeça, minha mão entre as suas coxas por baixo da saia. Sua mente agradavelmente promíscua, alimentada durante anos por uma dieta de desastres aéreos e guerras nos telejornais, pela violência transmitida nas escuras salas dos cinemas, fez uma conexão imediata entre o meu acidente e todas as terríveis fatalidades do mundo percebidas como parte de suas recreações sexuais. Acaricieei fortemente sua quente coxa até a altura da virilha, depois deslizei meu dedo indicador em torno da coifa de cabelos

louros que se encrespava como uma chama por cima de sua vulva. Seus órgãos genitais pareciam ter sido equipados por um excêntrico dono de armarinho.

Esperando mitigar a hiperexcitação que a minha colisão provocara em Catherine — agora tornada maior, mais cruel e mais espetacular pela memória — comecei a acariciar o seu clitóris. Perturbada, ela entregou-se logo, beijando com força a minha boca como se não esperasse me ver vivo novamente. Falou sem parar como se pensasse que a minha colisão ainda não tivesse ocorrido.

— Você pretende dirigir? Mas as suas pernas... James, você mal pode andar!

Enquanto corríamos pela deserta Avenida Ocidental a mais de cem quilômetros por hora, a voz de Catherine soava como a tranqüilizadora observação de uma esposa muito preocupada. Recostei-me no assento móvel de seu carro esporte, observando prazerosamente ela afastar de seus olhos os cabelos louros, as mãos esguias segurando e afastando-se do pequeno volante revestido de pele de leopardo. Desde meu acidente, o modo dela dirigir tornara-se pior, e não melhor, como se agora estivesse segura de que as forças ocultas do universo iriam garantir sua errática passagem por aquelas avenidas de concreto em alta velocidade. Apontei no último instante para o caminhão que surgiu subitamente na nossa frente, com o reboque refrigerado pulando de um lado para o outro sobre os pneus excessivamente cheios. Catherine meteu o pequeno pé no pedal do freio, desviando-nos do caminhão para a pista de baixa velocidade. Guardei o folheto da locadora de automóveis e olhei para as cercas vivas que guameciam as extremidades desertas do aeroporto. Uma paz imensa parecia pairar sobre o concreto desgastado e a grama mal cuidada.

As enormes janelas envidraçadas dos terminais e os prédios de estacionamento por trás faziam parte de um reino encantado.

— Você vai alugar um carro... por quanto tempo?

— Uma semana. Estarei por perto do aeroporto. Você poderá me vigiar do escritório.

— Farei isso.

— Catherine, eu preciso sair mais — disse batendo com os punhos no pára-brisa. — Não posso ficar sentado na varanda para sempre... estou começando a me sentir como uma planta num vaso.

— Eu compreendo.

— Não, você não compreende.

Durante a semana passada, depois de ter vindo do hospital para casa em um táxi, fiquei sentado na mesma cadeira reclinável na varanda do nosso apartamento, olhando através das barras anodizadas da sacada para uma vizinhança estranha dez andares abaixo. No primeiro dia, mal reconheci o interminável cenário de concreto e metal que se estendia dos elevados ao sul do aeroporto, passando por suas imensas pistas, até o conjunto de novos apartamentos ao longo da Avenida Ocidental. O nosso apartamento ficava um quilômetro e meio ao norte do aeroporto, em um agradável recanto projetado com prédios modernos, postos de abastecimento e supermercados, protegido da distante via principal de Londres por um acesso lateral para o elevador circular que passava bem diante de nós com suas elegantes colunas de concreto. Eu olhava para esta imensa escultura em movimento, cuja pista de tráfego parecia quase tão alta quanto a sacada na qual eu me apoiava.

Comecei a me orientar de novo pelo seu fluxo tranqüilo, a me refamiliarizar com suas perspectivas de velocidade, propósito e direção. As casas de nossos amigos, a loja onde eu comprava bebidas, o pequeno cinema de arte onde Catherine e eu víamos filmes americanos de vanguarda e fitas alemãs de instrução sexual, faziam parte de um mesmo conjunto em torno



dos paredões do elevado. Percebi que já não eram os habitantes humanos daquele cenário tecnológico que determinavam suas necessidades mais agudas, suas chaves para as zonas fronteiriças da identidade. O agradável passeio de Francês Waring, a tediosa mulher do meu associado, através das borboletas do supermercado local, as brigas domésticas de nossos abastados vizinhos, todas as esperanças e fantasias deste plácido enclave suburbano, mergulhado em milhares de infidelidades, nada significavam diante da sólida realidade dos aterros e elevados, com sua geometria fixa e constante, diante das enormes áreas dos pátios de estacionamento.

Enquanto voltava do hospital para casa com Catherine, fiquei surpreso ao perceber o quanto, para mim, a imagem do carro se modificara, quase como se a sua verdadeira natureza tivesse sido exposta pelo meu acidente. Apoiado na janela traseira do táxi, percebi que me encolhia de excitação quando o fluxo do trânsito passava pelos trevos da Avenida Ocidental. Lampejos da luz da tarde, refletidos no painel de cromo, moviam-se rapidamente, enfeitando a minha pele. O persistente ruído das grades do radiador, a movimentação dos carros na direção do Aeroporto de Londres ao longo das pistas ensolaradas, os sinais e as placas de orientação — tudo isto parecia ameaçador e super-real, tão excitante quanto transformar essas auto-estradas em aceleradas máquinas de fliperama de uma sinistra galeria de diversões.

Percebendo que eu estava superexcitado, Catherine ajudou-me rapidamente no elevador. O visual do nosso apartamento fora modificado. Afastando-me dela, fui para a varanda. As ruas lá embaixo estavam repletas de carros, congestionando os estacionamentos dos supermercados e subindo pelos calçamentos. Dois acidentes pequenos ocorreram na Avenida Ocidental, provocando um enorme engarrafamento ao longo do viaduto que cruzava a entrada do túnel para o aeroporto. Sentando-me nervosamente na varanda, enquanto Catherine me observava da sala, com a mão no telefone por trás de suas costas, eu olhava pela primeira vez para aquela imensa coroa de celulose polida que se estendia do horizonte ao sul até as estradas ao norte. Senti uma sensação indefinida de extremo perigo, quase como se estivesse para acontecer um acidente envolvendo todos aqueles carros. Os passageiros nos aviões que levantavam vôo do aeroporto estavam fugindo da área do desastre, escapando daquele iminente autogeddon. Essas premonições de um desastre continuaram a se manifestar. Durante os meus primeiros dias em casa permaneci quase o tempo todo na varanda, observando o trânsito mover-se ao longo do elevado, decidido a captar os primeiros sinais deste fim do mundo automobilístico, do qual tivera um ensaio particular com o meu próprio acidente.

Chamei Catherine na varanda e mostrei-lhe uma pequena colisão na via de acesso ao sul do elevado. A caminhonete branca de uma lavanderia batera na traseira de um carro especial cheio de convidados para um casamento.

— Eles são como um ensaio. Quando todos tivermos ensaiado nossos papéis individuais, aí é que a coisa vai começar de verdade.

Um avião estava sobrevoando o centro de Londres, com as rodas abaixadas passando por cima das capotas dos carros barulhentos.

— Mais uma carga de vítimas ansiosas... alguém pode até esperar ver Breughel e Hieronymus Bosch cruzando as auto-estradas em carros alugados numa locadora.

Catherine ajoelhou-se diante de mim, apoiando o cotovelo no braço cremado da cadeira. Eu vira o mesmo brilho no painel de instrumentos do meu carro enquanto permanecia sentado atrás do volante quebrado, esperando que a polícia me libertasse. Ela explorou com algum

interesse os contornos modificados da minha rótula. Catherine tinha uma curiosidade natural e saudável para o perverso em todas as suas formas.

— James, eu tenho que ir para o escritório... será que você vai ficar bem? Ela sabia muito bem que eu era capaz de trapacear em qualquer coisa que a envolvesse.

— Naturalmente. O tráfego não está mais pesado agora? Parece que existe agora três vezes mais carros do que antes do acidente.

— Eu realmente nunca percebi. Você não quer tentar pedir o carro do zelador emprestado?

Seu cuidado era tocante. Desde o acidente, ela parecia completamente à vontade comigo, pela primeira vez em muitos anos.

Minha batida fora uma experiência caprichosa, de um tipo que sua vida e sua sexualidade ensinaram-lhe a compreender. Meu corpo, que ela colocara em uma particular perspectiva sexual cerca de um ano após o nosso casamento, agora excitava-a novamente. Ela estava fascinada com as cicatrizes no meu peito, tocando-as com os lábios umedecidos de saliva. Essas alegres mudanças eu próprio sentia. Certa vez, o corpo de Catherine deitado ao lado do meu na cama parecera tão inerte e frio quanto o exercício sexual com uma boneca dotada de uma vagina de neopreno. Humilhando-se a si mesma por suas próprias razões perversas, ela sairia tarde para o escritório depois de zanzar pelo apartamento, expondo partes do seu corpo para mim, bem consciente de que o último serviço que eu queria dela era o orifício louro entre as suas pernas.

Segurei-a pelo braço.

— vou descer com você. Não fique tão protetora.

Do pátio, observei-a indo para o aeroporto no seu carro esporte, com a branca virilha ostentando um vistoso sinal entre as coxas roliças. A geometria variante de seu púbis fazia a delícia dos enfasiados motoristas que observavam os mostradores rotativos das bombas nos postos de gasolina.

Depois que ela se foi, resolvi dar um passeio pelo subsolo do prédio. Cerca de doze veículos, a maioria pertencente às esposas dos advogados e executivos de cinema que moravam ali, estavam estacionados na garagem. O local reservado para o meu carro ainda estava vazio, com as familiares manchas de óleo marcando o cimento. Examinei, sob a luz sombria, os luxuosos painéis de instrumentos. Um cachecol de seda estava jogado na parte traseira de um deles.

Lembrei-me de Catherine descrevendo nossos objetos pessoais espalhados pelo fundo e pelos assentos do meu carro após a batida — um mapa de viagens, um vidro vazio de esmalte e uma revista de negócios. O afastamento dessas peças de nossas vidas, como se memórias intactas e intimidades tivessem sido retiradas por um grupo de demolição, era parte da mesma repetição de um lugar comum que eu, de modo trágico, provocara com a morte de Remington. As listras cinzas da manga do seu casaco, a brancura do colarinho da sua camisa estariam para sempre presentes naquele acidente.

Os veículos engarrafados no elevado começaram a buzinar, formando um coro desesperador. Olhando para as manchas de óleo na minha vaga na garagem, eu pensava no homem morto.

Todo o acidente parecia estar preservado por aquelas marcas indeléveis, a polícia, os espectadores e os enfermeiros da ambulância paralisados, enquanto eu permanecia sentado no

meu carro esmagado.

Um rádio de pilha começou a tocar atrás de mim. O zelador, um jovem com os cabelos quase na cintura, retomara ao seu posto ao lado da entrada do elevador. Ele sentou-se na mesa de metal com um braço em torno da namorada, que mais parecia uma criança. Ignorando seus olhares respeitosos, caminhei de volta para o pátio. A avenida de duas pistas que levava ao centro comercial da vizinhança estava deserta, com carros estacionados sob os plátanos. Satisfeito por poder andar sem ser atingido por alguma dona de casa agressiva, caminhei pela avenida parando de vez em quando para descansar em um pára-lama limpo. Faltava um minuto para as duas e o shopping estava vazio. A avenida principal estava cheia de carros, estacionados em fila dupla nas ruas laterais enquanto seus motoristas descansavam lá dentro, fora da quente luz do sol. Atravessei a praça azulejada no meio da alameda do shopping e subi a escada que dava para o estacionamento no teto do supermercado. Todas as vagas, quase uma centena, estavam ocupadas e o alinhamento dos pára-brisas refletia a luz do sol como se fosse um escudo de vidro.

Enquanto me apoiava na parede de concreto, percebi que um imenso silêncio pairava sobre a paisagem ao meu redor. Devido a um raro e inesperado capricho do controle de vôo, nenhuma aeronave estava pousando ou decolando nas pistas do aeroporto. O tráfego ao longo do elevador estava detido por um congestionamento na direção sul.

Na Avenida Ocidental, os carros e os ônibus estavam parados nas pistas, esperando os sinais abrirem. Três filas de veículos arrastavam-se pela rampa do viaduto, quase chegando ao novo trecho do elevador.

Durante as semanas em que fiquei no hospital, os engenheiros haviam alongado as enormes pistas quase um quilômetro para o sul. Olhando detidamente para aquela silenciosa formação, percebi que toda a área que definia o cenário da minha vida estava agora delimitada por um horizonte contínuo e artificial, formado pelos parapeitos e aterros dos elevados, pelas suas vias de acesso e por seus trevos. Ele envolvia os veículos como as paredes de uma cratera com vários quilômetros de diâmetro.

O silêncio continuava. Um ou outro motorista mudava de posição atrás do volante, incomodado pela quente luz do sol, e eu tive a súbita impressão de que o mundo parara. As feridas nos meus joelhos e no meu peito eram sinalizadores ligados a uma série de transmissores, transmitindo sinais, desconhecidos para mim mesmo, que teriam desbloqueado esta imensa êstase e liberado aqueles motoristas para a real destinação estabelecida para seus veículos, os paraísos da auto-estrada elétrica.

A memória desse silêncio extraordinário estava vívida na minha mente quando Catherine levou-me de carro para o meu escritório em Shepperton. Ao longo da Avenida Ocidental, o tráfego andava e parava de um congestionamento para outro. Acima, o ruído dos motores dos aviões decolando do Aeroporto de Londres saturava o céu. Meu vislumbre de um mundo imóvel, de milhares de motoristas sentados passivamente nos seus carros ao longo do horizonte dos elevados, parecia ter sido uma visão única daquele cenário de máquinas, um convite para explorar os viadutos de nossas mentes.

Minha primeira necessidade era acabar a convalescência e alugar um carro. Quando alcançamos o estúdio para comerciais de televisão, Catherine começou a rodar com o carro em torno do estacionamento, relutando em me deixar sair. Esperando ao lado de um automóvel, o jovem motorista da locadora nos observava circular ao seu redor.

— A Renata vai com você? — perguntou Catherine.

A sagacidade desta suposição repentina surpreendeu-me.

— Pensei que ela poderia vir junto, dirigir um carro novamente pode ser mais cansativo do que imagino.

— Estou surpresa por ela concordar em ir com você.

— Você não está com inveja?

— Talvez esteja um pouco.

Tentando afastar uma eventual aliança que poderia surgir entre as duas, disse adeus para Catherine. Passei as próximas horas na sala de produção discutindo com Paul Waring as dificuldades contratuais que bloqueavam o comercial de carros, no qual esperávamos utilizar a atriz de cinema Elizabeth Taylor. Durante todo esse tempo, contudo, a minha real atenção concentrava-se no veículo alugado que esperava por mim no estacionamento. Tudo o mais — a irritação de Waring comigo, o confinamento nas salas do escritório, a agitação barulhenta das pessoas no trabalho — formava uma penumbra vaga, uma tomada insatisfatória que seria cortada mais tarde.

Mal tive consciência da presença de Renata quando ela sentou-se ao meu lado no carro.

— Você está bem? Onde nós vamos?

Olhei para o volante entre as minhas mãos, para o acolchoado painel de instrumentos com seus ponteiros e botões de controle.

— Onde mais?

A estilização agressiva da cabine produzida em massa e os frisos exagerados do painel enfatizaram a minha crescente sensação de uma junção entre o meu corpo e o automóvel, mais intensa do que meus sentimentos em relação aos largos quadris e as fortes pernas de Renata, escondidos por baixo de sua capa de chuva de plástico vermelho.

Inclinei-me para frente, sentindo o volante encostar nas cicatrizes do meu peito, pressionando meus joelhos contra a chave de ignição e o freio de mão.

Chegamos no pé do viaduto meia hora depois. O tráfego vespertino passava ao longo da Avenida Ocidental e se dividia no trevo do elevado. Passei diante do local do acidente e fui até o retorno, cerca de um quilômetro para o norte, voltando e refazendo o caminho que percorrera minutos antes da colisão. Por sorte a estrada estava vazia. Cerca de quatrocentos metros à frente, um caminhão tomava a pista superior. Um carro preto, com cabine especial, surgiu na entrada de uma via de acesso, mas acelerei na sua frente. Em poucos segundos nós alcançávamos o ponto de impacto. Diminuí a marcha e parei o carro no acostamento de concreto.

— É permitido estacionar aqui?

— Não.

— Tudo bem, a polícia fará uma exceção no seu caso.

Desabotoei a capa de Renata e coloquei minha mão sobre a sua coxa. Ela deixou que eu beijasse seu pescoço, segurando o meu ombro firmemente como uma afetuosa babá.

— Eu estava com você um pouco antes do acidente — disse-lhe. — Você se lembra? Nós fizemos amor.

— Você ainda continua a me envolver com a sua batida?

Movi minha mão ao longo de sua coxa. Sua vulva era uma flor molhada. Um ônibus passou, com os passageiros rumando para Stuttgart ou Milão olhando para nós. Renata

abotoou a capa e pegou um exemplar do Paris Match no compartimento do painel. Folheou as páginas, olhando rapidamente as fotografias de vítimas da fome nas Filipinas.

Esta imersão em temas paralelos de violência era um engodo protetor. Seu olhar sério, como o de um estudante, mal se fixava na foto de um cadáver inchado que enchia uma página inteira. Esta coda de morte e mutilação desfilava sob os seus dedos precisos enquanto eu olhava fixamente para o cruzamento onde, a cinqüenta metros do carro em que estava agora sentado, eu matara um outro homem. O anonimato daquele cruzamento fazia-me lembrar do corpo de Renata, com seu educado repertório de orifícios e fendas, que algum dia se tornaria tão estranho e significativo para algum marido suburbano quanto aquelas pedras no meio-fio e as linhas na estrada eram para mim.

Um conversível branco aproximou-se com o motorista piscando os faróis enquanto eu saía do carro. Tropecei, o joelho direito ressentindo o esforço de dirigir. Próxima a meus pés estava uma pilha de folhas mortas, maços de cigarro e pedacinhos de vidro. Esses fragmentos de vidraças quebradas, varridos para o lado por gerações de atendentes das ambulâncias, jaziam em um pequeno depósito. Olhei para aquele empoeirado colar, formado pelos escombros de milhares de acidentes automobilísticos.

Em cinco anos, na medida em que mais carros colidissem ali, os fragmentos de vidro formariam uma pilha considerável, e em trinta anos uma praia de cristal brilhante. Uma nova raça de garimpeiros de praia poderia surgir, remexendo naqueles montes de pára-brisas quebrados, peneirando em busca de cotos de cigarros, preservativos usados e moedas perdidas. Enterrada sob esta nova camada geológica, formada por uma era de acidentes automobilísticos, estaria a minha pequena morte, tão anônima quanto uma cicatriz vitrificada em uma árvore fóssil.

Cerca de cem metros atrás de nós um empoeirado carro americano estava estacionado no acostamento. O motorista observava-me através do pára-brisa respingado de lama, com os largos ombros apoiados contra a coluna da porta. Quando atravessasse a estrada, ele apanhou uma câmera adaptada com uma lente zoom e focalizou-me pelo visor.

Renata olhou para ele por cima do ombro, surpresa como eu pela sua pose agressiva. Ela abriu a porta para mim.

— Você pode dirigir? Quem é ele, um detetive particular?

Enquanto seguíamos pela Avenida Ocidental a figura de um homem alto, vestido com uma jaqueta de couro, caminhou pela estrada até o ponto em que havíamos estacionado.

Curioso para ver seu rosto, fiz a volta no retorno.

Passamos a cerca de três metros dele. Ele estava andando calma e despreocupadamente entre as marcas de pneus sobre a superfície da estrada, como se traduzisse no gesto alguma trajetória invisível que estava no interior da sua mente. A luz do sol bateu nas cicatrizes em sua testa e na sua boca. Quando ele olhou para mim, reconheci o jovem médico que vira pela última vez saindo do quarto de Helen Remington no hospital de acidentados em Ashford.

Nos dias que se seguiram, aluguei uma série de carros na locadora que fornecia veículos para o estúdio, escolhendo todos os modelos disponíveis, desde um pesado conversível americano até um esporte de alto desempenho e um micro italiano. O que começou como um gesto irônico concebido para provocar Catherine e Renata — as duas desejavam que eu nunca dirigisse de novo — logo assumiu um papel diferente. Minha primeira e breve viagem ao local do acidente despertara novamente o espectro do homem morto e, mais importante, a percepção da minha própria morte. Eu conduzia todos esses carros pela rota do acidente, visualizando a possibilidade de uma morte e de uma vítima diferentes, com um diferente padrão de ferimentos. Apesar dos esforços para limpá-los, os resíduos dos ocupantes anteriores mantinham-se nos seus interiores — as marcas dos calcanhares nos tapetes de borracha embaixo dos pedais; uma ponta de cigarro manchada por um tom de batom fora de moda, grudada com um chiclete na parte superior do cinzeiro; um complexo de estranhos arranhões, semelhante à coreografia de uma luta frenética, recobria os assentos de vinil, como se dois aleijados estivessem empenhados em estuprarem-se mutuamente. Enquanto colocava os pés nos pedais de controle estava consciente de todos aqueles motoristas, dos espaços que seus corpos ocuparam, de suas atribulações, desvios, aborrecimentos que antecipavam qualquer reação minha. Ciente dessas imposições, eu tinha que me forçar a dirigir com cuidado, enquanto oferecia as possibilidades do meu próprio corpo para a saliência da coluna do volante e dos retrovisores. A princípio, eu vagava pelas estradas perimetrais ao sul do aeroporto, familiarizando-me com os controles entre os reservatórios de água de Stanwell.

Dali, circulava pelo flanco oriental do aeroporto na direção dos trevos do elevado, onde o fluxo do trânsito deixando Londres na hora do rush arrastava-me, como uma imensa onda de metal, pela pistas congestionadas da Avenida Ocidental. Invariavelmente, na hora do meu acidente, eu me encontrava no pé do viaduto, arrancando com o carro diante do local da colisão enquanto o tráfego movia-se abruptamente na direção do próximo sinal, ou então detido por um maciço engarrafamento a três insanos metros do ponto preciso do impacto.

Quando aluguei o conversível americano, o empregado da locadora me disse:

— Tivemos um trabalho enorme para limpá-lo, senhor Ballard. Uma de suas equipes de TV estava utilizando-o; as câmeras arranharam o teto, as portas e o capô.

A idéia de que o carro ainda estava sendo utilizado como parte de um evento imaginário ocorreu-me enquanto dirigia afastando-me da garagem em Shepperton. Como os outros carros que alugara, este estava cheio de arranhões e marcas de calcanhares, de queimaduras de cigarro e estofamento puído, traduzidos pela dimensão glamourosa do design de Detroit. No assento de vinil cor-de-rosa havia um furo grande o suficiente para caber um mastro de bandeira ou, concebivelmente, um pênis. Essas marcas, presumivelmente, foram feitas no contexto dos dramas imaginários concebidos pelas diversas companhias que utilizaram o carro, por atores desempenhando o papel de detetives e criminosos menores, agentes secretos e herdeiras ocultas. O usado volante fora untado pela gordura de centenas de mãos que nele seguraram na posição determinada pelo diretor do filme e pelo câmera. Enquanto dirigia no

tráfego noturno ao longo da Avenida Ocidental, imaginei-me sendo morto no interior daquela enorme acumulação de ficções, com o meu corpo marcado pelas cenas de uma centena de seriados criminais para a televisão, pelos letreiros de dramas esquecidos que, postos de lado durante anos pela reprogramação da rede, deixariam seus créditos finais impressos na minha pele. Perturbado por essas perspectivas que me acenavam, peguei a pista errada na junção do trevo com o elevado. O carro pesado, com seu poderoso motor e freios ultra-sensíveis, fez-me lembrar que estava sendo ambicioso demais ao pensar que poderia encaixar meus ferimentos e minha experiência nos contornos daquele mastodonte. Decidindo alugar um carro do mesmo modelo que o meu, retomei pela via de acesso ao aeroporto. Um enorme engarrafamento bloqueava a entrada do túnel. Atravessei as pistas com dificuldade e rumei para a praça do aeroporto, uma ampla área com hotéis para passageiros em trânsito e supermercados abertos a noite toda. Quando saía de um posto de gasolina, próximo da pista de saída do túnel, reconheci um trio de prostitutas que perambulava por um pequeno canteiro central.

Vendo o carro, presumivelmente pensando que eu era um turista americano ou alemão, a mais velha delas caminhou na minha direção. Elas ficavam andando naquela ilha cercada de tráfego todas as noites, olhando para os carros que passavam acelerando, como se estivessem tentando pegar viajantes que esperavam cruzar o Estige. As três mulheres — uma morena faladora de Liverpool, que estivera em todos os lugares e fizera de tudo sob o sol; uma loura tímida e burra, de quem Catherine claramente gostava pelo modo como ela freqüentemente se exibia para mim; e a mais velha, uma mulher com um ar fatigado e os seios caídos que trabalhara certa vez como frentista em um posto de gasolina na Avenida Ocidental — pareciam formar uma unidade sexual básica, capaz, de um modo ou de outro, de satisfazer a todos os passantes.

Parei perto do canteiro central. A mulher mais velha aproximou-se quando acenei com a cabeça para ela. Ela inclinou-se na porta, apoiando o forte braço direito no suporte cromado da janela. Ao entrar no carro, fez um sinal com as mãos para suas companheiras, cujos olhos moviam-se rapidamente, como limpadores de pára-brisas, sob o impacto dos faróis dos carros que passavam. Segui o fluxo do trânsito através do túnel do aeroporto. O pesado corpo da mulher ao meu lado naquele carro americano alugado, estrela desconhecida em tantos seriados de segunda classe para a televisão, me fez tomar consciência subitamente da dor em meus joelhos e minhas coxas. Apesar do servomecanismo de seus freios e da leveza do volante, era cansativo dirigir aquele carro americano.

— Para onde vamos? — perguntou ela quando saí do túnel e rumei na direção dos terminais do aeroporto.

— Para o edifício-garagem. Os últimos andares ficam vazios durante a noite.

Uma imprecisa hierarquia de prostitutas ocupava o aeroporto e seus arredores — no interior dos hotéis, nas discotecas onde nunca tinha música, convenientemente sentadas próximas dos quartos para os milhares de passageiros em trânsito que nunca saíam do aeroporto; um segundo escalão que trabalhava nas alamedas dos terminais e nos mezaninos dos restaurantes; e, além dessas, um exército de free lancers que alugava quartos, na base da diária, nos conjuntos de apartamentos ao longo da estrada.

Fomos para o edifício-garagem que ficava atrás do depósito de carga. Dirigi pelas rampas de concreto daquele prédio oblíquo e ambíguo, e estacionei em uma vaga vazia entre os carros no terraço. Depois de dobrar e enfiar as notas na bolsa prateada, a mulher curvou o

seu rosto preocupado sobre o meu colo, abrindo com habilidade o meu zíper com uma das mãos. Ela começou a trabalhar sistematicamente o meu pênis com a boca e a mão, apoiando confortavelmente os braços por cima dos meus joelhos. Encolhi-me sob a pressão dos duros cotovelos.

— O que aconteceu com os seus joelhos, você foi acidentado? Ela perguntou de um modo que parecia uma ofensa sexual.

Enquanto ela dava vida ao meu pênis, eu olhava para as suas fortes costas, para a junção entre os contornos do ombro marcado pelas alças do sutiã e o painel de instrumentos caprichosamente decorado daquele carro americano, entre a sua volumosa bunda na minha mão esquerda e os mostradores em tom pastel do relógio e do velocímetro. Estimulado por aqueles ponteiros com a cabeça em cor diferente da do corpo, o meu dedo anular esquerdo moveu-se na direção do seu ânus.

Soaram buzinas da alameda embaixo. A luz de um flash brilhou por cima do meu ombro, iluminando o rosto assustado daquela prostituta cansada com a boca no meu pênis, os cabelos desbotados espalhados pelos raios cromados do volante. Afastando-a, olhei pela sacada. Um ônibus batera na traseira de um táxi estacionado na saída do Terminal Europeu. Dois outros motoristas e um homem carregando uma valise de plástico retiravam o chofer ferido da cabine.

Um enorme engarrafamento de ônibus e táxis bloqueava a alameda. com as luzes brilhando, um carro da polícia subiu pela calçada e moveu-se entre os passageiros e os carregadores, batendo numa valise com o pára-lama.

Atraído pelo vislumbre de um movimento no suporte cromado do pára-brisa, olhei para a minha direita. Acerca de seis metros, além das vagas vazias, um homem com uma câmera estava sentado no capô de um carro estacionado contra o parapeito de concreto. Reconheci o homem alto com a cicatriz na testa que me observara perto do local do acidente embaixo do viaduto, o médico com o jaleco branco do hospital. Ele desprende a lâmpada do flash e jogou-a fora por baixo dos carros. Enquanto enrolava o filme da Polaroid, olhou-me sem demonstrar nenhum interesse particular, como se estivesse bastante acostumado a ver prostitutas e seus fregueses no terraço daquele edifício-garagem.

— Você pode parar. Está tudo bem.

A mulher estava agora procurando reanimar o meu pênis. Fiz um gesto para que se aprumasse. Depois de ajeitar o cabelo no espelho retrovisor, ela saiu do carro sem me olhar e caminhou para o elevador.

O homem alto com a câmera flanava pelo terraço. Olhei pela janela traseira do seu carro. O banco de passageiros estava carregado com equipamento fotográfico — câmeras, um tripé e uma caixa de lâmpadas para flash. Uma câmera de filmar estava presa em um encaixe no painel de instrumentos.

Ele caminhava de volta para o seu carro, empunhando a câmera como uma arma, como se fosse uma pistola. Quando se aproximou da sacada o seu rosto foi iluminado pelas luzes do carro da polícia. Percebi então que já tinha visto muitas vezes aquela cara marcada por cicatrizes, projetada em uma dúzia de esquecidos programas de televisão e na seção de perfis das revistas aquele era Vaughan, doutor Robert Vaughan, um antigo especialista em computação. Precursor de um novo estilo para os cientistas na TV, Vaughan combinara um alto grau de encanto pessoal — densos cabelos pretos emoldurando um rosto cheio de cicatrizes e



um blusão de combate americano — com uma postura teatral agressiva e uma crença absoluta no seu assunto, a aplicação de técnicas computadorizadas no controle de todos os sistemas internacionais de tráfego.

Nos primeiros programas de sua série, três anos atrás, Vaughan projetara uma imagem forte, quase a de um cientista como a de um marginal, dirigindo uma potente motocicleta do seu laboratório para a emissora de TV. Culto, ambicioso e adepto da autopromoção, ele foi salvo de passar por um mero e agressivo carreirista com Ph. D. pelo idealismo ingênuo, pela sua estranha visão do automóvel e do seu verdadeiro papel nas nossas vidas.

Ele ficou parado na sacada, olhando para a colisão lá embaixo. Os faróis iluminavam os duros sulcos das cicatrizes por cima das sobrancelhas e da boca, e o seu quebrado e restaurado nariz. Lembrei-me porque a carreira de Vaughan terminara de modo abrupto — na metade de sua série para a televisão, ele fora seriamente vitimado em um acidente de motocicleta. De modo bastante claro o seu rosto e a sua personalidade ainda traziam a memória daquele impacto, uma colisão terrível em um elevador ao Norte, quando suas pernas foram quebradas pelas rodas traseiras de um caminhão. Seus traços pareciam ter sido deslocados lateralmente e remontados, após a batida, com base em uma coleção de velhas fotos de publicidade. As cicatrizes na boca e na testa, o cabelo curto e a falta de dois caninos superiores davam-lhe uma aparência hostil e desleixada. As gordas articulações dos seus punhos projetavam-se como algemas das mangas rotas do casaco de couro.

Ele entrou no seu carro. Era um modelo antigo, de dez anos atrás, de um Lincoln Continental, o mesmo tipo de veículo parecido com a limusine aberta na qual o presidente Kennedy morrera. Lembrei-me que uma das obsessões de Vaughan era o assassinato de Kennedy.

Ele passou na minha frente, de marcha-ré, com o pára-lama esquerdo do Lincoln roçando o meu joelho. Atravessei o terraço enquanto ele descia rapidamente pela rampa.

Este meu primeiro encontro com Vaughan permaneceu vívido na minha mente. Eu sabia que os motivos que o levavam a me seguir não tinham nada a ver com vingança ou chantagem.

Após o nosso encontro no terraço do estacionamento do aeroporto fiquei cada vez mais consciente da presença de Vaughan. Ele não me seguia, mas parecia pairar como um monitor nas margens da minha vida, supervisionando para sempre a minha cabeça. Ao longo das pistas de alta velocidade da Avenida Ocidental, eu observava através do espelho retrovisor e corria os olhos pelos parapeitos dos elevados e dos edifícios-garagem.

Em certo sentido eu já arrolara Vaughan na minha confusa busca. Eu ficava parado nas pistas congestionadas do viaduto, com as paredes de alumínio dos ônibus tapando o céu. Observando da varanda as atulhadas pistas de concreto do elevado, enquanto Catherine preparava nossos primeiros drinques da noite, eu ficava convencido de que a chave para aquele imenso cenário metalizado permanecia em algum lugar no interior daqueles constantes e imutáveis padrões de tráfego.

Felizmente, minhas obsessões messiânicas logo tornaram-se evidentes para Paul Waring, meu associado. Ele combinou com Catherine restringir minhas visitas ao escritório do estúdio a uma hora por dia. Cansando-me e excitando-me facilmente, üve uma briga absurda com a secretária de Waring.

Mas tudo isto parecia trivial e irreal.

Muitíssimo mais importante era a entrega do meu novo carro pelos revendedores locais.

Catherine encarou com profunda suspeita o fato de eu ter escolhido a mesma marca e o mesmo modelo do carro com que batera.

Cheguei até a escolher o mesmo tipo de espelho lateral e os mesmos frisos no pára-lama. Ela e sua secretária observavam-me criticamente da entrada do prédio que abrigava os escritórios das empresas aéreas. Karen permanecia parada atrás de Catherine, a mão na cintura e o cotovelo quase tocando as costas dela, como uma jovem e ambiciosa madame olhando de modo protetor sua última descoberta.

— Por que você pediu para que viéssemos aqui? — perguntou Catherine. — Não creio que nenhum de nós deseje olhar para um carro novamente.

— E certamente não para este, senhora Ballard.

— Vaughan está seguindo você? — perguntei a Catherine. — Você conversou com ele no hospital.

— Ele disse que era um fotógrafo da polícia. O que ele quer?

Os olhos de Karen fixaram-se na cicatriz da minha cabeça enquanto ela dizia:

— É difícil acreditar que ele já esteve na televisão.

Encarei Karen com esforço. Ela me olhava como um animal predatório por detrás das grades prateadas em sua boca.

— Alguém o viu no local do acidente?

— Não tenho a menor idéia. Você está planejando uma outra colisão para ele?

Catherine deu uma volta em torno do carro. Depois sentou-se no banco do passageiro na frente, saboreando o forte odor de vinil no seu interior. -Não estou pensando mais na colisão.

— Você está começando a se envolver com este homem, Vaughan. Você fala sobre ele o tempo todo.

Catherine olhou através do imaculado pára-brisa, com as coxas mantidas abertas em uma postura cerimoniosa.

Eu estava pensando, de fato, sobre o contraste entre aquela pose generosa e as imensas janelas de vidro dos prédios do aeroporto, e o brilho reluzente do carro novo.

Sentado na réplica exata do veículo no qual eu quase morrera, eu visualizava os pára-lamas e a grade do radiador esmagados, a deformação precisa no enfeite do capô e o deslocamento angular do suporte do pára-brisa. O triângulo formado pelo púbis de Catherine me fez lembrar que o primeiro ato sexual no interior do carro ainda tinha que acontecer.

No depósito da polícia em Northolt exibi o meu passe para o guarda, zelador daquele museu de destroços. Gaguejei ao entrar, como um marido despertando sua mulher no meio de um estranho e perverso sonho. Cerca de vinte veículos batidos estavam estacionados sob a luz do sol, contra a parede dos fundos de um cinema abandonado.

Na extremidade do pátio asfaltado estava um caminhão cuja cabine fora inteiramente esmagada, como se as dimensões do espaço tivessem se contraído abruptamente em torno do corpo do motorista.

Exaurido por aquelas deformações, eu me movia de um carro para outro. O primeiro veículo, um táxi azul, fora atingido de frente, perto do farol — de um lado a carroceria estava intacta, do outro, a roda dianteira tinha sido empurrada até o interior da cabine.

Perto dele, estava um carro branco com cabine especial sobre o qual passara um enorme veículo. As marcas de pneus gigantes atravessavam o seu teto, violentamente rebaixado até a altura do eixo de transmissão entre os assentos.

Reconheci o meu carro. Vestígios do equipamento de reboque estavam presos no pára-choque dianteiro e a carroceria estava toda salpicada de óleo e sujeira. Examinei a cabine pelas janelas, passando minha mão sobre o vidro manchado de lama. Sem pensar, ajoelhei-me na frente do carro e fiquei olhando para a grade do radiador e os pára-lamas esmagados.

Durante vários minutos contemplei as ruínas daquele carro, remontando a sua identidade. Coisas terríveis passaram pela minha mente vendo suas rodas achatadas. O que mais me surpreendeu foi a extensão da batida. Durante o acidente, o capô erguera-se sobre o compartimento do motor, impedindo que eu visse a verdadeira dimensão da colisão. As rodas dianteiras e o motor foram deslocados na direção do motorista, vergando o fundo. Ainda havia marcas de sangue no capô, fios de renda negra que corriam para a canaleta dos limpadores de pára-brisa. Pequenos respingos estavam espalhados pelo assento e pelo volante. Pensei no homem morto estendido sobre o capô do carro. O sangue escorrendo por cima da celulose esmagada era um fluido mais potente do que o sêmen formando-se nos seus testículos.

Dois policiais atravessaram o pátio com um cachorro alsaciano preto. Observaram-me circular ao redor do meu carro como se estivessem vagamente ressentidos por eu tocá-lo. Quando eles se foram, eu destranquei a porta do motorista e abri-a com um puxão.

Acomodei-me no empoeirado assento de vinil, emborcado para trás pelo arqueamento do assoalho. A coluna do volante projetara-se cerca de dezoito centímetros na direção do meu peito. Coloquei minhas pernas nervosas no interior do carro e pus os pés sobre os calços de borracha dos pedais, que tinham sido forçados para fora do compartimento do motor de modo que os joelhos ficavam pressionados contra o peito. O painel de instrumentos, na minha frente, estava curvado para dentro, com o relógio e o velocímetro quebrados. Sentado ali, naquela cabine deformada, cheia de poeira e de tapetes viscosos, eu tentei me ver no momento da

colisão, visualizar a falha no relacionamento técnico entre o meu próprio corpo, as suposições da pele e a estrutura de engenharia que o suportava. Lembrei-me de uma visita que fizera com um amigo íntimo ao Museu Imperial de Guerra e o clima patético que envolvia um pedaço da cabine de uma aeronave de combate japonesa da Segunda Guerra Mundial. O emaranhado de fios elétricos e o lacerado tecido de lona sobre o chão expressavam todo o isolamento da guerra. A embaçada proteção de acrílico plástico da cabine continha um pequeno segmento do céu do Pacífico, do rugido da aeronave esquentando os motores na pista do portaaviões trinta anos atrás.

Observei os dois policiais exercitarem o cachorro ao longo do pátio. Abri o porta-luva e forcei a tampa para baixo. No seu interior, cobertos de poeira e plástico rasgado, estavam diversos itens que Catherine fora incapaz de reclamar: mapas rodoviários, uma amena novela pornográfica que Renata me dera pensando fazer uma ousada brincadeira e um retrato que eu tirara dela, sentada no carro, perto dos reservatórios de água, com o seio esquerdo à mostra.

Puxei o cinzeiro. A bandeja de metal caiu sobre o meu colo, despejando cerca de doze tocos manchados de batom. Cada um daqueles cigarros, fumados por Renata enquanto íamos do escritório para o seu apartamento, me fazia lembrar dos atos sexuais que aconteceram entre nós. Olhando para aquele pequeno museu de excitação e possibilidades, percebi que a esmagada cabine do meu carro, como uma espécie de veículo bizarro adaptado para um aleijado total, constituía o módulo perfeito para todos os futuros estimulantes da minha vida.

Alguém passou na frente do carro. A voz de um policial gritou do portão. Através do pára-brisa vi uma mulher com uma capa branca caminhando ao longo da fila de carros batidos. A aparição de uma atraente mulher naquele pátio sem vida, movendo-se de um carro para o outro, como um inteligente visitante de uma galeria, despertou-me daquele devaneio sobre os restos dos cigarros. A mulher aproximou-se do carro vizinho ao meu, um conversível destroçado por uma grande colisão traseira. Seu rosto inteligente, aquele de um médico muito ocupado, com a larga testa dissimulada pelas franjas do cabelo, olhava atentamente para o compartimento de passageiros destruído.

Sem pensar, esbocei um movimento para sair do meu carro, mas desisti e permaneci sentado, imóvel, atrás do volante. Helen Remington afastou-se do conversível destroçado.

Ela deu uma olhada no capô do meu carro, obviamente não reconhecendo o veículo que matara seu marido. Quando ergueu a cabeça, ela me viu através do buraco do pára-brisa, sentado atrás do volante deformado entre as manchas secas do sangue de seu marido. Seu forte Olhar quase não modificou o foco, mas uma das mãos ergueu-se involuntariamente até sua face. Examinou os danos no meu carro, observando com atenção as grades amassadas do radiador e o volante deslocado nas minhas mãos. Depois encarou-me rapidamente, inspecionando-me com um olhar tolerante, semelhante ao de um médico que se depara com um paciente difícil, que apresenta um conjunto de sintomas em grande parte autoindulgentes.

Ela afastou-se na direção do caminhão danificado. O que me impressionou novamente foi a inusitada postura de suas pernas, a superfície interna das suas coxas, presas por uma larga pelve, voltadas para fora como se estivessem expostas para a fila de veículos esmagados. Será que ela estivera esperando por mim para visitar o depósito da polícia? Eu sabia que algum tipo de confronto entre nós era inevitável, mas na minha mente isto já estava sufocado por outros sentimentos — pena, erotismo, até mesmo um estranho ciúme do homem morto, que ela conhecera mas eu não.

Ela retornou enquanto eu esperava sobre a mancha de óleo na frente do meu carro.

Ela apontou para os veículos danificados:

— Depois de tudo isso, como as pessoas conseguem olhar para um carro, e até mesmo dirigir?

Como eu não respondi nada, ela disse secamente:

— Estou tentando encontrar o carro de Charles.

— Ele não está aqui. Talvez ainda esteja com a polícia. Com o pessoal da perícia...

— Eles me disseram que estava aqui. Informaram-me esta manhã.

Ela olhou criticamente para o meu carro, como se estivesse intrigada pela sua geometria destorcida, e percebesse então que ela confirmava a disposição do meu próprio caráter.

— É este o seu carro?

Estendeu a mão enluvada e tocou na grade do radiador, apalpando um dos suportes de cromo, como se estivesse procurando algum traço da presença do marido na pintura manchada de sangue. Eu nunca conversara com aquela fatigada mulher, e senti que deveria fazer um pedido formal de desculpa pela morte de seu marido e pelo terrível ato de violência que nos envolvera. Ao mesmo tempo, senti uma grande excitação sexual quando a sua mão enluvada roçou o cromo despedaçado.

— Você vai rasgar a sua luva — eu disse, afastando a mão dela da grade. Creio que não deveríamos ter vindo aqui; estou surpreso pela polícia ter deixado.

O seu forte punho pressionou de volta os meus dedos, com uma espécie de irritação obstinada, como se ela estivesse ensaiando sua vingança física contra mim. Seus olhos fixaram-se nos pedacinhos de confete preto espalhados pelo capô e pelos assentos.

— Você machucou-se muito? — perguntou. — Creio que nos vimos no hospital.

Considereei ser impossível lhe dizer alguma coisa, percebendo o modo quase obsessivo com que ela espalhava o cabelo pela face. O seu forte corpo, com a sua sexualidade nervosa, formava uma poderosa junção com o carro esmagado e manchado de lama.

— Eu não quero o carro — disse ela. — Na verdade, fiquei horrorizada ao descobrir que tenho que pagar uma pequena taxa para levá-lo ao ferro-velho.

Permaneceu ao lado do carro, olhando-me com um misto de hostilidade e interesse, como se estivesse admitindo que os seus motivos para vir ao depósito eram tão ambíguos quanto os meus. Senti que, pelo seu jeito refinado e direto, já estava avaliando as possibilidades que eu abrira para ela, examinando aquele instrumento de uma tecnologia perversa que matara seu marido e fechara a principal avenida de sua vida.

Ofereci-lhe uma carona para o seu hospital.

— Obrigado — disse ela e começou a andar na frente. — Para o aeroporto, se você puder.

— O aeroporto?

Tive um estranho sentimento de perda.

— Por quê? Você vai deixar o país?

— Ainda não, embora algumas pessoas achem que eu deveria fazer isso logo, pelo que já pude perceber — disse ela, retirando os óculos escuros e dando um sorriso desolado.

— A ocorrência de uma morte na família de um médico faz com que os pacientes se tornem duplamente apreensivos.

— Suponho que você não está vestida de branco apenas para tranquilizá-los?

— Eu usaria um quimono vermelho se tivesse vontade. Sentamo-nos no carro. Ela me disse que trabalhava no departamento de imigração no Aeroporto de Londres. Mantendo-se bem distante de mim, recostou-se no suporte da porta, observando o interior do carro com um olhar crítico, aquela aparente ressurreição do vinil macio e do vidro polido. Acompanhou minhas mãos movendo-se pelos controles. A pressão de suas coxas contra o plástico aquecido formava um módulo de intensa excitação. Eu já imaginava que ela estava bem consciente disto. Por um terrível paradoxo, um modo dela se vingar de mim seria termos relações sexuais.

Um tráfego pesado congestionava o elevado ao norte de Ashford, que conduzia ao Aeroporto de Londres. A luz do sol queimava a celulose superaquecida. Motoristas cansados recostavam-se nas janelas abertas ao nosso redor, ouvindo os intermináveis noticiários nos seus rádios. Lacrados no interior de seus ônibus, futuros passageiros observavam os jatos levantarem vôo nas distantes pistas do aeroporto. Ao norte dos prédios dos terminais eu podia ver a pista superior do viaduto dividindo-se em duas na entrada do túnel para o aeroporto, coalhada de carros que pareciam estar prestes a reeditar uma dramatização em câmera lenta da nossa colisão.

Helen Remington tirou um maço de cigarros do bolso da sua capa de chuva. Procurou o acendedor no painel de instrumentos, movendo a mão direita sobre os meus joelhos como um pássaro nervoso.

— Você quer um cigarro? — perguntou ela, rasgando o celofane com os seus dedos fortes. — Comecei a fumar em Ashford, o que é bastante estúpido de minha parte. Olhe para todo este tráfego. Eu necessito de cada sedativo em que consigo pôr as mãos.

— Está muito pior agora, você percebeu isso, não? No dia em que deixei Ashford tive a extraordinária sensação de que todos esses carros estavam reunidos por alguma razão especial que eu não entendia. O tráfego parecia dez vezes mais intenso.

— Será que não estamos imaginando?

Ela apontou para o interior do carro com o seu cigarro:

— Você comprou exatamente o mesmo carro de novo. Tem o mesmo formato e a mesma cor.

Virou o rosto para mim, sem fazer nenhum esforço para esconder a cicatriz na sua face. Eu estava bastante consciente da corrente de hostilidade que refluía sobre mim. O fluxo do trânsito alcançou o trevo de Stanwell. Segui a fila de carros, pensando agora em como ela se comportaria durante o ato sexual. Tentei visualizar sua grande boca em torno do pênis de seu marido, com os dedos vigorosos entre as nádegas dele, procurando a sua próstata.

Ela tocou em um caminhão-tanque amarelo que estava ao nosso lado, as enormes rodas traseiras a apenas vinte centímetros do seu cotovelo. Enquanto ela lia as instruções no tanque para o caso de incêndio, eu olhava para as firmes barrigas de suas pernas e suas coxas. Teria ela alguma noção do homem, ou da mulher, com quem teria sua próxima relação sexual? Senti o meu pênis remexendo-se enquanto o sinal abria. Saí da pista de alta velocidade e fui para a oposta, ficando na frente do caminhão-tanque.

O arco do viaduto ergueu-se contra a linha do horizonte, com a sua rampa norte oculta pelo retângulo branco da fábrica de plástico. O volume retilíneo, impassível, daquele prédio fundia-se em minha mente com os contornos de suas pernas e coxas pressionadas contra o assento de vinil.

Sem perceber que estávamos indo na direção do local do nosso encontro original, Helen Remington cruzava e descruzava suas pernas, mudando a posição desses brancos volumes enquanto as elevações frontais da fábrica de plástico ficavam para trás. A pista ficou livre na nossa frente. Aceleramos na direção do entroncamento com o elevado de Drayton Park. Ela encostou-se no suporte de cromo do quebra-vento, quase jogando o cigarro no seu colo.

Tentando controlar o cano, eu pressionei a cabeça do meu pênis contra a borda inferior do volante. O carro deslizou na direção do seu primeiro ponto de impacto com o canteiro central. As faixas da estrada passavam diagonalmente por baixo de nós, e a buzina de um carro soou indistintamente atrás do meu ombro. Fragmentos de pára-brisas quebrados brilharam como lâmpadas de vidro na luz do sol.

O sêmen jorrou do meu pênis. Quando perdi o controle do carro, a roda da frente bateu no meio-fio do canteiro central, jogando uma tempestade de poeira e de maços de cigarro no pára-brisa. O carro saiu da pista de alta velocidade e guinou na direção de um ônibus que estava saindo de um desvio. Enquanto o sêmen esvaía-se do meu pênis, coloquei o carro atrás do ônibus. O último tremor deste pequeno orgasmo desapareceu gradualmente.

Senti a mão de Helen Remington no meu braço. Ela movera-se para o centro do assento, o forte ombro pressionado contra o meu, a mão no volante sobre a minha. Ela observava os carros que passavam de ambos os lados do nosso, buzinando.

— Vire aqui, você poderá dirigir calmamente por um tempo.

Dirigi o carro para uma estrada lateral que levava às desertas alamedas de concreto de um condomínio particular. Durante cerca de uma hora dirigi pelas ruas vazias.

Bicicletas e carrinhos de criança estavam parados nos portões dos bangalôs. Helen Remington segurava o meu ombro, os olhos ocultos pelos óculos. Ela falou-me do seu trabalho no departamento de imigração do aeroporto e de suas dificuldades para validar o testamento do marido. Estaria ela consciente do que acontecera no interior do meu carro, do caminho que eu ensaiara tantas vezes em tantos veículos diferentes, e que eu celebrara na morte de seu marido, a unidade de nossas feridas e o meu orgasmo?

O tráfego multiplicava-se, as pistas de concreto moviam-se lateralmente pela paisagem. Retornando do inquérito judicial, Catherine e eu passávamos pelos viadutos que se sobrepunham como gigantes copulando, as imensas pernas enganchadas nas costas um do outro. O veredito foi o de morte acidental, dado sem nenhuma cerimônia ou demonstração de interesse; nenhuma acusação de homicídio ou de direção negligente fora feita pela polícia contra mim. Depois do inquérito deixei Catherine dirigir até o aeroporto. Durante cerca de meia hora fiquei sentado perto da janela do seu escritório, olhando para as centenas de carros no estacionamento lá embaixo. Seus tetos formavam um lago de metal. A secretária de Catherine permaneceu atrás dos seus ombros, esperando que eu fosse embora. Quando ela entregou os óculos para Catherine vi que estava usando um batom branco, provavelmente uma concessão irônica àquele dia de morte.

Catherine foi comigo até a saída do prédio.

— James, você precisa ir ao escritório. Acredite-me, meu amor, eu estou tentando ajudar.

Ela tocou a mão no meu ombro direito de um jeito curioso, como se estivesse procurando uma nova ferida desabrochando por ali. Durante o inquérito ela segurara no meu braço de um modo peculiar, temendo que eu pudesse sair voando pela janela.

Sem vontade de regatear com os grosseiros e arrogantes motoristas de táxi, interessados somente em corridas para Londres, caminhei pelo estacionamento atrás do prédio de escritórios. Acima da minha cabeça, através do ar metalizado, um jato rugiu. Quando a aeronave passou, ergui a cabeça e vi a doutora Helen Remington andando entre os carros cerca de cem metros à minha direita.

No inquérito eu fora incapaz de afastar os olhos da cicatriz na sua face. Observei-a andar calmamente entre as filas de carros na direção da entrada do departamento de imigração. O seu forte queixo mantinha-se em um ângulo elegante, com o rosto virado, como se estivesse ostensivamente apagando todos os traços da minha existência.

Ao mesmo tempo, tive a forte sensação de que ela estava completamente perdida.

Uma semana após o inquérito ela estava no ponto de táxi do Terminal Oceânico quando eu saí com o carro do estacionamento do escritório de Catherine. Chamei-a e parei atrás de um ônibus, indicando com a mão o assento vazio ao meu lado. Balançando a bolsa no seu punho forte, ela caminhou na direção do carro, reconhecendo-me com uma careta.

Enquanto tomávamos o rumo da Avenida Ocidental, ela observava o tráfego com um franco interesse. Tinha puxado o cabelo do rosto, exibindo abertamente a cicatriz que gradualmente desaparecia.

— Onde você quer ir?

— Podemos rodar um pouco? — perguntou. — O trânsito está intenso. Gosto de olhar para ele.

Será que ela estava querendo zombar de mim? Imaginei que, pelos seus modos diretos, ela já estava avaliando as possibilidades que eu lhe revelara. Nos pátios de concreto dos estacionamentos e nos terraços dos edifícios-garagem, ela agora inspecionava com um olhar



aberto e não-sentimental a tecnologia que provocara a morte do seu marido.

Começou a falar com uma animação contida. .

— Ontem eu aluguei um táxi por uma hora. "A qualquer lugar", eu disse. Pegamos um enorme congestionamento perto da passagem sob a linha férrea. Creio que não andamos mais de cinquenta metros. Não havia o menor jeito de sair.

Andamos ao longo da Avenida Ocidental, com os prédios de serviço e o perímetro da cerca viva do aeroporto à nossa esquerda.

Mantive o carro na pista lenta enquanto a rampa do viaduto afastava-se no espelho retrovisor. Helen falava sobre a segunda vida que já estava planejando para si mesma.

— O Laboratório de Pesquisas Rovodiárias precisa de um médico. O salário é maior, é algo que tenho de considerar agora.

Há uma certa virtude moral no fato de ser materialista

— O Laboratório de Pesquisas Rodoviárias... — repeti.

Cenas de colisões simuladas eram mostradas com freqüência em documentários na televisão; aquelas máquinas mutiladas eram cercadas por uma estranha aura.

— Mas isto não está bem próximo...?

— Este é o ponto. Além do mais, sei que posso dar agora alguma coisa da qual não tinha antes a mais remota consciência. Não é uma questão de dever, mas sobretudo de compromisso.

Quinze minutos mais tarde, enquanto nos dirigíamos de volta para o viaduto, ela aproximou-se mais para o meu lado, observando minhas mãos nos controles no momento em que ingressamos de novo na rota da colisão.

A mesma expressão calma e curiosa, como se ainda estivesse indecisa sobre o que faria comigo, estava estampada no seu rosto pouco depois de eu ter parado o carro em uma deserta estrada lateral entre os reservatórios a oeste do aeroporto. Quando coloquei o braço em torno dos seus ombros ela sorriu rapidamente para si mesma, um ricto nervoso do lábio superior que expunha o bloco de ouro no seu incisivo direito. Toquei na sua boca com a minha, passando os dentes na camada de batom em tom pastel e observando sua mão estender-se para o suporte de cromo do quebra-vento. Pressionei os meus lábios contra a dentina descoberta e sem marcas dos seus dentes superiores, fascinado pelos movimentos dos seus dedos em torno do liso cromo da janela. A superfície estava marcada, na parte da frente, por uma mancha de tinta azul deixada por algum desgostoso operário na linha de produção. A unha do seu dedo indicador raspava a linha frisada, que subia diagonalmente do peitoril da janela no mesmo ângulo que o muro de concreto da vala de irrigação a três metros do carro. Aos meus olhos, esta paralaxe fundia-se com a imagem de um carro abandonado no gramado manchado de ferrugem perto das rampas inferiores do dique do reservatório. A minúscula avalanche de pó-de-arroz que caiu nos seus olhos enquanto eu movia meus lábios sobre as suas pálpebras continha toda a melancolia daquele veículo abandonado, com seu motor vazando óleo e o radiador escorrendo.

Cerca de quinhentos metros atrás de nós, o trânsito esperava na pista superior do elevado, com a luz do sol vespertino atravessando as janelas dos ônibus e carros.

Minha mão moveu-se pela curvatura externa das coxas de Helen, sentindo o zíper aberto do seu vestido. Enquanto os elos iguais a giletes cortavam as juntas dos meus dedos senti os seus dentes na minha orelha. Essas dores agudas fizeram-me lembrar do impacto do vidro do pára-brisa durante minha colisão. Ela abriu as pernas e eu comecei a acariciar a malha de

náilon que cobria o seu púbis, um véu glamuroso para as partes últimas de uma médica séria.

Olhando para o seu rosto, para a boca arfando como se fosse devorar a si mesma, deslizei a mão em torno dos seus seios. Ela estava agora falando para si própria, divagando como uma enlouquecida vítima de um acidente. Ela tirou o seio direito do sutiã e pressionou meus dedos contra o quente mamilo. Eu beijei cada um dos seus seios, passando meus dentes sobre os mamilos eretos.

Envolvendo-me com seu corpo naquele caramanchão de vidro, metal e vinil, Helen enfiou a mão dentro da minha camisa, sentindo os meus mamilos. Peguei nos seus dedos e coloquei-os em volta do meu pênis. Vi, pelo retrovisor, um carro-pipa da manutenção aparecendo. Ele passou diante de nós com um estrondo de poeira e diesel que reboou nas portas do carro. Esta onda de excitação trouxe as primeiras gotas de sêmen ao meu pênis. Dez minutos mais tarde, quando o caminhão retornou, a vibração nas janelas provocou o meu orgasmo. Helen ajoelhou-se diante de mim, com os cotovelos apoiados no banco, entre a minha cabeça.

Recostei-me sentindo o forte odor do vinil. Minhas mãos ergueram sua saia até a altura da cintura, de modo que eu pudesse ver a curva dos seus quadris. Apertei-a vagarosamente contra mim, pressionando o pênis contra o seu clitóris. Partes do seu corpo, os joelhos quadrados abaixo dos meus cotovelos, o seio direito fora do sutiã, a pequena marca do arco inferior do mamilo, moldavam-se com o interior do carro. Enquanto pressionava a cabeça do meu pênis contra o colo do seu útero, no qual pude sentir um aparelho antiquado, o seu diafragma, eu olhava para a cabine ao meu redor. Aquele pequeno espaço estava povoado pelas superfícies angulares dos controles e pelas partes redondas de corpos humanos interagindo em conjunções incomuns, como a primeira relação homossexual no interior da nave Apoio. O volume das coxas de Helen pressionando contra os meus quadris, o seu punho esquerdo enterrado no meu ombro, a sua boca grudada na minha, a forma e a umidade do seu ânus, quando acariciei-o com o meu dedo anular, tudo isto estava emoldurado pelas invenções de uma benevolente tecnologia — os mostradores modulados no painel de instrumentos, a saliente carapaça da coluna do volante, o extravagante formato de pistola do freio de mão. Senti o quente vinil do assento embaixo de mim e então acariciei o umedecido períneo de Helen. Sua mão apertou o meu testículo direito. Os laminados plásticos ao meu redor, da cor de antracito lavado, tinham a mesma tonalidade que os pêlos púbicos repartidos na entrada da sua vulva. O compartimento de passageiros nos encerrava como se fosse uma máquina, gerando de nosso ato sexual um homúnculo de sangue, sêmen e água do motor.

Meu dedo moveu-se para o reto de Helen, sentindo o corpo do meu pênis dentro da sua vagina. Aquelas membranas finas, como a mucosa nasal que toquei com a minha língua, refletiam-se no vidro dos mostradores do painel, na curva intacta do pára-brisa.

Ela mordeu o meu ombro esquerdo, marcando minha camisa com a impressão de uma boca de sangue. Sem pensar, bati no lado da sua cabeça com a palma da minha mão.

— Sinto muito! — disse ela ofegante no meu rosto. — Por favor,-não se mexa!

Ela colocou meu pênis de volta dentro de sua vagina. Segurando suas nádegas com ambas as mãos, busquei rapidamente o meu orgasmo. Acima de mim, o rosto sério de Helen Remington me encarava como se ela estivesse ressuscitando um paciente. O brilho da umidade da pele ao redor da sua boca era igual ao do orvalho da manhã sobre um pára-brisa. Ela movimentou rapidamente sua bunda, forçando o osso púbico contra o meu, depois reclinou-se

no painel enquanto um Land-Rover passava ruidosamente pela estrada, enviando uma nuvem de poeira nas janelas.

Depois que ele passou, ela ergueu-se do meu pênis, deixando o sêmen escorrer entre as minhas pernas. Ela recostou-se no volante, segurando a glândula molhada na sua mão. Olhou pelo compartimento do carro, como se estivesse especulando outras possibilidades para incrementar o nosso ato sexual. Iluminada pelo sol da tarde, a cicatriz esvanecente na sua face demarcava essas motivações ocultas como se fosse a fronteira secreta de um território anexado. Pensando que poderia reanimá-la de algum modo, retirei o seio esquerdo do sutiã e comecei a acariciá-lo. Alegremente estimulado pela sua geometria familiar, olhei para a gruta adornada do painel de instrumentos, para a saliência do volante e da coluna, e para as cabeças cremadas dos botões de controle.

Um carro da polícia surgiu na estrada de serviço atrás de nós, com a carroceria branca movimentando-se pesadamente pelos buracos e valetas. Helen sentou-se e guardou os seios habilmente com a mão. Ela se recompôs rapidamente, e começou a refazer a maquiagem no espelho do seu estojo. Tão abruptamente quanto começara, ela agora estava distanciada de sua ávida sexualidade.

Todavia, Helen Remington claramente não ficou nem um pouco apreensiva com aquelas ações inadequadas, com aqueles atos sexuais no limitado compartimento do meu carro estacionado em estradas de serviço desertas, em becos-sem-saída e nas auto-estradas. Quando a pegava, durante as semanas seguintes, na casa que ela alugara em Northolt, ou esperava por ela na sala de recepção fora dos escritórios de imigração no aeroporto, parecia-me inacreditável que eu tivesse qualquer tipo de envolvimento sexual com aquela médica sensível no seu jaleco branco, que ouvia com indulgência a argumentação inconsistente de algum paquistanense tuberculoso.

Estranhamente, nossos atos sexuais somente aconteciam no interior do meu automóvel. No grande quarto de dormir da sua casa alugada eu era incapaz até mesmo de ter uma ereção, e a própria Helen tornava-se discursiva e distante, falando sobre os aspectos mais aborrecidos do seu trabalho. Já no meu carro, movimentando-nos pelas pistas de tráfego superlotadas, que formavam uma audiência invisível, e que não nos via, nós éramos capazes de nos estimular.

A cada vez ela revelava uma crescente ternura em relação a mim e ao meu corpo, tentando mesmo mitigar minha preocupação com ela. Em cada ato sexual nós recapitulávamos juntos a morte do seu marido, realimentando a lembrança do corpo dele na sua vagina em termos das inúmeras perspectivas de nossas bocas e coxas, mamilos e línguas, no interior do compartimento de metal e vinil do carro.

Esperei que Catherine descobrisse meus freqüentes encontros com aquela solitária médica mas, para surpresa minha, ela demonstrou somente um interesse superficial por Helen Remington. Catherine dedicara-se novamente ao nosso casamento. Antes do meu acidente, nosso relacionamento sexual era quase que totalmente abstrato, mantido por uma série de jogos imaginários e perversidades. Quando ela levantava-se da cama pela manhã parecia um eficiente mecânico servindo-se a si mesmo: uma perfunctória chuverada; a urina da noite jogada no vaso; a touca do cabelo desfeita e refeita novamente (como e onde ela fazia amor durante à hora do almoço e com quais pilotos e executivos das empresas aéreas?); a televisão ligada no noticiário enquanto coava o café...

Tudo isso agora terminara, sendo substituído por um pequeno mas crescente repertório de ternuras e afetos. Enquanto ela permanecia deitada ao meu lado, atrasada de bom grado para o trabalho, eu podia chegar ao orgasmo simplesmente pensando no carro no qual a doutora Helen Remington e eu realizávamos os nossos atos sexuais.

Este agradável idílio doméstico, com suas deliciosas promiscuidades, terminou com o reaparecimento de Robert Vaughan, o anjo tenebroso das vias expressas.

Catherine ausentara-se por três dias, para um encontro de empresas aéreas em Paris, e, por curiosidade, levei Helen para as corridas de stock-car no estádio de Northolt. Diversos motoristas, dublês que trabalhavam no filme de Elizabeth Taylor nos Estúdios Shepperton, exibiam dísticos onde se lia "pilotos do inferno". Ingressos circulavam pelos estúdios e escritórios. Desaprovando o meu caso com a viúva do homem que eu matara, Renata deu-me dois, presumivelmente como um gesto irônico.

Helen e eu sentamo-nos na arquibancada meio deserta, esperando enquanto uma sucessão de carros especialmente preparados, despojados, circulava pela pista cinzenta.

Uma multidão enfasiada observava em torno do campo de futebol adaptado. A voz do apresentador ressoou acima de nossas cabeças.

O final de cada aquecimento era saudado sem muito entusiasmo pelas mulheres dos pilotos. Helen sentou-se junto a mim, com o braço em torno da minha cintura e o rosto encostado no meu ombro. Sua expressão parecia amortecida pelo contínuo rugir dos motores sem silenciosos.

— É estranho, eu pensava que tudo isto fosse muito mais popular.

— A coisa de verdade pode ser conseguida de graça — eu disse apontando para o programa em papel amarelo. — Este parece mais interessante: "A Recriação de um Espetacular Acidente Rodoviário".

Limparam a pista e várias estacas brancas foram dispostas em linha, de modo a formar o esboço de um entroncamento. Abaixo de nós, nos boxes, o corpo de um homem enorme e lambuzado de óleo, vestido com uma jaqueta prateada, estava sendo atado ao assento de um carro sem portas. Os longos cabelos tingidos de louro estavam presos atrás da cabeça por uma fita escarlate. Seu rosto rude tinha a expressão pálida e faminta de um trabalhador de circo desempregado. Reconheci-o como um dos dublês do estúdio, um antigo piloto de corridas chamado Seagrave. Cinco carros iriam tomar parte na representação do acidente — uma colisão múltipla na Rodovia Circular Norte, durante o verão passado, na qual morreram sete pessoas.

Enquanto eles se dirigiam para suas posições no campo, o apresentador começou a despertar o interesse da platéia. Fragmentos amplificados dos seus comentários reverberavam pelas arquibancadas vazias como se estivessem tentando escapar.

Apontei para um homem alto com uma câmera, vestindo uma jaqueta de combate, que estava perto do carro de Seagrave, gritando instruções para ele através do pára-brisa sem vidro, acima do rugido do motor.

— Vaughan novamente. Ele conversou com você no hospital. -Ele é um fotógrafo?

— De um tipo especial.

— Pensei que ele estivesse fazendo uma espécie de pesquisa sobre acidentes. Ele queria saber todo tipo de detalhe possível sobre a colisão.

O papel atual de Vaughan no estádio parecia o de um diretor de cinema. Como se

Seagrave fosse a sua estrela, um desconhecido que faria a sua reputação, ele inclinava-se atentamente sobre o suporte do pára-brisa, esboçando com gestos agressivos alguma nova coreografia de violência e colisão.

Seagrave reclinou-se no assento, fumando um cigarro frouxamente enrolado que Vaughan lhe dera, enquanto ajustava as correias e a inclinação da coluna do volante.

Seus cabelos pintados de louro eram o principal foco de interesse no estádio. Através do apresentador fomos informados, que Seagrave iria dirigir o carro-alvo, que seria violentamente abalroado por um caminhão que derrapava no caminho de quatro outros veículos.

A certa altura, Vaughan saiu do seu lado e correu pela arquibancada, até a cabine do apresentador atrás de nós. Seguiu-se um breve silêncio, após o qual fomos informados, em um tom meio triunfante, que Seagrave pedira que seu melhor amigo dirigisse o caminhão derrapante. Este último toque dramático não chegou a entusiasmar a multidão, mas Vaughan parecia satisfeito. Sua boca rígida, com os lábios cicatrizados, parecia abrir-se em um sorriso zombeteiro quando ele desceu pela passagem. Vendo Helen Remington e eu juntos, acenou para nós como se fôssemos velhos aficionados daqueles mórbidos espetáculos na arena.

Vinte minutos mais tarde, eu estava sentado no meu carro, atrás do Lincoln de Vaughan, enquanto um abalado Seagrave era carregado pelo estacionamento. A recriação do acidente fora um fiasco — atingido pelo caminhão, o carro de Seagrave ficara preso pelo pára-lama, como um toureiro míope correndo direto para os chifres do touro.

O caminhão arrastou-o cerca de quarenta e cinco metros antes de arremetê-lo contra um dos outros carros. A forte colisão, feita sem nenhuma proteção, fez com que toda a multidão, inclusive Helen e eu, se levantasse.

Somente Vaughan não se movera. Enquanto os atordoados pilotos saíam com dificuldade dos carros e retiravam Seagrave debaixo do volante, Vaughan caminhava rapidamente pela arena, acenando de um modo peremptório para Helen Remington. Eu segui-a pela pista cinzenta, mas Vaughan me ignorou, conduzindo Helen através da multidão de mecânicos e curiosos.

Embora Seagrave fosse capaz de andar, limpando as mãos sujas de graxa nas calças prateadas, e cambaleando meio confusamente, Vaughan persuadiu Helen a acompanhá-los até o Hospital Geral de Northolt. Depois que saímos me vi obrigado a correr muito para acompanhar o carro de Vaughan, um Lincoln empoeirado com um farol montado na traseira. Enquanto Seagrave afundava no banco traseiro ao lado de Helen, Vaughan dirigia velozmente através do ar da noite, cotovelo apoiado na janela, tamborilando o teto com os dedos. Imaginei que aquele jeito descuidado fosse um modo de me testar, para ver se conseguia me iludir; nos sinais, ele me observava pelo retrovisor enquanto eu me aproximava, depois acelerava repentinamente quando a luz estava amarela. Na via de acesso para Northolt ele corria bem acima do limite de velocidade, e ultrapassou negligentemente um carro patrulha pelo lado errado. O motorista piscou os faróis, hesitando somente quando viu a tira escarlate, como uma mancha de sangue, nos cabelos de Seagrave e o piscar urgente dos meus faróis atrás.

Saímos da rampa e tomamos uma estrada de concreto para Northolt Oeste, um subúrbio residencial perto do aeroporto, com casas de um andar cercadas de pequenos jardins, separados por cercas de arame. A área era habitada por funcionários de empresas aéreas,

atendentes de estacionamentos, garçonetes e ex-aeromoças. Muitos deles trabalhavam em turnos, dormindo durante a tarde e à noite, e as cortinas das janelas estavam cerradas enquanto corríamos pelas ruas desertas.

Víramos na entrada do hospital. Ignorando o estacionamento para visitantes, Vaughan passou correndo em frente à entrada do ambulatório de acidentados e parou estrepitosamente no local reservado para os carros dos médicos. Ele saltou do assento e fez um gesto para Helen sair do carro. Alisando o cabelo louro para trás, Seagrave levantou-se relutantemente do banco traseiro. Ele ainda não recuperara o senso de equilíbrio e recostou o enorme corpo no suporte do pára-brisa.

Olhando para os seus olhos desfocados e a cabeça machucada, eu estava certo de que aquela era apenas a última de uma longa série de concussões. Ele cuspiu nas mãos manchadas de óleo, enquanto Vaughan segurava sua cabeça, apoiou-se no braço dele, e cambaleou atrás de Helen na direção do ambulatório de acidentados.

Ficamos esperando que voltassem. Vaughan sentou-se na capota do seu carro no escuro, com uma das coxas cortando o fecho do farol direito. Levantou-se, impacientemente, e andou em volta do carro, a cabeça erguida acima dos olhares espantados dos visitantes que iam para as enfermarias. Observando-o do meu carro, estacionado ao lado do seu, eu podia perceber que mesmo agora Vaughan estava dramatizando para aqueles anônimos passantes, mantendo sua posição sob as luzes como se estivesse esperando por invisíveis câmeras de televisão para enquadrá-lo. O ator frustrado era evidente em todos os seus movimentos impulsivos; o que, de um modo irritante, interferia nas minhas reações diante dele. Movendo-se rapidamente com seu velho tênis branco, foi até a traseira do carro e abriu o porta-malas.

Perturbado pelo reflexo dos faróis nas portas de vidro do departamento de fisioterapia, saí do meu carro e observei Vaughan procurando pelas câmeras e o equipamento de flash no porta-malas. Escolhendo uma filmadora com o punho em forma de pistola, ele fechou o porta-malas e sentou-se atrás do volante, com uma perna colocada em pose glamurosa sobre o asfalto negro.

Ele abriu a outra porta.

— Venha aqui, Ballard. Eles vão demorar muito mais do que a jovem Remington imagina.

Sentei-me ao lado dele no banco da frente do Lincoln. Ele olhou pelo visor da câmera, focalizando a entrada do ambulatório de acidentados. Uma pilha de fotografias de veículos batidos jazia no chão imundo. O que mais me perturbava em relação a Vaughan era a estranha postura de suas coxas e quadris, quase como se ele estivesse tentando forçar os órgãos genitais através do painel de instrumentos do carro. Eu observava suas coxas contraírem-se enquanto ele olhava pela câmera, as nádegas comprimindo-se juntas. Sem pensar, fiquei subitamente tentado a me inclinar e a pegar no seu pênis com a minha mão, examinando sua cabeça na luminescência dos mostradores. Eu visualizava a forte perna de Vaughan apertando o acelerador. Gotas do seu sêmen pingariam nos estilizados intervalos do marcador do velocímetro, com o mesmo ritmo do seu braço acenando para mim enquanto corríamos pelo desvio de concreto. Eu iria me dar com Vaughan desde esta primeira tarde até a sua morte um ano depois, mas todo o curso do nosso relacionamento foi estabelecido naqueles poucos minutos em que aguardamos no estacionamento dos médicos pela volta de Seagrave e Helen Remington.

Sentado ao seu lado, senti minha hostilidade dando lugar a uma certa deferência; talvez mesmo subserviência. O modo como Vaughan manejava o carro dava o tom de todo o seu comportamento — alternadamente agressivo, distraído, sensível, desajeitado, absorto e brutal. O Lincoln tinha perdido a segunda marcha de sua direção hidramática — ela rompeu-se, Vaughan explicou mais tarde, durante um pega com Seagrave. Às vezes, ao longo da Avenida Ocidental, nós seguíamos a quinze quilômetros por hora pela pista de alta velocidade, detendo o trânsito e esperando o rádio informar um acidente, para então acelerar. Vaughan por vezes dirigia como se fosse um paraplégico, manobrando desajeitada e rudemente o volante, como se esperasse que o carro estivesse adaptado com controles para inválidos, os pés colocados sem jeito enquanto nos movíamos rapidamente na direção da traseira de um táxi parado num sinal. No último momento, ele fazia o carro deter-se com um movimento brusco, revelando toda a impostura da sua atuação como motorista.

Seu comportamento com todas as mulheres que conhecia era governado pelos mesmos jogos obsessivos. com Helen Remington geralmente falava de um modo brusco e irônico, mas, às vezes, tornava-se polido e deferente, fazendo-me confidências intermináveis nos banheiros dos hotéis do aeroporto, indagando se ela deveria tratar da mulher e do filho pequeno de Seagrave ou, possivelmente, dele mesmo. Depois, perturbado por alguma outra coisa, ele passava a desprezar o trabalho dela bem como suas qualificações médicas. Mesmo depois do caso deles, a postura de Vaughan oscilava entre a afeição e prolongados períodos de tédio. Ficava sentado atrás do volante do seu carro, enquanto ela caminhava em nossa direção vinda dos escritórios da imigração, com os olhos concentrados numa fria avaliação de possíveis áreas de colisão.

Vaughan ajustou a câmera na beirada do volante. Reclinou-se descansadamente para trás, as pernas separadas, ajeitando com a mão a enorme virilha. A brancura dos seus braços e do seu peito, e as cicatrizes que marcavam sua pele, assim como a minha, davam a seu corpo um brilho doentio e metálico, semelhante ao do velho vinil do interior do carro. Aquelas estrias aparentemente sem sentido sobre a sua pele, como os entalhes de um cinzel, indicavam o forte amplexo de um compartimento de passageiros esmagado, um texto cuneiforme escrito na carne pelo estilhaçamento dos mostradores do painel, por alavancas de marcha quebradas e pelos comutadores das luzes do estacionamento. Em conjunto, elas descreviam uma linguagem exata de dor e sensação, erotismo e desejo. A luz refletida dos faróis de Vaughan incidiu sobre um semicírculo de cinco cicatrizes que cercavam o seu mamilo direito, um contorno pronto para ser agarrado pela mão que segurasse o seu peito.

No banheiro do ambulatório de acidentados fiquei ao lado de Vaughan enquanto urinávamos. Olhei para o seu pênis, imaginando se também teria cicatrizes. A glândula, presa entre o indicador e o dedo do meio, tinha uma estria pronunciada, como se fosse um canal extra para o sêmen ou outra mucosidade. Que parte de algum carro batido marcara aquele pênis e em qual casamento entre o seu orgasmo e a ponta de um instrumento cromado? As terríveis excitações provocadas por aquela cicatriz povoavam minha mente quando segui Vaughan de volta a seu carro por entre os visitantes que deixavam o hospital. Seu ligeiro desvio lateral, semelhante à inclinação do suporte do pára-brisa do Lincoln, expressava toda a oblíqua e obsessiva passagem de Vaughan pelos espaços abertos na minha mente.



Acima de nós, ao longo da pista do elevador, os faróis dos canos detidos pelo tráfego iluminavam o céu da noite, como lanternas penduradas no horizonte. Um avião levantou vôo da pista do aeroporto, cerca de trezentos e cinquenta metros à nossa esquerda, impulsionado pelos seus motores nervosos para o céu escuro. Além do perímetro da cerca viva, longas linhas de postes de metal surgiam sobre a grama mal cuidada. Os sistemas das luzes de aterrissagem formavam campos elétricos semelhantes aos bairros de uma metrópole superiluminada. Eu seguia o carro de Vaughan por uma estrada deserta. Estávamos nos dirigindo para uma área em desenvolvimento ao sul do aeroporto, uma zona sem iluminação, com prédios de três andares construídos para o pessoal das companhias aéreas, hotéis inacabados e postos de gasolina. Passamos por um supermercado vazio cercado por um mar de lama. Na beira da estrada as brancas dunas das ripas de construção brilhavam sob os faróis do carro de Vaughan.

Uma linha de postes acesos apareceu à distância, assinalando o perímetro daquele complexo vazio e de passagem. Logo após a sua margem, nas proximidades das vias de acesso para Stanwell, havia uma área com britadeiras nos pátios, ferros-velhos, pequenas oficinas para veículos e para consertos de painéis. Passamos por uma jamanta carregada de carros destróçados. Seagrave sentou-se no banco traseiro do carro de Vaughan, como se algo familiar estimulasse o seu cérebro exaurido. Desde a saída do hospital ele permanecera recostado no peitoril da janela, os cabelos tingidos de louro iluminados, como um velocino de náilon, pelos meus faróis. Helen Remington estava sentada ao seu lado, olhando de vez em quando para mim. Ela insistiu que acompanhássemos Seagrave até a sua casa, suspeitando visivelmente dos motivos de Vaughan.

Entramos no pátio da loja e da garagem de Seagrave. O seu negócio, que claramente conhecera melhores dias durante o seu breve apogeu como piloto de corrida, era envenenar carros e fazer adaptações sob encomenda. Por trás da suja vidraça da loja estava uma réplica em fibra de vidro de um modelo de corrida Brooklands, de 1930, com desbotados tecidos de lã estofando o assento. Esperando até que pudéssemos ir embora, observei Helen Remington e Vaughan conduzirem Seagrave para a sala. O piloto-dublê olhava confusamente para a barata mobília de couro artificial, não conseguindo por um instante reconhecer a própria casa. Ele deitou-se de costas no sofá, enquanto sua mulher reclamava com Helen, como se ela, a médica, fosse responsável pelos sintomas do paciente. Por alguma razão, Vera Seagrave absolvía Vaughan de qualquer responsabilidade, embora — como percebi mais tarde e ela já deveria então saber — Vaughan estivesse claramente usando o seu marido como um objeto experimental.

Uma mulher bonita e irrequieta, cerca de trinta anos, com os cabelos penteados de modo a parecer uma peruca afro. Uma pequena criança olhava para todos, agarrada entre as suas pernas, com os grossos dedos passando pelas duas longas cicatrizes nas coxas da mãe, expostas pela minissaia Tocando rapidamente na cintura de Vera Seagrave, enquanto ela questionava Helen Remington, Vaughan caminhou para o sofá do lado oposto, gêmeo do outro, e parou em frente ao trio que ali estava sentado. O homem, um produtor de televisão que fizera

os primeiros programas de Vaughan, acenou afirmativamente com a cabeça de um modo encorajador enquanto Vaughan descrevia o acidente de Seagrave, mas estava com os olhos demasiadamente injetados devido ao haxixe que estivera fumando — o doce cheiro da fumaça pairava em um fluxo diagonal pela sala — para concentrar-se na avaliação das possibilidades de um programa. Ao seu lado no sofá, uma jovem com o rosto pontudo preparava um outro baseado; enquanto ela envolvia um pequeno pedaço de resina em um papel laminado retorcido, Vaughan tirou um isqueiro de bronze do bolsinho de sua calça. Ela esquentou a resina e espalhou o pó sobre o papel esticado em uma máquina de enrolar no seu colo. Ela trabalhava como assistente social na agência de atendimento infantil de Stanwell e era uma velha amiga de Vera Seagrave.

Em suas pernas haviam traços do que pareciam ser cicatrizes provocadas por bacilos produtores de gás, tênues depressões circulares nas rótulas. Ela percebeu que eu olhava para as cicatrizes, mas não fez nenhum esforço para fechar as pernas. Ao seu lado no sofá estava uma bengala de metal cromado. Quando ela se moveu percebi que a parte interna de suas pernas estava presa a um aparelho ortopédico com tiras de metal. Pela postura extremamente rígida de sua cintura deduzi que estava também usando uma cinta de algum tipo.

Ela retirou o cigarro da máquina, encarando-me com uma suspeição evidente. Calculei que este reflexo de hostilidade fosse estimulado pela suposição de que eu não fora vitimado por alguma batida de automóvel, ao contrário de Vaughan, dela mesmo e dos Seagraves.

Helen Remington tocou no meu braço.

— Seagrave...

Ela apontou para a figura estatelada do piloto de cabelos louros. Ele se recuperara e estava agora brincando alegremente com o filho pequeno.

— Parece que um dublê estará dirigindo amanhã nos estúdios. Você pode impedi-lo?

— Pergunte à mulher dele. Ou a Vaughan... parece que ele é quem manda por aqui.

— Não acho que devemos.

O produtor de televisão falou em voz alta:

— Seagrave está sendo agora o dublê de todas as atrizes. É por causa dos seus belos cabelos louros. O que você faz quando é uma morena, Seagrave?

Seagrave agitava levemente o minúsculo pênis do seu filho.

— Eu boto no rabo dela. Primeiro o haxixe, faço um pequeno supositório bem apertado, depois enfio no cu. Duas viagens pelo preço de uma.

Ele olhou pensativamente para as mãos imundas.

— Eu gostaria de ter todas elas naqueles carros que temos que dirigir. O que você acha disso, Vaughan?

— Nós teremos, um dia.

Havia um surpreendente tom de deferência na voz de Vaughan enquanto ele olhava para o piloto-dublê:

— Nós faremos isso.

— Com aqueles trajes baratos e sangrentos que temos de usar.

Seagrave deu uma puxada no cigarro frouxamente enrolado que Vaughan passou para ele. Prendeu a fumaça nos pulmões enquanto olhava fixamente para a montanha de carros abandonados no fundo do jardim.

— Você pode vê-las, Vaughan, numa daquelas batidas em alta velocidade? Fazendo uma

capotagem de verdade. Ou uma batida frontal pra valer. Eu sonho com isso. Tudo aquilo que você quer, Vaughan.

Vaughan sorriu de maneira tranqüilizadora, uma careta metálica:

— Você está certo, é claro. com quem nós começamos?

Seagrave sorriu atrás da fumaça. Ignorou sua mulher, que estava tentando acalmá-lo, e encarou francamente Vaughan:

— Eu sei com quem eu começaria...

— Talvez.

—... posso ver aquelas enormes tetas cortadas no choque contra o painel.

Vaughan virou-se bruscamente, quase como se estivesse temendo que Seagrave tomasse a sua dianteira. As cicatrizes na boca e na testa davam ao seu rosto uma sensação extraordinária. Ele olhou para o outro sofá, onde o produtor de televisão e a jovem aleijada, Gabrielle, passavam o cigarro um para o outro.

Voltei-me para sair, decidindo esperar por Helen no meu carro. Vaughan seguiu-me até a porta. Segurou no meu braço com um forte aperto.

— Não se vá ainda, Ballard, eu preciso da sua ajuda.

Enquanto observava a cena, eu tive a sensação de que Vaughan estava controlando todos nós, dando a cada um aquilo que mais desejávamos e mais temíamos.

Segui-o por um corredor até um laboratório fotográfico. Ele conduziu-me com um gesto até o centro do quarto, fechando a porta.

— Este é o novo projeto, Ballard — disse gesticulando confiantemente pelo quarto. — Estou fazendo uma série especial para a televisão como parte de uma nova transação.

— Você deixou a N. C. L.?

— Naturalmente. O projeto é importante demais — respondeu balançando a cabeça, livrando-se da associação. — Um grande laboratório do governo não está preparado para lidar com uma coisa como esta, psicologicamente ou em quaisquer outros termos.

Centenas de fotografias estavam pregadas nas paredes e espalhadas sobre os bancos entre as bandejas esmaltadas. O chão em torno do ampliador estava atulhado de reproduções pela metade, desenvolvidas e jogadas fora assim que mostravam suas imagens. Enquanto Vaughan andava em torno da mesa central, folheando as páginas de um álbum encadernado em couro, olhei para as fotos descartadas embaixo dos meus pés. A maioria delas era de carros e veículos pesados envolvidos em colisões nas auto-estradas, cercados por espectadores e pela polícia, e de closes de pára-brisas e grades de radiador esmagados. Muitas foram tiradas por mãos trêmulas de um carro em movimento, exibindo as indistintas imagens de zangados policiais e enfermeiros, advertindo o fotógrafo que passava diante deles.

À primeira vista não se poderia reconhecer nenhuma das figuras humanas que apareciam naquelas fotos, mas na parede acima do tanque de metal, ao lado da janela, estavam as fotografias ampliadas de seis mulheres de meia-idade. Fiquei surpreso pela acentuada semelhança que tinham com Vera Seagrave, mostrando como ela poderia parecer num período de vinte anos. Variavam do que supus ser a bem conservada esposa de um empresário bem sucedido, com um casaco de pele de raposa em torno dos ombros, para uma caixa de supermercado na menopausa, até uma gorda lanterninha vestida em um uniforme de gabardine com galões. Ao contrário das demais fotografias, aquelas seis foram tiradas com muito cuidado, com uma lente zoom bem focalizada através de pára-brisas e portas giratórias.

Vaughan abriu o álbum ao acaso e entregou-o para mim. Recostado contra a porta, observou-me enquanto eu ajustava a lâmpada da mesa.

As primeiras trinta páginas registravam a colisão, a hospitalização e o romance pós-operatório da jovem assistente social, Gabrielle, que estava naquele momento sentada no sofá da sala de Seagrave enrolando os cigarros que estavam fumando. Por coincidência, o seu pequeno carro esporte colidira com um ônibus na rampa de entrada para o aeroporto, não muito distante do local do meu próprio acidente. Seu rosto de queixo comprido, com a pele começando a ceder, como o primeiro deslizamento de uma avalanche, jazia contra o assento lambuzado de óleo. Em torno do carro esmagado havia um grupo de policiais, enfermeiros e espectadores. No primeiro plano das primeiras fotos um bombeiro cortava com seu equipamento o suporte direito do pára-brisa. Os ferimentos na jovem ainda não eram visíveis. Seu rosto inexpressivo fitava o bombeiro enquanto ele segurava a tocha, quase como se estivesse esperando por algum bizarro assalto sexual. Nas últimas fotografias os ferimentos que iriam mascarar seu rosto começavam a aparecer, como os traços de uma segunda personalidade, uma prévia das faces ocultas de sua psique que somente emergiriam depois na meia-idade. Fiquei surpreso com as linhas precisas que os ferimentos formaram em torno de sua boca larga. Aquelas mórbidas depressões eram semelhantes às de uma solteirona egocêntrica com um histórico de casos infelizes. Depois, surgiram mais feridas nos seus braços e ombros, marcas da coluna do volante e do painel de instrumentos, como se estes amantes tivessem-na livrado de um desespero cada vez mais abstrato, com uma série de implementos grotescos.

Atrás de mim, Vaughan permanecia recostado contra a porta. Pela primeira vez, desde que o conhecera, o seu corpo estava inteiramente relaxado, com os movimentos maníacos de certo modo acalmados pela minha imersão no seu álbum. Virei as páginas seguintes. Vaughan compilara um elaborado dossiê fotográfico da jovem. Imaginei que ele deparou-se casualmente com o acidente poucos minutos depois dela ter batido contra a traseira do ônibus. Os rostos alarmados de vários passageiros da Varig olhavam pelas janelas para o carro esporte esmagado que aquela jovem mulher ferida projetara, como o molde de uma escultura, na desprotegida saliência em baixo de suas poltronas.

As fotos seguintes mostravam-na sendo retirada do carro, com a saia branca cheia de sangue. Seu rosto apoiava-se, inexpressivamente, no braço de um bombeiro, que a erguia da bacia sangrenta do assento como se ela fosse um membro insano de algum culto na América do Sul batizado numa fonte de sangue de cordeiro. Um policial sem chapéu segurava uma das pontas da maça, o queixo quadrado empurrado para o lado pela coxa esquerda dela. Entre os dois estava o negro triângulo formado pelas suas entre pernas. As páginas seguintes mostravam o carro esporte esmagado no pátio do ferro-velho, e doses das manchas de sangue secas nos assentos. Vaughan aparecia em pessoa em uma dessas fotos, olhando para o carro numa pose byroniana, o volume do pênis visível na calça apertada.

A última seqüência de fotos mostrava a jovem em uma cadeira de rodas cromada, conduzida por um amigo pelo gramado coberto de azaléias de uma instituição para convalescentes, impulsionando ela mesma o brilhante veículo num encontro de praticantes do arco e flecha e, finalmente, recebendo as primeiras aulas no volante de um carro adaptado para inválidos. Vendo-a assimilar a complexa operação dos pedais do freio e da embreagem, eu compreendi toda a extensão da transformação que aquela jovem mulher tragicamente ferida

sofrerá durante a sua recuperação do acidente. As primeiras fotos dela, caída no carro esmagado, mostravam uma mulher convencional cujo rosto simétrico e a pele flácida indicavam claramente toda a moderação de uma vida passiva e confortável, de namoricos sem maior interesse nos bancos traseiros de carros baratos, desfrutados sem qualquer senso das reais possibilidades do seu corpo. Eu podia imaginá-la sentada no carro de algum funcionário da assistência social, inconsciente da conjunção formada pela sua própria genitália e o estilizado painel de instrumentos, uma geometria de erotismo e fantasia que seria revelada pela primeira vez na batida do seu carro, um casamento selvagem reunindo os pontos carnudos dos seus joelhos e do seu púbis. Aquela atraente mulher, com os seus prazerosos sonhos sexuais, renascera no interior dos contornos retorcidos do carro esporte batido. Três meses mais tarde, sentada ao lado do instrutor de fisioterapia em seu novo carro adaptado, ela segurava os pedais cromados com os fortes dedos, como se eles fossem extensões do seu clítoris. Seus olhos espertos pareciam estar bem conscientes de que o espaço entre as pernas aleijadas estava quase sempre ao alcance do olhar daquele musculoso jovem. Os olhos dele vagavam pela charneca úmida do seu púbis enquanto ela movimentava a alavanca da marcha. O corpo esmagado do carro esporte transformara-a numa criatura com uma sexualidade livre e perversa, liberando através da carroceria retorcida e do vazamento da água do motor, todas as desviantes possibilidades do seu sexo. As coxas aleijadas e os debilitados músculos das suas pernas constituíam modelos para fascinantes perversidades. Olhando através da janela para a câmara de Vaughan, os seus olhos astutos estavam claramente conscientes do real interesse dele por ela. Na postura de suas mãos no volante e no acelerador, com os dedos malsãos apontando para o próprio peito, estavam presentes os elementos de algum estilizado rito masturbatório. O seu forte rosto, com seus planos desnivelados, parecia reproduzir o painel deformado do carro, quase como se ela conscientemente percebesse que aqueles mostradores e ponteiros retorcidos proporcionavam uma antologia facilmente acessível de atos depravados, chaves para uma sexualidade alternativa. Fiquei olhando para aquelas fotos sob a luz sombria. Rapidamente, visualizei uma série de fotos imaginárias que poderia tirar com ela: em vários atos sexuais, as pernas apoiadas em partes de uma complexa máquina operatriz, com roldanas e pedais; com o instrutor de educação física, ela seduzindo aquele jovem convencional com os novos parâmetros do seu corpo, desenvolvendo uma habilidade sexual que seria exatamente análoga àquelas criadas pelas múltiplas tecnologias do século 20. Pensando na contração do músculo extensor de sua espinha durante o orgasmo, nos pêlos eriçados dos músculos inferiores de suas coxas, eu fitava o estilizado medalhão do fabricante visível nas fotos, o contorno lateral dos suportes da janela Vaughan continuava silenciosamente recostado na porta. Virei as páginas. O resto do álbum, como eu imaginava, descrevia o curso do meu próprio acidente e da minha recuperação. Pela primeira foto, que me mostrava sendo carregado para o interior da unidade de acidentados do hospital em Ashford, pude perceber que Vaughan já estava lá quando cheguei — mais tarde soube que ele ouvia as transmissões das ambulâncias no canal VHF do rádio no seu carro.

A seqüência de fotos era mais um registro de Vaughan do que de mim mesmo, era muito mais sobre o cenário e as preocupações do fotógrafo do que sobre o seu tema. com exceção daquelas no hospital, tiradas com uma lente zoom através da janela aberta, enquanto eu permanecia na cama, bem mais enfaixado do que pude supor na época, o pano de fundo de todas as outras era o mesmo — o automóvel, movendo-se ao longo das auto-estradas em torno

do aeroporto, nos congestionamentos sobre o viaduto, estacionado em becos-sem-saída e nas alamedas de namoro. Vaughan me seguira do depósito da polícia até a área de recepção do aeroporto, do edifício-garagem até a casa de Helen. Olhando-se aquelas rudes reproduções tinha-se a impressão de que toda a minha vida fora passada dentro ou perto de um carro. O interesse de Vaughan na minha própria pessoa era claramente mínimo: ele não estava preocupado com o comportamento de um produtor de comerciais para a televisão, de 40 anos, mas sim com a interação entre um indivíduo anônimo e o seu carro, com os contatos do seu corpo com a celulose polida do painel e do assento de vinil, com a silhueta do seu rosto recortada contra os mostradores.

O leitmotiv daquele registro fotográfico emergiu durante a minha convalescença: minhas relações, mediadas pelo automóvel e seu aparato tecnológico, com minha mulher, Renata e a doutora Helen Remington. Nestas cruas fotografias, Vaughan fixara meus abraços inseguros enquanto eu experimentava o meu corpo nos primeiros encontros sexuais depois do acidente. Ele flagrara minha mão estendida sobre o eixo de transmissão do carro esporte de minha mulher, a parte interna do meu antebraço vincada pela alavanca de marcha cromada, o meu pulso ferido pressionando a sua coxa branca; a minha boca ainda dormente no mamilo esquerdo de Renata, tirando seus peitos da blusa com a minha cabeça recostada na janela; Helen Remington sentada com as pernas abertas sobre mim no banco traseiro do seu carro especial preto, a saia presa na cintura, os joelhos cicatrizados pressionando o vinil do assento enquanto o meu pênis entrava na sua vulva, o ângulo oblíquo do painel de instrumentos formando uma série de elipses indistintas como se fossem globos ascendendo de nossos felizes órgãos genitais.

Vaughan ficou parado atrás de mim, como um instrutor pronto a ajudar um aluno promissor. Enquanto eu olhava para minha foto com os peitos de Renata, Vaughan inclinou-se ao meu lado, com sua atenção voltada para outra coisa. com a unha quebrada do polegar, a ponta toda suja de óleo, ele apontou para a junção do peitoril cremado da janela com o esticado elástico do sutiã da jovem. Por um capricho da fotografia eles formavam um estilingue de metal e náilon que parecia projetar o mamilo destorcido para dentro da minha boca.

O olhar de Vaughan era inexpressivo. Os furúnculos da infância haviam deixado um arquipélago de marcas bexiguntas no seu pescoço. Um cheiro forte, mas não desagradável, emanava do seu jeans branco, uma mistura de sêmen e água do motor. Ele passou a virar as fotos, batendo de vez em quando no álbum para enfatizar um ângulo incomum da câmera para mim.

Observei Vaughan fechar o álbum, imaginando por que eu me sentia incapaz de dar, pelo menos, uma demonstração de raiva, de protestar por aquela intrusão na minha vida. Mas a indiferença de Vaughan por qualquer emoção ou preocupação já produzira o seu efeito. Talvez algum latente elemento homo-erótico tivesse sido despertado na minha mente por aquelas suas fotos de violência e sexualidade. O corpo deformado da jovem mulher aleijada, como os corpos deformados dos carros esmagados, revelava as possibilidades de uma sexualidade inteiramente nova. Vaughan articulava minha necessidade de dar uma resposta positiva à minha própria colisão.

Olhei para as longas coxas e as duras nádegas de Vaughan. Por mais carnal que um ato de sodomia com ele pudesse parecer, a dimensão erótica estaria ausente. Esta ausência,

contudo, tornava um ato sexual com Vaughan inteiramente possível.

A introdução do meu pênis no seu reto, no momento em que estivéssemos juntos no assento traseiro do seu carro, seria um evento tão estilizado e abstrato quanto aqueles registrados pelas suas fotos.

O produtor de televisão surgiu meio atordoado na porta, um cigarro molhado e aberto entre os dedos.

— V. você pode enrolar este? Seagrave enxovalhou tudo. Ele passou o cigarro e inclinou a cabeça na minha direção:

— O centro nervoso, hein? Vaughan faz tudo parecer um crime. Vaughan largou um tripé que estava lubrificando e apertou habilmente o fumo no cigarro, colocando de volta os grãos de haxixe que haviam caído na sua mão. Lambeu o papel com uma língua comprida que saía da sua boca como a de um réptil.

Suas narinas aspiraram a fumaça.

Olhei para uma pilha de fotos recém-reveladas sobre a mesa embaixo da janela. Elas mostravam o rosto familiar de uma atriz de cinema, fotografada enquanto saía de sua limusine em frente a um hotel de Londres.

— Elizabeth Taylor... você a está seguindo?

— Ainda não. Eu preciso encontrá-la, Ballard.

— Como parte do seu projeto? Duvido que ela possa ajudá-lo. Vaughan andou pelo quarto com as pernas tortas.

— Ela está trabalhando em Shepperton agora. Você não está utilizando-a em um comercial da Ford?

Vaughan esperava que eu falasse. Eu sabia que ele tentaria evitar qualquer evasiva. Pensando na sinistra fantasia do abalado Seagrave — as estrelas de cinema sendo forçadas a colidirem em seus carros-dublês — eu decidi não responder.

Percebendo tudo isso no meu rosto, Vaughan caminhou para a porta.

— Vou chamar a doutora Remington para você. Nós falaremos sobre isso novamente, Ballard.

Ele deu-me, presumivelmente como um gesto de pacificação, uma pilha de revistas sexuais dinamarquesas, bastante manuseadas.

— Dê uma olhada nelas. São feitas de um modo mais profissional. Você e a doutora Remington poderão desfrutá-las juntos.

Gabrielle, Vera Seagrave e Helen estavam no jardim, as vozes abafadas pelo ruído das aeronaves decolando no aeroporto. Gabrielle caminhava no centro, as pernas pedas numa paródia das posturas ensinadas em uma escola de etiqueta. Sua pele pálida refletia o âmbar das luzes da rua. Helen segurava o seu cotovelo esquerdo, conduzindo-a gentilmente através da grama que batia na altura do joelho. Subitamente me ocorreu que, durante todo o tempo que passara junto de Helen Remington, eu jamais discutira com ela a morte do marido.

Olhei para as fotografias coloridas das revistas; em todas, o carro, de um jeito ou de outro, figurava como a peça central — imagens agradáveis de jovens casais fazendo sexo grupal em torno de um conversível americano estacionado em uma plácida campina; um homem de negócios de meia-idade nu, juntamente com sua secretária, no assento traseiro de uma Mercedes; homossexuais despindo-se mutuamente em um piquenique à beira da estrada; adolescentes em uma orgia de sexo motorizado numa jamanta, entrando e saindo dos carros

amarrados; por todas aquelas páginas via-se o brilho dos painéis de instrumentos e dos quebra-ventos, o lustro do vinil polido refletindo a maciez de um estômago ou de uma coxa, as florestas de pêlos púbicos que emergiam de todos os cantos e compartimentos daqueles carros.

Vaughan observava-me sentado na poltrona amarela enquanto Seagrave brincava com o filho pequeno. Lembro-me do seu rosto, desligado mas sério, quando Seagrave desabotoou a camisa e colocou a boca do filho em seu mamilo, apertando a dura pele como a paródia de um seio.



O encontro com Vaughan, e o álbum de fotografias documentando o meu acidente, reavivaram todas as minhas lembranças daquele sonho traumático. Saindo da garagem uma semana mais tarde, percebi que era incapaz de dirigir o carro na direção dos estúdios em Shepperton, como se o veículo tivesse transformado-se durante a noite em um brinquedo japonês unidirecional, ou nele fosse instalado, assim como na minha própria cabeça, um poderoso giroscópio que apontava somente para o pé do viaduto no aeroporto.

Esperando que Catherine saísse para suas lições de vôo, dirigi o carro rumo ao elevado e, em poucos minutos, me vi encurralado em um congestionamento. As filas de veículos parados estendiam-se até o horizonte, onde se juntavam com as rodovias também entupidas que levavam para o sul e o oeste de Londres. Enquanto avançava lentamente, podia ver o meu próprio apartamento. Por cima das grades da sacada podia ver Catherine movendo-se pela sala, fazendo alguma coisa, dando dois ou três telefonemas e escrevendo em um bloco de anotações. De um modo inesperado ela parecia estar representando o meu papel — pois eu sabia que voltaria para o apartamento assim que ela saísse, tomando minha posição convalescente na varanda. Pela primeira vez percebi que sentado ali, bem no meio do prédio deserto, eu ficava exposto e era visto pelas dezenas de milhares de motoristas parados, muitos dos quais certamente especulariam sobre a identidade daquela figura envolta em bandagens. Aos olhos deles eu certamente apareceria como uma espécie de totem apavorante, um idiota doméstico sofrendo um dano cerebral irreversível, provocado por um acidente na estrada, e agora sendo colocado, todas as manhãs, para ver o local da morte do próprio cérebro.

O tráfego arrastava-se lentamente na direção do entroncamento da Avenida Ocidental. Perdi Catherine de vista enquanto as elevadas paredes de vidro dos blocos de apartamento interpunham-se entre nós. Ao meu redor, o tráfego matinal continuava parado sob a luz do sol, infestado de mosquitos. Estranhamente, quase não sentia nenhum sinal de ansiedade. Aquela profunda sensação de agouro que pairara, como as luzes dos sinais na minha frente, sobre minhas excursões anteriores ao longo do elevado, tinha agora desaparecido. A presença de Vaughan, em algum lugar ao meu redor naquelas rodovias repletas, me convencera de que alguma espécie de chave poderia ser encontrada para aquele iminente autogeddon. Suas fotos de atos sexuais, de partes das grades do radiador e dos painéis de instrumentos, conjunções entre o cotovelo e o cromo das janelas, a vulva e os mostradores, sumariavam as possibilidades de uma nova lógica criada por aqueles múltiplos artefatos, os códigos de um novo casamento entre a sensação e a possibilidade.

Vaughan me assustara. O modo insensível como ele explorava Seagrave, brincando com as fantasias violentas do desmiolado piloto-dublê, me advertiu de que ele, provavelmente, faria qualquer coisa para tirar vantagem da situação imediata ao seu redor. Acelerei quando o trânsito alcançou o entroncamento da Avenida Ocidental, depois fui para o norte na direção do primeiro desvio à direita que levava para Drayton Park. Como um imenso caixão de vidro, o bloco de apartamentos ergueu-se contra o céu sobre a minha cabeça, enquanto eu dirigia de volta para a garagem. No apartamento andei de um lado para outro, procurando sem parar pelo bloco no qual Catherine anotara os seus telefonemas. Eu queria interceptar toda e qualquer

mensagem para seus amantes, não por ciúme sexual, mas porque esses seus casos poderiam, ainda que de modo irrelevante, interferir em tudo aquilo que Vaughan estava planejando para todos nós.

Catherine fora incansavelmente generosa e afetuosa comigo. Ela continuou a insistir para que eu me encontrasse com Helen Remington, tanto que às vezes eu pensava que ela estava tentando conseguir um meio de arranjar uma consulta grátis, marcada com acentuadas insinuações lésbicas, a propósito de alguma obscura queixa ginecológica — os pilotos intercontinentais com quem ela confraternizava provavelmente tinham mais doenças que todos os aterrorizados imigrantes que se aglomeravam no consultório de Helen Remington.

Procurando Vaughan, passei a manhã percorrendo as vias de acesso ao aeroporto. Nos pátios de estacionamento dos postos de abastecimento ao longo da Avenida Ocidental eu acompanhava o fluxo do trânsito.

Depois ia para a plataforma de observação do Terminal Oceânico, esperando ver Vaughan seguindo um astro pop ou um político visitante.

À distância, o tráfego movia-se lentamente ao longo da pista descoberta do viaduto. Por alguma razão eu me lembrava de Catherine dizendo, certa vez, que ela jamais ficaria satisfeita até que todas as cópulas imagináveis do mundo tivessem finalmente acontecido. Em algum lugar naquele complexo de concreto e aço estrutural, naquele cenário de indicadores de tráfego e vias de acesso, de status e bens de consumo, cuidadosamente elaborados, Vaughan movia-se no seu carro como um mensageiro, o cotovelo cicatrizado apoiado na janela, cruzando as auto-estradas em um sonho de violência e sexualidade, sentado atrás de um pára-brisa sujo.

Desistindo da tentativa de encontrar Vaughan, dirigi para os estúdios em Shepperton. Um enorme caminhão bloqueava os portões. Pendurado na cabine o motorista gritava para os dois porteiros. Na traseira do caminhão estava um Citroen Pallas, preto, modelo especial, com o seu longo capô esmagado por uma batida frontal.

— Aquela máquina terrível — disse Renata, aproximando-se de mim sob a luz do sol enquanto eu estacionava. — Você a encomendou, James?

— Precisamos dela para o filme com a Taylor. Vamos realizar a seqüência de uma batida esta tarde.

— Ela vai dirigir aquele carro? Não me diga.

— Ela vai dirigir um outro carro. Este aí vai ser usado nas tomadas após abatida.

Mais tarde, fiquei pensando no corpo aleijado de Gabrielle enquanto olhava, sobre o ombro da maquiadora, para a figura infinitamente mais glamurosa e conservada da atriz, sentada atrás do volante do Citroen batido. A uma distância discreta o pessoal da luz e do som observava-a como se fossem espectadores de um acidente real. A maquiadora, uma jovem refinada com um senso de humor animador — tão diferente daquele das enfermeiras no hospital de acidentados a cuja categoria ela, de certa forma, pertencia —, trabalhara por mais de uma hora na simulação das feridas. A atriz permaneceu sentada, imóvel, no assento do motorista enquanto as últimas pinceladas completavam o elaborado véu de sangue que caía de sua testa como uma mantilha vermelha. Suas pequenas mãos e antebraços estavam marcados pelas sombras azuis dos ferimentos simulados. Ela já assumia a posição de vítima de uma colisão, os dedos tocando levemente as listras de resina carmim nos seus joelhos, as coxas delicadamente levantadas da capa plástica do assento, como se estivessem esquivando-se de

alguma membrana mucosa e rígida. Eu observei-a tocar no volante, mal reconhecendo a sua estrutura.

Em um compartimento embaixo do painel de instrumentos todo empenado, jazia uma luva de camurça empoeirada. Será que a atriz sentada no carro, com a sua pintura de morte, visualizava a vítima real do acidente que esmagara aquele veículo — uma francófila dona-de-casa suburbana, talvez, ou uma aeromoça de Air France? Será que ela repetia instintivamente os gestos daquela mulher ferida, reproduzindo na sua própria e magnífica pessoa os ferimentos de um acidente banal, as manchas de sangue e as suturas logo esquecidas? Ela sentava-se no carro danificado como uma divindade ocupando um relicário preparado para ela com o sangue de um membro menor da sua congregação. Embora eu estivesse a seis metros do carro, em pé ao lado de um engenheiro de som, os contornos únicos do seu corpo e da sua personalidade pareciam transformar o veículo esmagado. Sua perna esquerda apoiava-se no chão, o suporte da porta realinhava-se com ele mesmo e com o painel preparado para acomodar o seu joelho, quase como se todo o carro tivesse se deformado ao redor de sua figura em um gesto de homenagem.

O engenheiro de som voltou-se e bateu no meu cotovelo com um microfone. Enquanto ele se desculpava, um porteiro uniformizado passou afobado diante de mim. Surgira uma alteração no lado oposto do entroncamento rodoviário que fora construído do lado de fora do estúdio. O jovem assistente de produção americano estava discutindo com um homem de cabelos escuros vestindo um blusão de couro, tentando retirar uma câmera de sua mão. Quando a luz do sol bateu na lente zoom eu reconheci Vaughan. Ele estava reclinado no teto de um segundo Citroen, encarando o produtor e defendendo-se de vez em quando, com a mão cheia de cicatrizes. Ao seu lado, sentado no capô do carro, estava Seagrave. O cabelo louro preso por um nó no alto da cabeça e, por cima dojeans, ele usava um blusão feminino de camurça clara para motoristas. Por baixo do macacão vermelho, um sutiã bem recheado formava o contorno de dois enormes seios.

O rosto de Seagrave já estava maquiado de modo a parecer com o da atriz, com rimel e base escurecendo a sua pele pálida. Aquela máscara imaculada do rosto de uma mulher parecia uma paródia tenebrosa da atriz, muito mais sinistra do que as feridas cosméticas que estavam sendo aplicadas nela naquele momento. Presumi que Seagrave, usando uma peruca por cima dos cabelos louros e as mesmas roupas da atriz, iria dirigir todo aquele Citroen em uma colisão contra o terceiro veículo que trazia um manequim do amante dela.

Já então, ao olhar para Vaughan por detrás de sua grotesca máscara, Seagrave parecia que fora de algum modo vitimado por aquela colisão. com sua boca feminina e os olhos brilhantes, o cabelo louro amarrado em um coque na cabeça, ele parecia um velho travesti apanhado bêbado no seu camarim. Ele observava Vaughan com algum ressentimento, como se ele tivesse forçado-o a vestir aquela paródia da atriz. Vaughan conseguira acalmar o assistente de produção e o porteiro, sem ter que entregar sua câmera. Fez um sinal crítico para Seagrave, a boca cicatrizada abrindo-se num sorriso, e afastou-se na direção dos escritórios da produção. Quando me aproximei, ele me saudou com um gesto, incorporando-me na entourage que o cercava.

Lá trás, esquecido agora por Vaughan, Seagrave permanecia sentado sozinho no Citroen, como uma bruxa demente.

— Ele está bem? Você devia ter fotografado Seagrave. -Eu fotografei... naturalmente.

Vaughan prendeu a câmera junto do quadril direito. Usando o seu blusão de couro branco ele mais parecia um bonito ator do que um cientista renegado.

— Ele ainda pode dirigir?

— Enquanto puder se mover numa linha reta.

— Vaughan, leve-o a um médico.

— Isto iria estragar tudo. Além disso, não posso perder tempo. Helen Remington já o examinou — respondeu Vaughan virando de costas para o cenário da filmagem. —

Ela está indo para o Laboratório de Pesquisas Rodoviárias. Daqui a uma semana haverá uma apresentação especial. Vamos todos juntos.

— Esta é a espécie de diversão que posso muito bem dispensar.

— Não, Ballard, você vai achar estimulante. É uma parte vital da série para a televisão.

Ele afastou-se caminhando pomposamente para o estacionamento.

Essas poderosas confusões entre a ficção e a realidade, sintetizadas pela patética e sinistra figura de Seagrave disfarçado como se fosse a atriz, permaneceram na minha mente durante toda aquela tarde, chegando mesmo a perturbar minhas reações diante de Catherine quando ela veio me buscar.

Ela conversou amavelmente com Renata, mas foi logo distraída pelas fotos coloridas nas paredes, partes de carros esportes feitos sob encomenda e especiais de luxo que apareciam em um comercial que estávamos fazendo. Aqueles retratos emblemáticos da carroceria e da grade do radiador, do corpo do painel e do pára-brisa, pintados à pistola em tom pastel bem vivo e cores acrílicas, pareciam fasciná-la. Fiquei surpreso pela sua tolerância bem humorada em relação a Renata. Levei-a para a sala de montagem, onde dois jovens montadores estavam trabalhando. Provavelmente, Catherine estava convencida de que dentro daquele contexto visual algum tipo de junção erótica entre Renata e eu era inevitável, e que se ela própria viesse para aquele escritório, trabalhando com fotos de contornos e layouts de pára-lamas, iria também formar uma ligação sexual, não apenas com os dois jovens montadores, mas também com Renata.

Ela passara o dia em Londres. No carro, lá fora, seus pulsos eram um teclado de perfumes. O que me impressionou primeiro em Catherine foi a sua limpeza imaculada, como se tivesse mandrilado individualmente cada centímetro quadrado do elegante corpo, ventilado cada poro separadamente. Às vezes a aparência de porcelana do seu rosto, uma superelaborada maquiagem parecendo uma modelo exibindo o rosto de uma mulher bonita, me fizera suspeitar que toda a sua identidade era uma charada. Eu tentava visualizar o tipo de infância na qual se criara aquela jovem e bela mulher, invenção perfeita de um Ingres.

O que me atraiu em Catherine foi a sua passividade, aquela sua aceitação total de qualquer situação. Durante os nossos primeiros atos sexuais, nos quartos anônimos dos hotéis do aeroporto, eu inspecionava deliberadamente cada orifício que podia encontrar, passando os dedos pelas suas gengivas, esperando ver pelo menos um pedacinho de carne agarrado, forçando minha língua na sua orelha, esperando encontrar vestígios do gosto da cera, inspecionando as narinas e o umbigo, e finalmente sua vulva e seu ânus. Tive que enfiar nele todo o meu indicador para poder extrair um leve traço de matéria fecal, uma fina camada marron sob a minha unha.

Fomos para casa em carros separados. Sob as luzes do tráfego na via de acesso para as pistas do elevador eu observava Catherine pousando as mãos sobre o volante.

O seu indicador direito arranhava um velho adesivo pregado no pára-brisa. Esperando ao seu lado, via suas coxas moverem-se uma contra a outra enquanto ela pressionava o pedal do freio.

Enquanto dirigíamos pela Avenida Ocidental eu desejava abraçar o seu corpo no compartimento do carro. Na minha mente eu pressionava sua úmida vulva contra todas as saliências do painel, esmagava gentilmente os seus seios contra os suportes da porta e do quebra-vento, movia o seu ânus em uma lenta espiral contra a capa de vinil do assento, colocava suas pequenas mãos nos mostradores do painel e no peitoril da janela. A junção de suas membranas mucosas com o veículo, meu próprio corpo de metal, era celebrada pelos carros que passavam correndo diante de nós. A imagem de um alô imensamente perverso pairava sobre ela como uma coroação.

Quase hipnotizado por esta fantasia, percebi subitamente a presença do pára-lama amassado do Lincoln de Vaughan poucos centímetros atrás do carro esporte de Catherine.

Ele cortou repentinamente na minha frente, forçando a passagem pela pista, como se esperasse que ela cometesse um erro. Assustada, Catherine procurou refugiar-se na frente de um ônibus na pista lateral. Vaughan dirigiu ao lado do ônibus, usando a buzina e os faróis para forçar o motorista a reduzir e colocou-se novamente na traseira dela. Acelerei pela pista central, gritando para Vaughan quando o ultrapassei, mas ele estava sinalizando para Catherine, piscando os faróis nos pára-lamas traseiros do carro dela. Rapidamente, Catherine desviou seu pequeno carro para o pátio de um posto de gasolina, obrigando Vaughan a fazer um difícil retorno em U.

Com os pneus cantando, ele girou em torno do canteiro ornamental com suas plantas em vasos de cerâmica vidrada, mas bloqueei a sua passagem com o meu carro.

Excitada por tudo isso, Catherine permaneceu parada entre as bombas escarlates, com os olhos reluzindo na direção de Vaughan. As feridas nas minhas pernas e no meu peito doíam devido ao esforço feito para acompanhá-los. Saí do meu carro e caminhei para o de Vaughan. Ele me observava aproximar como se nunca tivesse me visto antes, a boca cicatrizada mascando chicletes, olhando distraidamente para os aviões levantando vôo no aeroporto.

— Vaughan, você não está numa maldita pista para dublês agora. Vaughan fez um breve gesto de pacificação com a mão. Colocou a alavanca em marcha-ré.

— Ela gostou, Ballard. É uma forma de cortesia. Pergunte a ela.

Ele fez um amplo círculo de marcha-ré, quase atropelando um frentista que passava, e disparou pelo tráfego vespertino.

Vaughan estava certo. As fantasias sexuais de Catherine começaram a envolvê-lo cada vez mais. À noite, deitados em nosso quarto, nós o colocávamos no panteão dos nossos parceiros familiares, assim como ele próprio nos seguia pelos vestibulos dos terminais.

— Precisamos arranjar mais haxixe — disse Catherine olhando para as luzes do tráfego que se refletiam pelas janelas. — Por que Seagrave está tão obcecado com aquelas atrizes de cinema? Você disse que ele quer fazer uma colisão com elas?

— Vaughan colocou a idéia na cabeça dele. Ele está usando Seagrave em alguma experiência.

— E a mulher dele?

— Ela é dominada por Vaughan.

— E você?

Catherine estava deitada de costas para mim, as nádegas pressionadas contra o meu ventre. Enquanto eu agitava o meu pênis, olhei para a cicatriz no meu umbigo entre as suas nádegas, tão imaculadas quanto as de uma boneca. Segurei os seus peitos com as mãos, as suas costelas esmagando o meu pulso esquerdo até o antebraço. A postura passiva de Catherine era decepcionante; pela longa prática eu sabia que isto era o prelúdio de uma fantasia erótica, uma lenta e circular inspeção de alguma presa sexual recente.

— Se eu estou sob o domínio dele? Não. Mas é difícil saber onde está o centro da sua personalidade.

— Você não está ressentido por ele ter tirado todas aquelas fotos? Parece que ele está usando você também.

Comecei a brincar com o mamilo direito de Catherine. Não estando ainda pronta para isto, ela pegou a minha mão e colocou-a em torno do seu seio.

— Vaughan anexa as pessoas a ele. Ainda existe um forte componente da personalidade de TV em todo o seu estilo.

— Pobre homem. Aquelas garotas que ele pega, algumas delas são ainda crianças.

— Você continua insistindo sobre elas. Não é em sexo que Vaughan está interessado, mas sim em tecnologia.

Catherine pressionou a cabeça contra o travesseiro, um gesto familiar de concentração.

— Você gosta de Vaughan?

Toquei seu mamilo com os meus dedos novamente e comecei a torná-lo ereto. Suas nádegas moveram-se na direção do meu pênis. Sua voz saía num tom baixo e grave.

— Em que sentido? — perguntei.

— Ele fascina você, não?

— Existe algo em relação a ele. Em relação a suas obsessões.

— Aquele carro espalhafatoso, o modo como ele dirige, a sua solidão. Todas as mulheres com quem ele trepou dentro dele. Deve cheirar a sêmen...

— E cheira.

— Você o acha atraente?

Afastei o pênis de sua vagina e coloquei a cabeça na entrada do ânus, mas ela

pressionou-o de volta para a sua vulva rapidamente com a mão.

— Ele é muito pálido, coberto de cicatrizes.

— Você gostaria de trepar com ele, apesar disso? Naquele carro?

Fiz uma pausa, tentando retardar o orgasmo que subia como uma maré cheia pelo corpo do meu pênis.

— Não. Mas existe algo em relação a ele, particularmente quando ele dirige.

— É sexo. Sexo e aquele carro. Você já viu o pênis dele?

Enquanto descrevia Vaughan para ela, eu ouvia minha voz elevando-se ligeiramente acima dos sons de nossos corpos. Eu indicava os elementos que formavam a imagem de Vaughan na minha mente: as duras nádegas mantidas no interior do jeans usado quando ele movimentava os quadris para sair do carro; a pele amarelada do abdômen, quase expondo o triângulo do seu púbis quando ele se reclinava no assento diante do volante; o volume do pênis semi-ereto pressionando a calça pegajosa; os pedaços de sujeira que ele retirava do nariz agudo e esfregava no vinil entalhado da porta; a úlcera no dedo indicador quando ele me passava o seu isqueiro; os duros mamilos roçando na saliência da buzina através da rasgada camisa azul; o polegar quebrado arranhando as manchas de sêmen no assento entre nós.

— Ele é circuncidado? — perguntou Catherine. — Você pode imaginar como é o ânus dele? Descreva-o para mim.

Minha descrição de Vaughan prosseguiu, mais para o prazer de Catherine do que para o meu próprio. Ela pressionou a cabeça ainda mais no travesseiro, a mão direita agitando-se sofregamente enquanto forçava meus dedos a manipularem os seus mamilos. Embora excitado pela idéia de manter uma relação com Vaughan, a mim parecia que estava descrevendo um ato sexual envolvendo uma outra pessoa que não eu. Vaughan estimulava algum impulso homossexual latente apenas quando estávamos dentro do seu carro ou dirigindo ao longo da auto-estrada. Sua atração residia não tanto no familiar complexo de gatilhos anatômicos — uma curva do peito exposto, o suave formato de uma nádega, os cabelos em forma de arco no períneo úmido — mas sim na estilização da postura alcançada entre ele e o carro. Fora do seu automóvel, particularmente daquele cruzador das auto-estradas cheio de emblemas, Vaughan deixava de ser uma pessoa interessante.

— Você gostaria de sodomizá-lo? Você gostaria de pôr o pênis na bunda dele, de enfiar lá dentro do seu ânus? Me diga, descreva para mim. Me diga o que você faria. Como você o beijaria naquele carro? Descreva como você abriria o zíper de sua calça, tirando depois o pênis para fora. Você o beijaria ou o chuparia logo? com qual mão você o seguraria? Você já chupou um pênis alguma vez?

Catherine se entregara à fantasia. Quem será que ela via deitado ao lado de Vaughan, ela própria ou eu?

—... você sabe qual é o gosto do sêmen? Você já provou sêmen alguma vez? Alguns são mais salgados do que outros. O sêmen de Vaughan deve ser muito salgado...

Eu olhei para o louro cabelo que cobria o seu rosto, para os seus quadris remexendo enquanto ela buscava o orgasmo. Aquela era uma das primeiras vezes que ela havia me considerado em um ato homossexual, e a intensidade da fantasia me surpreendeu. Ela estremeceu com o seu orgasmo, o corpo arrepiando de prazer. Antes que eu pudesse abraçá-la ela virou-se de bruços, deixando o meu sêmen escorrer da sua vagina. Em seguida, ela levantou-se da cama e entrou rapidamente no banheiro.

Durante a semana seguinte Catherine desfilou pelos salões de embarque do aeroporto como uma rainha no cio. Observando-a do meu carro enquanto Vaughan acompanhava-a com o seu olhar aberrante, eu sentia o meu baixo ventre agitar-se, o pênis pressionado contra o volante.



— Você gozou? Helen Remington tocou no meu ombro com a mão insegura, como se eu fosse um paciente que lhe dera muito trabalho para fazer reviver. Enquanto eu permanecia deitado no banco traseiro do carro, ela vestiu-se com movimentos abruptos, ajustando sua saia em torno dos quadris como uma funcionária ajeitando bruscamente a roupa de um manequim na vitrine de uma loja de departamentos.

No caminho para o Laboratório de Pesquisas Rodoviárias eu sugeri que parássemos entre os reservatórios a oeste do aeroporto. Durante a semana anterior Helen desviara o seu campo de interesse para longe de mim, como se estivesse relegando o acidente e eu a uma vida passada cuja realidade ela não mais reconhecia. Eu sabia que ela estava a ponto de ingressar naquele período de promiscuidade irrefletida que a maioria das pessoas experimenta após uma perda. A colisão entre nossos carros, e a morte do seu marido, tinham tornado-se a chave para uma nova sexualidade. Nos primeiros meses após a morte do marido ela passou por uma série de casos rapidamente consumidos, como se o contato da genitália de todos esses homens com as suas mãos e sua vagina trouxesse de algum modo o marido de volta, e todo aquele sêmen misturado dentro do seu útero fosse reavivar a esvanecente imagem do homem morto na sua mente.

No dia seguinte ao seu primeiro ato sexual comigo, ela arranjava um outro amante, um jovem patologista do Hospital Ashford. Dele, ela passou por uma sucessão de homens: o marido de uma colega médica, um radiologista em treinamento, o encarregado do serviço na sua garagem. O que me despertou o interesse em todos esses casos, que ela descrevia para mim com uma voz embaraçada, foi a presença do automóvel.

Todos aconteceram no interior de um carro, seja no edifício-garagem do aeroporto, no local de lubrificação da sua própria garagem, ou nos acostamentos próximos ao elevador, como se a presença do carro mediasse um elemento que, por si só, dava sentido ao ato sexual. De algum modo, eu presumi, o carro recriava o seu papel na morte do marido juntamente com as novas possibilidades abertas para o corpo dela. Somente no carro ela podia alcançar o seu orgasmo. Uma tarde, quando estávamos juntos no meu carro num edifício-garagem em Northolt, eu senti o seu corpo enrijecer-se em um ricto de hostilidade e frustração. Coloquei minha mão no triângulo negro do seu púbis, ao qual a umidade, na escuridão, dava um tom prateado. Ela afastou os braços de mim e ficou olhando para a cabine do carro, como se estivesse a ponto de rasgar os seios expostos naquela armadilha de fâcas de vidro e metal.

Os reservatórios desertos estavam ao nosso redor sob a luz do sol, um invisível mundo marinho. Helen fechou sua janela, impedindo a entrada do barulho de um avião alçando vôo.

— Nós não voltaremos mais aqui. Você terá que arranjar um outro lugar.

Eu sentira a mesma diminuição na excitação. Sem ter Vaughan nos observando, registrando nossos movimentos e peles com sua câmera, o meu orgasmo parecia vazio e estéril, uma ejaculação desperdiçada.

Na minha mente eu visualizava a cabine do carro de Helen, de cromo e vinil rígidos, trazida à vida pelo meu sêmen, transformada em um caramanchão de flores exóticas, com

trepadeiras entrelaçando-se pelo teto, o fundo e os assentos cobertos de grama molhada.

Olhando para Helen, enquanto ela acelerava na pista livre do elevador, subitamente comecei a imaginar como eu poderia magoá-la. Pensava em levá-la novamente pela rota da morte do seu marido — talvez isto pudesse reativar seu desejo sexual por mim, redespertando toda e qualquer hostilidade sexual que ela sentira em relação a mim e ao homem morto.

Enquanto passávamos pelos portões do Laboratório, Helen inclinou-se sobre o volante, os braços esguios segurando-o numa estranha posição. O seu corpo formava uma incômoda geometria com o suporte do pára-brisa e o ângulo da coluna do volante, quase como se ela estivesse conscientemente imitando as posturas da jovem aleijada, Gabrielle.

Caminhamos do estacionamento lotado para o local dos testes. Helen discutiu com o pesquisador que nos saudara um projeto de lei do Ministério sobre barras antiderrapantes.

Duas filas de carros danificados estavam formadas sobre o concreto. Os corpos dos manequins de plástico permaneciam dentro das carrocerias amassadas, com os rostos e os peitos despedaçados pelas colisões, as áreas feridas marcadas por painéis coloridos nos crânios e abdômens.

Helen olhou para eles através dos pára-brisas quebrados, quase como se fossem pacientes que ela esperava tratar. Enquanto passávamos pela multidão de visitantes, com seus trajes elegantes e chapéus floridos, Helen estendeu a mão pelas janelas estilhaçadas e acariciou os braços e as cabeças de plástico.

Esta lógica de sonho pairou sobre toda aquela tarde. Sob a brilhante luz do sol as centenas de visitantes adquiriam a aparência de manequins, não mais reais do que as figuras de plástico que iriam desempenhar os papéis de motoristas e passageiros em uma colisão frontal entre um carro especial e uma motocicleta.

Esta sensação de desincorporação, da irrealidade dos meus próprios músculos e ossos, intensificou-se com a chegada de Vaughan. Na minha frente, os engenheiros estavam ajustando a motocicleta no cavalete que iria ser projetado pelos trilhos na direção do carro especial parado a cerca de sessenta metros de distância. Fios de medição ligavam ambos os veículos aos equipamentos de registro dispostos sobre uma fila de mesas. Duas câmeras de filmar estavam em posição, a primeira montada ao lado da pista, com a lente voltada para o ponto de impacto, a segunda focalizava a pista de cima, instalada num guindaste. Uma aparelhagem de vídeo já estava em funcionamento mostrando numa pequena tela os engenheiros ajustando os sensores no compartimento do motor do carro. Uma família composta por quatro manequins estava sentada no veículo — marido, mulher e dois filhos com fios espiralados presos nas suas cabeças, peitos e pernas. Os prováveis ferimentos que iriam sofrer já estavam assinalados nos seus corpos; complexos contornos geométricos em carmim e violeta espalhados pelos rostos e tórax. Um engenheiro endireitou pela última vez o motorista, colocando suas mãos no volante na correta posição dez-para-duas. Acima do sistema de alto-falantes o comentarista, um dos principais cientistas do Laboratório, saudou os convidados para aquela colisão experimental e apresentou jocosamente os ocupantes do carro:

— Charlie e Greta, imaginem que eles estejam passeando com as crianças, Sean e Brigitte...

Na extremidade da pista, um pequeno grupo de técnicos preparava a motocicleta, fixando a câmera no cavalete que iria viajar pelos trilhos. Os visitantes — funcionários do Ministério, engenheiros rodoviários, especialistas em trânsito e suas mulheres — tinham

reunido-se em torno do ponto de impacto, como uma multidão numa pista de corrida.

Assim que Vaughan chegou, andando a passos largos com suas pernas longas e tortas, vindo do estacionamento, todos olharam, observando sua figura de jaqueta preta avançar na direção da motocicleta. Cheguei a esperar que ele subisse na máquina e a conduzisse pelos trilhos em cima de nós.

As cicatrizes na sua boca e na sua frente pareciam resultar de ferimentos produzidos por um sabre. Ele hesitou, observando os técnicos colocarem o motociclista de plástico — "Elvis" — na sua máquina, e depois caminhou em nossa direção, acenando para Helen e para mim. Deitou um olhar um tanto ou quanto ofensivo para os visitantes. Novamente ele me surpreendia por sua estranha mistura de aflição pessoal, de confinamento completo no seu universo de pânico, mas estando, porém, ao mesmo tempo, aberto para todos os tipos de experiência vindos do mundo exterior.

Vaughan veio passando por entre os visitantes. Trazia na mão direita um pacote de folhetos publicitários e de divulgação do L.P.R. Inclinou-se sobre o ombro de Helen Remington, enquanto ela olhava para ele, sentada em uma cadeira da primeira fila.

— Você viu Seagrave?

— Ele deveria estar aqui?

— Vera telefonou-me esta manhã preocupada com ele.

Ele voltou sua atenção para mim, batendo o pacote de folhetos na mão:

— Pegue todo o material que você puder, Ballard. Alguns desses eles distribuem: "Mecanismos para a Ejeção do Ocupante", "Tolerâncias do Rosto Humano aos Impactos em Colisões"...

Quando o último engenheiro afastou-se do carro do teste, Vaughan balançou apreciativamente a cabeça e comentou em sotto voce:

— A tecnologia de simulação de acidentes no L.P.R. é bastante adiantada. Usando este cenário eles podem recriar as colisões de Mansfield e Camus até mesmo a de Kennedy indefinidamente.

— Eles estão tentando aqui reduzir o número de acidentes e não aumentá-lo.

— Acho que esta é uma questão de ponto de vista.

O comentarista solicitou que a multidão tomasse os seus lugares. O teste da colisão iria começar. Vaughan me deixara de lado, olhando fixamente para a frente como um paciente voyeur suburbano agarrado nos seus binóculos. Sua mão direita, protegida pelos folhetos de divulgação, estava manipulando o pênis por cima da calça.

Ele apertava a extremidade, quase forçando a glândula através do tecido gasto, com o dedo indicador movimentando o prepúcio. Durante todo o tempo os seus olhos percorriam o curso da colisão, absorvendo cada detalhe.

Os guinchos elétricos que iriam propulsionar a catapulta começaram a ressoar nos trilhos, os cabos retesaram-se. A mão de Vaughan continuava a trabalhar na sua virilha.

O engenheiro encarregado afastou-se da motocicleta e fez um sinal para seu assistente ao lado da catapulta.

Vaughan desviou sua atenção para o carro na nossa frente, com os quatro ocupantes de plástico sentados rigidamente como se estivessem a caminho da igreja. Vaughan olhou-me de relance por cima do seu ombro, o rosto sério e afogueado, como se certificando de que eu estava envolvido.

Com um movimento brusco e ruidoso, a motocicleta disparou pela pista, os cabos batendo entre os trilhos de metal. O manequim-piloto inclinou-se para trás, o queixo levantado pelo deslocamento do ar. Suas mãos estavam algemadas no guidom, como as de um piloto kamikaze. No seu longo tórax pendiam os aparelhos de medição. À sua frente, com as expressões igualmente vazias, a família dos quatro manequins permanecia sentada no seu veículo. Seus rostos estavam marcados com símbolos críticos.

O estridente barulho de chicotadas chegou aos nossos ouvidos, o som dos fios patinando na grama ao lado dos trilhos. Houve uma violenta explosão metálica quando a motocicleta atingiu a frente do carro especial. Os dois veículos guinaram para o lado, na direção dos assustados espectadores. Recuperei meu equilíbrio, involuntariamente segurando o ombro de Vaughan, enquanto a motocicleta e seu piloto deslizavam pelo capô do carro e batiam contra o pára-brisa, caindo depois pelo teto em uma massa negra de fragmentos. O carro foi arremessado uns três metros para trás, ficando atravessado sobre os trilhos. O capô, o pára-brisa e o teto foram esmagados pelo impacto. Dentro da cabine, os membros da família desequilibrada estavam caídos uns sobre os outros, com o tronco decapitado da mulher engastado no pára-brisa quebrado.

Os engenheiros, acenando para acalmar a multidão, moveram-se na direção da motocicleta, que estava tombada cerca de quarenta metros atrás do carro. Eles começaram a recolher partes do corpo do motociclista, colocando as pernas e a cabeça debaixo dos seus braços. Pedacinhos de cacos de vidro caídos do rosto e dos ombros misturavam-se com o vidro em torno do carro, como se fossem flocos de neve prateada, confetes de morte.

A voz nos alto-falantes dirigiu-se novamente à multidão. Tentei acompanhar o que o comentarista dizia, mas meu cérebro não conseguia traduzir os sons. O horrendo e violento impacto daquela colisão simulada, a ruptura do metal e do vidro de segurança, e a deliberada destruição de artefatos de engenharia tão caros, me deixaram estonteado.

Helen Remington segurou no meu braço. Ela sorriu para mim, acenando encorajadoramente com a cabeça como se estivesse estimulando uma criança a vencer alguma barreira mental.

— Podemos ver tudo de novo no Ampex. Eles vão mostrar em câmera lenta.

A multidão movimentava-se agora na direção das mesas, conversando novamente em voz alta, num tom aliviado. Virei-me esperando que Vaughan, viesse se juntar a nós. Ele permanecia sentado no meio das cadeiras vazias, com os olhos ainda fixos no carro destroçado. Abaixo da linha da cintura uma poça de sêmen escurecia a bifurcação da sua calça.

Ignorando Helen Remington, que caminhava na nossa frente sorrindo timidamente, eu encarei Vaughan, sem saber o que dizer para ele. Defrontando com aquela junção entre o carro esmagado, os manequins desmembrados e a exposição da sexualidade de Vaughan, eu me via ingressando em um terreno cujos contornos conduziam o interior do meu cérebro para um reino ambíguo. Caminhei atrás de Vaughan, olhando para suas costas musculosas, para seus pesados ombros balançando por baixo da jaqueta preta.

Diante da máquina Ampex os visitantes estavam observando a motocicleta bater novamente no carro especial. Segmentos da colisão eram repetidos em câmera lenta. Numa calma semelhante à de um sonho, a roda dianteira da motocicleta atingiu o pára-choque do carro. Depois de bater, ela e o pneu empenaram, tomando a forma de um oito.

A traseira da máquina ergueu-se no ar. O manequim, Elvis, levantou-se do selim, o corpo deselegante finalmente favorecido pela graça da câmera lenta. Assim como o mais brilhante de todos os dublês, ele permaneceu firme nos pedais, os braços e as pernas inteiramente esticados. Sua cabeça estava ereta, o queixo para frente, quase numa pose de aristocrático desdém. A roda traseira da motocicleta ergueu-se no ar por trás dele, e parecia a ponto de bater nas suas costas, mas com grande elegância o piloto retirou os pés dos pedais e inclinou o corpo livre numa posição horizontal. As mãos ainda estavam presas no guidom, movendo-se agora na sua frente enquanto a moto dava um salto mortal. Os fios de medição romperam um dos punhos, e ele se lançou num mergulho horizontal, a cabeça erguida de modo que seu rosto parecia uma proa, apontando as áreas pintadas como feridas na direção do pára-brisa. O seu peito bateu no capô do carro, arranhando a celulose polida como uma prancha de surfe.

Enquanto isso, na medida em que o veículo recuava sob o impacto da primeira colisão, os quatro ocupantes do carro moviam-se na direção da segunda colisão. Seus rostos lisos foram impelidos contra o pára-brisa, como se estivessem ansiosos para ver o peito que deslizava por cima do capô do carro. O motorista e a mulher chocaram-se contra o pára-brisa, batendo nele com o alto de suas cabeças abaixadas no mesmo instante em que a cara do motociclista atingia o vidro. Uma fonte de cristal pulverizado explodiu em torno deles, sob a qual, como numa celebração, suas figuras foram assumindo posições cada vez mais excêntricas.

O motociclista continuou na sua trajetória horizontal através do pára-brisa enfeitado, o rosto sendo arrancado pelo retrovisor colocado no centro. O seu braço esquerdo partiu no cotovelo quando bateu contra o suporte do pára-brisa e foi varrido pela chuva de vidro até se juntar aos destroços que caíam sobre o corpo invertido da motocicleta, que estava cerca de um metro acima de sua espinha. O braço direito passou pelo pára-brisa quebrado, perdendo primeiro a mão na guilhotina do limpador, e depois o antebraço, ao bater contra o rosto da mulher no banco dianteiro, levando com ele a sua face direita. O corpo do motociclista torceu-se graciosamente para um lado, fazendo um elegante ziguezague, os quadris batendo contra o suporte do lado direito do pára-brisa, que envergou bem no ponto central da solda. As suas pernas giraram em torno do carro, com as tíbias chocando-se contra o suporte central da porta.

Acima dele, a motocicleta invertida caiu no teto do carro. O guidom passou pelo pára-brisa quebrado e decapitou o passageiro no assento dianteiro. A roda da frente e a armação cromada mergulharam pelo teto, com a corrente cortando a cabeça do piloto quando ele deslizou em frente. As partes deste corpo desintegrado ricochetearam na traseira do carro e foram parar no chão, sob a chuva formada pelos vidros de segurança quebrados que caía do carro como gelo descongelado após uma longa hibernação.

Enquanto isso, o motorista ricocheteara no volante quebrado e estava deslizando por baixo da coluna para o fundo do carro. Sua decapitada mulher, com as mãos graciosamente erguidas na frente do pescoço, tombou contra o painel de instrumentos. A cabeça cortada quicou no assento de vinil e passou por entre os troncos das crianças no banco de trás. Brigitte, a menor delas, estava com o rosto erguido para o teto do carro, as mãos levantadas num gesto educado de alarme, quando a cabeça da sua mãe bateu no vidro traseiro e carambolou pelo carro, antes de sair pela porta do lado esquerdo.

O carro foi parando lentamente, diminuindo o seu esforço para se erguer do chão. Os

quatro passageiros aquietaram-se dentro da cabine encoberta de vidro. Seus corpos pintados, como uma enciclopédia de sinais desconhecidos, reassumiram uma postura grosseiramente humana. Ao seu redor, o chafariz de vidro fosco movimentou-se pela última vez.

A platéia, cerca de trinta visitantes, olhava atentamente para a tela, esperando alguma coisa acontecer. Enquanto observávamos, nossas próprias imagens, como fantasmas, permaneciam silenciosas no fundo da cena, mãos e rostos imóveis enquanto aquela colisão em câmera lenta era reapresentada. Esta inversão de papéis, como num sonho, fazia com que parecêssemos menos reais do que os manequins no carro. Olhei para a mulher, num vestido de seda, de um funcionário do Ministério que estava ao meu lado. Seus olhos observavam o filme com uma expressão embevecida, como se estivesse vendo à si própria e aos seus filhos sendo despedaçados na colisão.

Os visitantes afastaram-se para a tenda do chá. Eu segui Vaughan na direção do carro esmagado. Ele passou por entre as cadeiras, cuspiendo o chiclete no chão. Eu sabia que ele fora muito mais afetado pelo teste e pelo filme em câmera lenta do que eu. Helen Remington nos observava, sentada sozinha entre as cadeiras. Vaughan olhou para o carro arruinado, como se estivesse a ponto de abraçá-lo. Suas mãos deslizaram ao longo do capô e do teto destruídos, os músculos do rosto abrindo e fechando como algemas. Ele inclinou-se e examinou o interior da cabine, detendo-se em cada um dos manequins. Esperei que ele dissesse alguma coisa para eles, com os meus olhos movendo-se das depressões no capô e nos pára-lamas para a fenda entre as nádegas de Vaughan. A destruição daquele carro e de seus ocupantes parecia sancionar a penetração sexual no corpo de Vaughan; ambos eram atos conceitualizados abstraídos de qualquer sentimento, desprovidos de quaisquer idéias ou emoções que quiséssemos atribuir a eles.

Vaughan raspou as lascas de vidro no rosto do motorista. Puxou a porta aberta e sentou-se de lado no assento, uma das mãos segurando o volante retorcido.

— Eu sempre desejei dirigir um carro batido.

Pensei que fosse uma brincadeira, mas Vaughan parecia estar falando seriamente. Agora ele estava mais calmo, como se aquele ato de violência tivesse drenado algumas das tensões do seu corpo, ou satisfeito toda e qualquer tendência violenta que ele reprimira por muito tempo no seu comportamento.

— Tudo bem — disse Vaughan sacudindo as fibras de vidro das suas mãos.

— Vamos embora agora, eu lhe dou uma carona.

Como hesitei, ele acrescentou:

— Acredite-me, Ballard, uma batida de carro parece com qualquer outra. Estaria ele consciente de que eu estava duplicando na minha mente uma série de posições sexuais entre ele e eu, Helen Remington e Gabrielle, que iriam recriar a provação mortal dos manequins e do motociclista de fibra de vidro? No banheiro ao lado do estacionamento, Vaughan expôs deliberadamente o seu pênis meio ereto, ao ficar bem distante do mictório, deixando pingar as últimas gotas no ladrilho do chão.

Uma vez distante do Laboratório, ele recuperou toda a sua agressividade, como se o seu apetite fosse estimulado pelos carros que passavam. Conduziu o pesado carro pela via de acesso ao elevador, mantendo o pára-choque danificado a poucos centímetros da traseira de qualquer veículo menor até que ele saísse da sua frente.

— Bati de leve no painel de instrumentos.

— Este carro... um Continental com dez anos. Suponho que você veja o assassinato de Kennedy como um tipo especial de batida de carro?

— O caso pode ser visto assim.

— Mas por que Elizabeth Taylor? Dirigindo neste carro por aí, você não estará expondo-a a algum tipo de perigo?

— Da parte de quem?

— Seagrave. Ele parece estar meio louco.

Eu observava-o dirigir pelos últimos trechos do elevado, sem fazer nenhuma menção para diminuir a velocidade, apesar dos sinais de aviso.

— Vaughan... ela já sofreu uma colisão?

— Não uma das grandes, o que significa que tudo está reservado para ela no futuro. com um pouco de imaginação, ela pode morrer em uma colisão única, uma que iria transformar todos os nosso sonhos e fantasias. O homem que morresse nesta colisão com ela...

— Seagrave gosta desta idéia?

— A seu modo.

Nós nos aproximamos de um desvio sinuoso. Praticamente pela primeira vez desde que saímos do Laboratório de Pesquisas Rodoviárias, Vaughan pisou nos freios. O pesado carro oscilou e entrou numa longa rampa à direita que o colocou no caminho de um táxi, que já estava seguindo pelo contorno. Pisando no acelerador, Vaughan cortou na sua frente, os pneus cantando mais alto que a buzina estridente do táxi. Ele gritou pela janela aberta para o motorista e acelerou na direção da estreita passagem para a via de acesso ao norte.

Enquanto nos acalmávamos Vaughan, virou-se para trás e pegou uma pasta no banco traseiro.

— Eu venho testando pessoas para o programa com esses questionários. Diga-me se deixei de incluir alguma coisa.

Enquanto o pesado carro corria pelo tráfego nos limites de Londres, comecei a ler os questionários que ele preparara. As pessoas que haviam preenchido os formulários representavam um perfil do universo de Vaughan: dois programadores de seu antigo laboratório, um jovem dietista, várias aeromoças, um técnico em saúde do hospital de Helen Remington, assim como Seagrave e sua mulher Vera, o produtor de televisão e Gabrielle. Com base no breve curriculum vitae solicitado a cada um pude perceber, como já esperava, que todos estiveram, em alguma época, envolvidos em uma maior ou menor colisão automobilística.

Em cada questionário, a pessoa recebia uma lista de celebridades do mundo da política, da diversão, do esporte, do crime, da ciência e das artes, e era convidada a conceber uma colisão imaginária na qual uma delas pudesse morrer. Examinando a lista oferecida, vi que a maioria das personalidades estava viva, umas poucas mortas, algumas em desastres de carro. Os nomes davam a impressão de terem sido escolhidos ao acaso em uma rápida lembrança das manchetes dos jornais e revistas, dos noticiários da televisão e documentários.

Em contraste, a escolha dos modelos de ferimentos e mortes disponíveis exibia todos os benefícios de uma longa e exaustiva pesquisa. Quase todos os tipos concebíveis de confrontação violenta entre o automóvel e seus ocupantes estavam relacionados: mecanismos de ejeção do passageiro, a geometria dos ferimentos nas rótulas e na junta dos quadris, a deformação do compartimento dos passageiros em colisões frontais e traseiras, ferimentos provocados por acidentes em desvios sinuosos, nos cruzamentos de vias principais, nas junções entre vias de acesso e nos entroncamentos dos ferimentos abrasivos produzidos em capotagens, a amputação de partes do corpo pelas armações do teto e pelas soleiras das portas durante as capotagens, feridas faciais causadas pelo painel de instrumentos e pelo arremate da janela, feridas na cabeça e no crânio provocadas por espelhos retrovisores e pára-sóis, cortes profundos em colisões traseiras, queimaduras de primeiro e segundo grau em acidentes envolvendo a ruptura e explosão dos tanques de combustível, ferimentos no peito causados por impalamentos na coluna do volante, ferimentos abdominais provocados por falha no ajuste do cinto de segurança, colisões secundárias entre os passageiros da frente e os de trás, feridas no crânio e na espinha causadas pela projeção contra o pára-brisa, a graduação de ferimentos na cabeça provocados pelos diferentes formatos dos vidros, ferimentos em menores, crianças e bebês, feridas causadas por membros protéticos, ferimentos ocorridos no interior de carros adaptados com controles para inválidos, os complexos ferimentos provocados por amputações simples e duplas, feridas causadas por acessórios especiais como toca-fitas, bares e telefones, ferimentos provocados pelos emblemas dos fabricantes, pelos fechos dos cintos de segurança e pelo trinco do quebra-vento.

E, por último, vinha o grupo de ferimentos que, nitidamente, mais tinha preocupado Vaughan — as mutilações genitais ocorridas durante acidentes automobilísticos.

As fotografias que ilustravam as opções disponíveis haviam sido claramente reunidas com enorme cuidado, retiradas das páginas de revistas de medicina legal e livros de cirurgia plástica, fotocopiadas de monografias de circulação interna, extraídas dos relatórios de



operações roubados durante suas visitas ao hospital Ashford.

Quando Vaughan virou o carro para o pátio de um posto de abastecimento, a luz escarlate de um letreiro de neon sobre o pórtico iluminou aquelas fotos granuladas de ferimentos apavorantes: os seios de jovens adolescentes deformados pelos mostradores do painel, as mamoplastias parciais em velhas donas-de-casa executadas pelas frestas de ventilação do pára-brisa, mamilos seccionados pelos emblemas dos fabricantes colocados no painel; ferimentos na genitália de homens e mulheres provocados pelo volante, pelo pára-brisa durante a ejeção, pelos suportes esmagados na porta, pelas molas do assento e pelo freio de mão, pelos botões e pinos dos toca-fitas.

Uma sucessão fotográfica de pênis mutilados, vulvas seccionadas e testículos esmagados foi iluminada pela luz enquanto Vaughan estava ao lado da jovem frentista na traseira do carro, conversando jocosamente sobre o corpo dela. Em várias fotos, a origem do ferimento estava indicada por um detalhe da parte do carro que o provocara: na foto de um pênis bifurcado, tirada em uma enfermaria, foi inserido um freio de mão; em um close de uma vulva enormemente machucada, foi colocado um volante com o emblema do fabricante.

Essas conjunções de genitálias laceradas com partes da carroceria do carro e do painel de instrumentos formavam uma série de módulos perturbadores, unidades de uma nova moeda baseada na dor e no desejo. As mesmas conjunções, ainda mais aterrorizadoras quando pareciam evocar os elementos subjacentes do caráter, vi nas fotos de ferimentos faciais. Essas feridas eram ilustradas, como manuscritos medievais, por detalhes inseridos de enfeites, saliências da buzina, espelhos retrovisores e mostradores do painel. O rosto de um homem cujo nariz fora esmagado aparecia lado a lado com um emblema cromado. Uma jovem mulher de cor, os olhos cegos, jazia na cama de um hospital, um espelho retrovisor colocado ao seu lado, cujo olhar de vidro parecia substituir a visão dela.

Comparando os questionários respondidos, pude perceber os diferentes modelos de acidente escolhidos pelos entrevistados de Vaughan. As escolhas de Vera Seagrave foram feitas ao acaso, como se ela mal pudesse compreender a distinção entre uma ejeção pelo pára-brisa durante uma capotagem e numa colisão frontal. As de Gabrielle enfatizavam os ferimentos faciais. As mais perturbadoras de todas as respostas foram as de Seagrave — nas colisões que ele imaginou os únicos ferimentos que suas hipotéticas vítimas sofriam eram os de grave natureza sexual. Somente ele, entre os entrevistados, havia selecionado uma pequena galeria-alvo formada por cinco atrizes de cinema, ignorando os políticos, os desportistas e as personalidades da televisão que Vaughan listara. Sobre essas cinco mulheres, Garbo, Jayne Mansfield, Elizabeth Taylor, Bardot e Raquel Welch — Seagrave tinha construído um matadouro de mutilação sexual.

Buzinas soaram na nossa frente. Tínhamos alcançado o primeiro trecho com tráfego pesado nas proximidades dos subúrbios a oeste de Londres. Vaughan tamborilou os dedos impacientemente no volante. As cicatrizes na boca e na testa formavam uma nítida área sombreada sob a luz da tarde, demarcações para uma futura geração de feridas.

Virei as páginas dos questionários de Vaughan. As fotos de Jayne Mansfield e John Kennedy, de Camus e James Dean, tinham sido marcadas em creiom colorido, círculos em torno dos pescoços e regiões pubianas, sombras nos seios e nos rostos, e linhas hachuradas sobre as bocas e os abdomens. Jayne Mansfield estava saindo de um carro numa pose de estúdio, a perna esquerda apoiada no chão, a direita levantada para exibir ao máximo a sua

parte interna. Os seios projetavam-se para frente, sob um cativante sorriso convidativo, e quase tocaram o ângulo formado pela porta e o pára-brisa. Uma das entrevistadas, Gabrielle, assinalara ferimentos imaginários no seio esquerdo e na coxa exposta, linhas hachuradas em creiom colorido na garganta, e contornara as partes do carro que deveriam se acasalar com o corpo dela. As áreas vazias ao redor das fotos estavam cobertas de anotações feitas com os garranchos de Vaughan. Muitas terminavam com um ponto de interrogação, como se ele estivesse especulando sobre modelos de mortes alternativas, aceitando alguns como plausíveis e rejeitando outros por demais extremados. Uma velha fotografia do carro no qual Albert Camus morrera fora elaboradamente remontada, com o painel e o pára-brisa marcados com as palavras "septo nasal", "palato mole" "arco zigomático esquerdo". Uma área na parte inferior do painel de instrumentos estava reservada para os órgãos genitais de Camus, os mostradores recobertos com hachuras e tendo no lado esquerdo um indicador: "glande do pênis", "septo escrotal", "canal uretral", "testículo direito". O pára-brisa quebrado abria-se para o esmagado capô do carro, uma arcada de metal rachado revelando o motor e o radiador, ambos cobertos por uma longa faixa em forma de V onde se lia salpicada de tinta branca a palavra "sêmen".

No final do questionário, surgiu a última das vítimas de Vaughan, Elizabeth Taylor saía de uma limusine dirigida por um chofer na entrada de um hotel de Londres, sorrindo por cima do ombro de seu marido do fundo do assento traseiro. Pensando nesta nova álgebra de posturas de pernas e zonas de ferimentos que Vaughan estava calculando, examinei suas coxas e rótulas, a armação cromada das portas e as portinholas do bar. Presumi que tanto Vaughan quanto seus entrevistados voluntários, teriam colocado o seu corpo em inumeráveis posições bizarras, como um dublê de piloto enlouquecido, e que os carros nos quais eles se movimentavam teriam se transformado em mecanismos para a exploração de qualquer possibilidade pornográfica e erótica, de qualquer mutilação e morte sexual concebíveis.

Vaughan tirou os questionários da minha mão e colocou-os de volta na sua pasta.

O tráfego estava agora parado, com as pistas de acesso para a Avenida Ocidental congestionadas pelo fluxo que saía da cidade na primeira hora do rush. Vaughan reclinou-se contra a janela, os dedos no nariz, como se estivesse cheirando os últimos odores do sêmen nas suas pontas. Os faróis dos carros na pista contrária, as luzes do elevador, as emblemáticas placas de sinalização e direção iluminavam o rosto solitário daquele homem marginalizado no volante do seu carro empoeirado. Olhei para os motoristas dos carros ao nosso lado, visualizando suas vidas nos tempos que Vaughan definira para eles. Para Vaughan eles já estavam mortos.

O tráfego avançou pelas seis pistas do elevador na direção do entroncamento da Avenida Ocidental, naquele imenso ensaio vespertino da sua própria morte. Luzes vermelhas traseiras tremeluziam como moscas de fogo ao nosso redor. Vaughan segurava passivamente a extremidade do volante, olhando com uma expressão de derrota uma velha foto de passaporte pregada no duto de ventilação do painel que exibia o rosto de uma anônima mulher de meia-idade. Quando percebeu duas mulheres andando pela margem da avenida, lanterninhas de cinema indo para o trabalho com seus engalanados uniformes verdes, Vaughan aprumou-se e examinou os rostos delas, os olhos atentos como os de um criminoso de tocaia.

Enquanto Vaughan encarava-as eu olhei para suas calças manchadas de sêmen, excitado por aquele automóvel marcado por mucos de todos os orifícios do corpo humano.

Pensando nas fotografias dos questionários, sabia que elas definiam a lógica de um ato sexual entre Vaughan e eu. Suas longas coxas, os quadris e as nádegas rígidas, os músculos cicatrizados do estômago e do peito, os mamilos volumosos, convidavam, todos, a incontáveis ferimentos que aguardavam entre as protuberâncias e as saliências dos aparelhos e instrumentos no interior do carro. Cada uma daquelas feridas imaginárias constituía o modelo para a união sexual entre a pele de Vaughan e a minha.

A tecnologia desviante da batida de carro sancionava qualquer ato perverso. Pela primeira vez, uma psicopatologia benevolente acenava em nossa direção, cultuada pelos milhares de veículos que se movimentavam pelas auto-estradas, pelas gigantescas aeronaves voando sobre nossas cabeças, pelas mais humildes máquinas e laminados comerciais.

Buzinando, Vaughan forçou os motoristas das pistas de baixa velocidade a deixá-lo passar e a entrar no acostamento. Uma vez livre, ele dirigiu na direção do estacionamento de um supermercado construído numa elevação ao lado da estrada. Olhou solicitamente para mim.

— Você teve um dia duro, Ballard. Vá tomar um drinque. Depois eu o levo para um passeio.

Haveriam limites para a ironia de Vaughan? Quando saí do bar ele estava recostado na janela do Lincoln, enrolando o último dos quatro cigarros, o haxixe guardado numa bolsa de tabaco no compartimento do painel. Duas prostitutas do aeroporto, rostos compridos, mal saídas da adolescência, discutiam com ele.

— Em que diabo de lugar você acha que nós vamos?

Vaughan pegou as duas garrafas de vinho que eu comprara. Jogou os cigarros sobre o painel e resumiu sua discussão com as jovens. Eles estavam discutindo de um modo abstrato sobre tempo e preço. Procurando ignorar suas vozes e o tráfego maciço que passava ao lado do supermercado, observei um avião decolar do Aeroporto de Londres passando por cima da cerca viva do perímetro leste, constelações de luzes verdes e vermelhas que pareciam estar deslocando-se por imensos pedaços do céu.

As duas mulheres examinaram o interior do carro, avaliando-me em seguida com um olhar. A mais alta, que Vaughan já indicara ser a minha, era uma loura passiva com uma expressão estúpida, cujos olhos focalizavam-se cerca de dez centímetros acima da minha cabeça. Ela apontou para mim com a sua bolsa de plástico.

— Ele consegue dirigir?

— Claro. Alguns drinks sempre fazem um carro andar melhor.

Vaughan segurou as garrafas de vinho como se fossem halteres, conduzindo as mulheres para dentro do carro. Assim que a outra jovem, de cabelos pretos curtos e o corpo com um quadril estreito como o de um garoto, abriu a porta, Vaughan entregou-lhe uma garrafa. Erguendo o queixo dela, ele enfiou os dedos na sua boca. Retirou de lá um bolo de chicletes e atirou-o longe na escuridão.

— Vamos nos livrar disso. Não quero que você sopra-o pela minha uretra..

Familiarizando-me com os controles, liguei o motor e atravessei o pátio na direção da rampa de acesso. Acima de nós, ao longo da Avenida Ocidental, o fluxo do trânsito escoava rumo ao Aeroporto de Londres. Vaughan abriu uma garrafa de vinho e passou-a para a loura sentada ao meu lado na frente. Ele acendeu o primeiro dos quatro cigarros que preparara. Já estava com um cotovelo entre as coxas da garota de cabelos pretos, erguendo a saia para revelar a sua escura gruta. Ele tirou a rolha da segunda garrafa e pressionou a ponta molhada contra os brancos dentes da garota. Pelo espelho retrovisor, pude vê-la evitando a boca da Vaughan. Ela inalou a fumaça do cigarro, a cabeça recostada na virilha dele.

Vaughan inclinou-se para trás, inspecionando suas pequenas feições com um olhar distante, olhando seu corpo de cima a baixo, como um acrobata calculando os giros e impactos necessários diante de um grande e complexo equipamento de ginástica. com a mão direita ele abriu o zíper da calça, depois arqueou os quadris para cima a fim de liberar o pênis. A garota segurou-o com uma das mãos, a outra equilibrando a garrafa de vinho, enquanto eu acelerava o carro afastando-o das luzes do tráfego.

Vaughan desabotoou a blusa dela com os dedos cicatrizados, desnudando o pequeno seio. Examinando-os, ele prendeu o mamilo entre o polegar e o indicador, projetando-o de um modo peculiar, como se estivesse ajustando uma peça de um inusitado equipamento de

laboratório.

Luzes de freios reluziram cerca de vinte metros na minha frente. Buzinas soaram da fila de carros atrás de nós. Enquanto seus faróis piscavam, coloquei a alavanca hidramática na posição drive e pisei no acelerador, fazendo o carro pular para a frente. Vaughan e a garota rolaram batendo no encosto do assento traseiro. A cabine estava iluminada somente pelos mostradores do painel e pelos faróis e lanternas dos carros que lotavam as pistas em torno de nós. Vaughan desnudara ambos os seios da garota e acariciava-os com a palma da mão. Seus lábios cicatrizados sugaram a fina fumaça do esmigalhado toco de cigarro. Ele pegou a garrafa de vinho e colocou-a na boca da garota. Enquanto ela bebia, ele ergueu as pernas dela de modo que os calcanhares se apoiassem no assento, e começou a passar o pênis na pele de suas coxas, esfregando-o antes no vinil preto e pressionando depois a glândula contra seus calcanhares e tornozelos, como se estivesse testando a possível continuidade daqueles dois materiais, antes de tomar parte em um ato sexual envolvendo o carro e aquela jovem mulher. Ele reclinou-se no banco, o braço esquerdo estendido sobre a cabeça da garota, abraçando o ressalto de vinil preto no encosto do assento. A mão esquerda formava um ângulo reto com o antebraço, medindo a geometria cromada do teto, ao passo que a direita movia-se ao longo das coxas da garota e apertava suas nádegas. Agachando-se, os calcanhares embaixo das nádegas, a garota abriu as coxas e expôs seu pequeno triângulo pubiano, os lábios abertos e salientes. Através da fumaça que saía do cinzeiro, Vaughan estudou o corpo da garota de um modo bem humorado.

Ao seu lado, o rosto pequeno e sério da garota era iluminado pelos faróis dos carros que deslocavam nas filas do tráfego. O interior do carro estava repleto de viscosa fumaça exalada pela resina queimada. Minha cabeça parecia flutuar naquelas nuvens. Bem à frente, além das imensas filas de veículos quase parados, estava o platô iluminado do aeroporto, mas eu não me senti capaz de fazer mais do que manter o largo carro na pista central. A jovem loura no assento ao meu lado ofereceu-me um gole da garrafa de vinho. Quando recusei, ela inclinou a cabeça no meu ombro, dando um toque brincalhão no volante. Coloquei o braço em torno do seu ombro, percebendo a sua mão na minha coxa.

Esperei que parássemos novamente e ajustei o espelho retrovisor, de modo a ver bem o assento traseiro. Vaughan introduzira o dedo polegar na vagina da garota, o indicador no reto, enquanto ela se inclinava com os joelhos encostando nos ombros, fumando mecanicamente o segundo cigarro.

Ele pegou o seio da garota com a mão esquerda, com os dedos indicador e anular escorando o mamilo como se fosse uma muleta em miniatura. Segurando essas partes do corpo da garota com sua pose formalizada, ele começou a balançar os quadris para frente e para trás, o pênis dentro da mão dela. Ela tentou afastar os dedos de sua vulva, mas Vaughan bateu em sua mão com o cotovelo, mantendo os dedos firmemente no corpo dela. Ele endireitou as pernas, girando pelo compartimento do carro de modo que os quadris se apoiassem na beira do assento. Apoiado no cotovelo esquerdo, continuou a trabalhar a mão da garota, como se estivesse tomando parte em uma dança de gestos rigidamente estilizados, que celebrava o design e a eletrônica, a velocidade e a direção de um tipo avançado de automóvel.

Este casamento entre o sexo e a tecnologia atingiu o seu clímax quando o tráfego dividiu-se no cruzamento para o aeroporto e começamos a nos mover na direção da pista norte. Enquanto o carro corria pela primeira vez a trinta e cinco quilômetros por hora,

Vaughan retirou os dedos da vulva e do ânus da garota, virou os quadris e introduziu o pênis na sua vagina. Faróis brilharam sobre nós enquanto o fluxo de carros subia pela rampa do viaduto. Pelo retrovisor eu ainda podia ver Vaughan e a garota, os corpos iluminados pelo carro atrás de nós, refletidos na carroceria preta do Lincoln e em uma centena de pontos nos enfeites da cabine. No cinzeiro cromado vi o seio esquerdo e seu mamilo ereto. Na canaleta de vinil da janela vi partes deformadas das coxas de Vaughan formando uma junção anatômica bizarra com o abdome dela. Vaughan ergueu a jovem de pernas abertas na sua frente e introduziu o pênis novamente na vagina. Em um tríptico de imagens refletidas no velocímetro, no relógio e no indicador de rotação, o ato sexual entre Vaughan e a jovem mulher acontecia nas grutas encobertas do luminescente painel, presidido pelo oscilante ponteiro do velocímetro. A carapaça saliente do painel de instrumentos e a escultura estilizada da coluna do volante refletiam uma dúzia de imagens das nádegas da garota, erguendo-se e abaixando-se. Enquanto eu acelerava o carro para oitenta quilômetros por hora ao longo da pista descoberta do viaduto, Vaughan arqueou suas costas e levantou a jovem expondo-a à luz dos faróis atrás de nós. Os seios pontudos rebrilharam na cabine de cromo e de vidro do carro que agora corria. Os fortes espasmos pélvicos de Vaughan coincidiram com a passagem súbita dos postes instalados a intervalos de noventa metros. Na medida em que eles passavam, ele jogava os quadris contra o corpo da garota, enfiando o pênis na sua vagina, as mãos alargando suas nádegas para revelar o ânus, enquanto o carro era iluminado pelas luzes amarelas. Alcançamos o final do viaduto. As luzes vermelhas dos freios brilhavam no ar da noite, dando um tom rosado às imagens de Vaughan e da jovem mulher.

Controlando o carro, desci pela rampa na direção da junção do tráfego. Vaughan mudara o ritmo do seu movimento pélvico, colocando a jovem por cima dele e esticando as pernas dela junto com as suas. Eles estavam deitados diagonalmente no assento traseiro, Vaughan colocou primeiro o mamilo esquerdo na boca, depois o direito, o dedo no ânus dela, enfiando-o no ritmo dos carros que passavam, ajustando os seus próprios movimentos ao jogo das luzes que atravessavam transversalmente o teto do carro. Afastei a garota loura que estava recostada no meu ombro. Compreendi que poderia quase controlar o ato sexual atrás de mim através do modo como dirigia o carro. Vaughan respondia alegremente aos diferentes tipos de equipamentos e sinais da estrada. Enquanto afastávamo-nos do Aeroporto de Londres, na direção das vias de acesso de alta velocidade que conduziam à cidade, o seu ritmo tornou-se mais rápido, as mãos sob as nádegas da garota forçando-as para cima e para baixo, como se algum mecanismo exploratório no seu cérebro fosse cada vez mais excitado pelos altos prédios de escritórios. No final do orgasmo ele estava praticamente atrás de mim, as pernas estendidas, a cabeça apoiada no assento traseiro, as mãos escorando as próprias nádegas, carregando a garota sobre os quadris.

Meia hora mais tarde eu havia retornado ao aeroporto e parara o carro numa área escura do edifício-garagem defronte do Terminal Oceânico. A garota finalmente conseguira desvencilhar-se de Vaughan, que jazia exausto sobre o banco traseiro. Desajeitadamente, ela se recompôs, reclamando com Vaughan e com a loura sonolenta no assento dianteiro. O sêmen de Vaughan escorria de sua coxa esquerda para o negro vinil do assento. Os glóbulos de marfim procuravam pelas partes mais fundas do sulco central do assento.

Saí do carro e paguei às duas mulheres. Depois de terem ido embora, levando seus laboriosos sexos de volta para as avenidas iluminadas de neon, fiquei esperando ao lado do

carro. Vaughan olhava fixamente para as plataformas escarpadas do estacionamento, os olhos acompanhando as rampas inclinadas, como se estivesse tentando reconhecer tudo que se passara entre ele e a garota de cabelos pretos. Mais tarde, Vaughan exploraria as possibilidades da batida de carro do mesmo jeito calmo e afetuoso com que tinha explorado os limites do corpo daquela jovem prostituta.

Freqüentemente, eu o observava examinar com cuidado as fotos de vítimas de uma colisão, olhando para os rostos queimados com um interesse aterrorizante, como se calculasse os mais elegantes parâmetros para seus ferimentos, para as conjunções entre os corpos feridos e os pára-brisas e painéis destroçados. Ele imitaria esses ferimentos com as suas próprias posturas ao dirigir, olhando com os mesmos olhos desapaixonados para as jovens mulheres que recolhia perto do aeroporto. Utilizando seus corpos, ele recapitulava as anatomias deformadas das vítimas de colisões, gentilmente dobrando os braços dessas garotas sobre seus ombros, pressionando seus joelhos contra o próprio peito, sempre curioso para ver suas reações.

O mundo começava a desabrochar-se em feridas. Da janela do meu escritório no estúdio eu observava Vaughan sentado em seu carro no centro do estacionamento.

A maioria do pessoal estava indo para casa, tirando seus carros um por um das filas em torno da empoeirada limusine de Vaughan. Fazia uma hora que ele chegara no estúdio. Mesmo depois de Renata tê-lo apontado para mim eu consegui muito bem ignorá-lo, mas a rápida saída dos outros veículos do estacionamento logo atraiu toda a minha atenção para aquele carro isolado no meio. Durante os três dias que se seguiram a nossa visita ao Laboratório de Pesquisas Rodoviárias, ele viera ao estúdio todas as tardes — ostensivamente para ver Seagrave, mas seu motivo real era o de me forçar a conseguir sua apresentação formal à atriz de cinema. Em um dado momento no dia anterior, depois de encontrá-lo em um posto da Avenida Ocidental, eu concordara em ajudá-lo, consciente de que não mais conseguiria livrar-me dele. Agora, sem qualquer esforço, ele era capaz de me seguir o dia inteiro, esperando-me sempre nas entradas para o aeroporto, nos pátios dos postos de abastecimento, quase como se eu estivesse colocado-me inconscientemente no seu caminho.

Sua presença afetava o meu modo de dirigir, e eu imaginava que realmente estava esperando ser envolvido em um segundo acidente, desta vez debaixo dos olhos de Vaughan.

Até mesmo as enormes aeronaves decolando do aeroporto eram sistemas de excitação e erotismo, de punição e desejo, esperando para serem infligidos ao meu corpo. Os congestionamentos maciços no elevado pareciam sufocar o ar, e eu quase chegava a acreditar que o próprio Vaughan conjurara aqueles veículos sobre o controle exaurido como parte de um elaborado teste psicológico.

Depois que Renata se foi Vaughan saiu do seu carro. Eu o observei caminhando pelo estacionamento até a entrada dos escritórios, imaginando por que ele me escolhera — eu já podia me ver dirigindo um veículo-alvo em uma rota de colisão com Vaughan ou com alguma outra vítima de sua escolha.

Vaughan passou pelos escritórios externos, olhando à esquerda e à direita as fotos promocionais ampliadas de automóveis, detalhes das grades do radiador e dos pára-brisas.

Ele estava usando o mesmo velho jeans que baixara até as nádegas rígidas durante o ato sexual, enquanto eu dirigia o carro. Seu lábio inferior desenvolvera uma pequena chaga que ele abria mordendo-a. Eu examinava aquele pequeno orifício com uma fascinação peculiar, consciente do crescente poder sexual que Vaughan exercia sobre mim, parcialmente obtido pelo acidente memorizado nos contornos cicatrizados do seu rosto e do seu peito.

— Vaughan, estou exausto. Hoje foi um dia difícil e cansativo no escritório, sem falar no trabalho que tive com um produtor que mal conheço. De qualquer modo, a chance dela responder a um de seus questionários é nenhuma.

— Deixe-me entregá-lo a ela.

— Eu sei, você provavelmente vai jogar seu charme sobre ela... Vaughan estava de pé, de costas para mim, o canino superior quebrado roendo a chaga. Minhas mãos, parecendo desmembradas do resto do meu corpo e do meu cérebro, hesitavam no ar, imaginando como abraçar a sua cintura. Vaughan voltou-se na minha direção, um sorriso confiante na boca



cicatrizada, e ficou de perfil, no seu melhor ângulo, como se eu estivesse testando-o para sua nova série na televisão.

Falou com uma voz oblíqua e confusa, como se ainda estivesse obnubilado pelo haxixe que fumara.

— Ballard, ela é central para as fantasias de todas as pessoas que testei. O tempo é muito limitado, embora você esteja muito obcecado consigo mesmo para compreender isto. Eu preciso das respostas dela.

— Vaughan, a probabilidade dela ser morta numa batida de carro é remota. Você terá que segui-la até o juízo final.

Ficando atrás de Vaughan, olhei para o rego entre as suas nádegas, desejando que aquelas fotos de pára-lamas e pára-brisas transformassem-se em um automóvel completo, dentro do qual eu tocaria no seu corpo com as minhas mãos, como no de um cão vadio, e trataria de sua feridas no interior daquela arcada de possibilidades. Eu visualizava partes da grade do radiador e do painel de instrumentos aglutinando-se em torno de Vaughan e de mim mesmo, envolvendo-nos enquanto eu desapertava o seu cinto e abaixava suas calças, celebrando na penetração do seu reto os mais belos contornos de um conjunto de pára-lamas traseiros, o casamento do meu pênis com todas as possibilidades de uma benevolente tecnologia.

— Vaughan...

Ele estava olhando para uma série de fotos da atriz recostada em um automóvel. Pegou um lápis na minha mesa, e começou a sombrear partes do corpo da atriz, circundando as axilas e o busto. Ele encarava quase que cegamente as fotografias, o cigarro esquecido na borda de um cinzeiro. Seu corpo exalava um odor úmido, um amálgama de muco retal e água do radiador. O lápis fazia sulcos profundos no retrato. As áreas sombreadas começaram a rasgar com seus lanhos cada vez mais selvagens, golpes com a ponta quebrada do lápis que perfuraram o suporte de papelão. Ele assinalou com pontos o interior do carro, cravando as áreas salientes do volante e do painel de instrumentos.

— Vaughan!

Coloquei meu braço sobre o seu ombro. Seu corpo estava tremendo a caminho de um orgasmo, a extremidade da mão esquerda batia na virilha com golpes de karatê, como se estivesse tentando se machucar, trabalhando o pênis ereto por cima do tecido enquanto a mão direita movimentava-se pelas fotografias desfiguradas. com um esforço, Vaughan endireitou-se, recostando-se no meu braço. Olhou fixamente para os retratos mutilados da atriz de cinema, cercados pelos pontos de impacto e pelas áreas feridas que ele assinalara para a morte dela.

Constrangidamente, retirei meu braço do ombro de Vaughan. O seu rígido estômago estava marcado por um arabesco de cicatrizes. No quadril direito elas formavam um molde que parecia esperar pelos meus dedos, marcas de carícias impressas anos atrás em alguma já esquecida colisão automobilística.

Controlando o muco na minha garganta, aponte para as cicatrizes, cinco cortes que formavam um círculo impreciso acima do ilíaco. Vaughan me olhava sem dizer nada, enquanto meus dedos chegavam a poucos centímetros da sua pele. Uma galeria de cicatrizes marcava seu tórax e abdômen. O mamilo direito fora seccionado e reimplantado incorretamente, ficando permanentemente ereto.

Caminhamos sob a luz do entardecer na direção do estacionamento. Ao longo do elevado ao norte, o tráfego vagaroso parecia mover-se como o sangue numa artéria agonizante.

Dois carros estavam estacionados na frente do Lincoln de Vaughan no pátio vazio: uma patrulha da polícia e o esporte branco de Catherine. Um policial estava inspecionando o Lincoln, olhando pelas janelas empoeiradas. O outro permanecia ao lado do carro de Catherine, conversando com ela.

Os policiais reconheceram Vaughan e acenaram para ele. Pensando que eles tinham vindo para me interrogar sobre o meu crescente envolvimento homo-erótico com Vaughan, afastei-me de um modo culposo.

Catherine caminhou na minha direção enquanto o policial falava com Vaughan.

— Eles querem interrogar Vaughan sobre um acidente perto do aeroporto. Um pedestre... eles acham que foi atropelado intencionalmente.

— Vaughan não está interessado em pedestres.

Como se tivessem chegado a esta conclusão, os policiais voltaram a entrar na patrulha. Vaughan observou-os irem embora, a cabeça erguida como um periscópio, como se estivesse perscrutando algo acima da superfície de suas mentes.

— Seria melhor você levá-lo — disse Catherine enquanto caminhávamos na direção de Vaughan. — Eu o seguirei no meu carro. Onde está o seu?

— Em casa. Não pude enfrentar todo esse tráfego.

— É melhor eu ir com você.

Catherine olhou-me atentamente, como se estivesse me examinando através da abertura de um capacete de mergulho.

— Você está certo de que pode dirigir?

Esperando por mim, Vaughan pegou uma camisa de malha branca no banco traseiro do seu carro. Quando tirou a blusa de algodão, a luz do entardecer bateu sobre as cicatrizes no seu abdômen e no seu peito, uma constelação de marcas brancas que se espalhavam pelo seu corpo desde a axila esquerda até a virilha. Aqueles suportes de complexos atos sexuais e de estranhas posições nos assentos dianteiro e traseiro dos carros tinham sido criados pelos veículos nos quais ele deliberadamente colidira para meu futuro prazer, possibilitando atos peculiares de sodomia e felação que eu realizaria movendo-me pelo seu corpo de um suporte para outro.

Entramos em um imenso engarrafamento. Da junção do elevado com a Avenida Ocidental, até a rampa de subida para o viaduto, as pistas de tráfego estavam repletas de veículos, os pára-brisas refletindo as cores pálidas do pôr-do-sol acima dos subúrbios a oeste de Londres. As luzes dos freios brilhavam no ar vespertino, refulgindo no imenso lago formado pelos corpos de celulose. Vaughan estava sentado com um braço fora da janela. Batia com a mão repetidamente e com força na almofada da porta, demonstrando impaciência. A nossa direita, a elevada lateral de um ônibus de dois andares formava um rochedo de rostos. Os passageiros nas janelas, olhando para nós embaixo, pareciam mortos empoleirados em fila em um pombal. A enorme energia do século 20, capaz de colocar o planeta em uma nova órbita em torno de uma estrela mais feliz, estava sendo gasta para manter aquela imensa imobilidade.

Um carro de polícia passou velozmente pela pista de descida do viaduto, os faróis piscando, a luz azul do teto girando e movendo-se rapidamente no ar escuro como um chicote. Acima de nós, no topo da pista de subida, dois policiais orientavam o fluxo do trânsito do acostamento. Sinais de aviso luminosos colocados sobre o asfalto piscavam ritmadamente "Devagar... Devagar.. .Acidente...Acidente...". Dez minutos depois, quando alcançamos a extremidade leste do viaduto, conseguimos ver o local do acidente embaixo. Filas de carros moviam-se diante de um círculo de luzes da polícia.

Três carros tinham colidido na junção da rampa de descida do viaduto com a Avenida Ocidental. Um carro da polícia, duas ambulâncias e um caminhão de socorro formavam quase que um cerco em torno deles.

Bombeiros e técnicos da polícia trabalhavam nos veículos, maçaricos de acetileno brilhando contra as portas e os tetos. Uma multidão estava reunida nas calçadas e sobre a passarela que atravessava a Avenida Ocidental, com os espectadores apoiados, cotovelo a cotovelo, na grade de metal. O menor dos carros envolvidos no acidente, um esporte amarelo italiano, fora quase que inteiramente destruído por uma limusine preta e comprida que deslizara através do canteiro central. A limusine estava em sentido contrário da sua própria pista sobre a ilha de concreto e batera no poste de ferro de uma placa de sinalização, esmagando o radiador e a cabine do lado direito, antes de ser atingida, por sua vez, por um táxi que ia pegar o viaduto saindo de uma via de acesso da Avenida Ocidental. A colisão frontal na traseira da limusine, seguida de uma capotagem, esmagara lateralmente o táxi, afundando a cabine de passageiros e a carroceria em um ângulo de mais ou menos quinze graus. O carro esporte estava tombado no canteiro central. Um grupo de policiais e bombeiros tentava virá-lo com macacos, revelando dois corpos ainda presos no interior da cabine esmagada.

Ao lado do táxi estavam os três passageiros, cobertores envolvendo seus peitos e pernas. O pessoal dos primeiros-socorros atendia o motorista, um velho sentado empertigado no pára-choque traseiro do seu carro, o rosto e as roupas salpicados de sangue, como se fosse uma doença incomum na pele. Os passageiros da limusine ainda permaneciam no interior da

longa cabine, suas identidades seladas pela janela interna.

Passamos pelo local do acidente, avançando na fila de carros. Catherine semi ocultara-se no assento dianteiro. com os olhos sérios ela seguia as curvas e linhas sinuosas de óleo, manchadas de sangue, que atravessavam o macadame familiar como os códigos coreográficos de uma batalha complexa, o diagrama de uma tentativa de assassinato. Vaughan, em contraste, inclinava-se do lado de fora da janela, os braços preparados como se estivesse a ponto de agarrar um dos corpos. Em algum canto ou compartimento do assento ele pegou uma câmera, que estava agora dependurada no seu pescoço. Seus olhos percorriam os três veículos esmagados, como se estivesse fotografando cada detalhe com a própria musculatura, com as brancas retinas das cicatrizes em torno de sua boca, memorizando cada pára-lama amassado e cada osso quebrado com um repertório de caretas rápidas e expressões cômicas. Praticamente pela primeira vez desde que o conheceu, ele estava completamente calmo. com a sirene gemendo, uma terceira ambulância veio pela nossa pista. Um motociclista da polícia cortou a nossa frente e diminuiu a marcha, fazendo sinais para que eu esperasse e deixasse a ambulância passar.

Parei o carro e desliguei o motor, olhando por cima dos ombros de Catherine para o quadro terrível. A limusine esmagada estava a cerca de nove metros de nós, o corpo do jovem chofer ainda estendido no chão ao lado. Um policial olhava para o sangue que recobria seu rosto e seus cabelos como o véu de uma viúva. Três técnicos trabalhavam com pés-de-cabra e equipamento de corte nas portas traseiras da limusine. Eles cortaram o emperrado mecanismo da porta e conseguiram abri-la, expondo os passageiros presos no interior da cabine.

Os dois passageiros, um homem de faces rosadas por volta dos cinquenta anos usando um sobretudo preto e uma jovem mulher de pele pálida e anêmica, ainda permaneciam sentados no assento traseiro. Suas cabeças estavam voltadas para a frente, encarando juntas os policiais e as centenas de espectadores como dois membros menores da nobreza em uma recepção. Um policial puxou a manta de viagem que cobria suas pernas e cinturas. Este movimento simples, expondo as pernas nuas da jovem mulher e os pés deslocados do homem mais velho, visivelmente quebrados nos tornozelos, modificou imediatamente toda a cena. A saia da mulher subira até a altura da cintura, e as coxas estavam separadas, como se ela estivesse deliberadamente expondo o seu púbis. A mão esquerda segurava a alça ao lado da janela, com a luva branca marcada pelo sangue dos seus pequenos dedos. Ela sorriu debilmente para o policial, como uma rainha parcialmente desnuda solicitando com um gesto um cortesão para tocar nas suas partes íntimas. O casaco do seu companheiro estava aberto revelando toda a extensão das calças pretas e os sapatos finos. A perna direita estava estendida como a de um instrutor de dança em um passo de tango. Ao virar-se para a jovem mulher, a mão procurando por ela, ele caiu do lado de fora do assento, batendo com os tornozelos na pilha de valises de couro e vidros quebrados.

O fluxo do trânsito moveu-se. Liguei o motor e avancei o carro lentamente. Vaughan ergueu a câmera no rosto, escondendo-a quando um enfermeiro da ambulância tentou retirá-la de suas mãos. Passamos sob a passarela de pedestres. Meio fora do carro, Vaughan olhou para o grande número de pernas pressionadas contra as grades de metal, depois abriu a porta e saiu do carro.

Enquanto eu conduzia o Lincoln para o acostamento ele estava correndo de volta para a passarela, esquivando-se entre os carros.

Seguimos Vaughan de volta ao local do acidente. Centenas de rostos estavam colados nas janelas dos carros que desciam pelo viaduto. Os espectadores permaneciam atentos e interessados nas calçadas e no canteiro central, amontoados contra a rede de arame trancado que separava o aterro da estrada do conjunto habitacional e do shopping ao lado. A polícia desistira de qualquer tentativa para dispersar aquela enorme multidão. Um grupo de técnicos trabalhava no carro esporte esmagado, forçando o teto de metal que achatara-se sobre as cabeças dos seus ocupantes. Os passageiros do táxi estavam sendo levados de maca para uma ambulância. O chofer da limusine jazia morto com um cobertor sobre o rosto, enquanto um médico e dois enfermeiros entravam no compartimento traseiro.

Olhei para a multidão em torno. Havia um número considerável de crianças presentes, muitas erguidas nos ombros dos pais para terem uma visão melhor. As luzes giratórias da polícia batiam nos rostos que observavam enquanto subíamos pelo aterro para a cerca de arame trançado. Nenhum dos espectadores demonstrava qualquer sinal de alarme.

Olhavam para a cena embaixo com a calma e o interesse de compradores inteligentes em um leilão de cavalos puros-sangues. Suas posturas relaxadas indicavam uma apreensão comum dos pontos mais sutis, como se compreendessem todo o significado pleno do deslocamento da grade do radiador da limusine, da distorção na carroceria do táxi, dos padrões de estilização dos pára-brisas de vidro opaco.

Um garoto de treze anos, vestido de caubói, forçou amigavelmente a passagem entre Catherine e eu na subida do aterro. Ele mascava firmemente um chiclete, observando o último passageiro do táxi ser levado de maca. Um policial espalhou cal com uma vassoura sobre o concreto manchado de sangue ao lado do carro esporte. com movimentos cuidadosos, como se temesse solucionar a complexa aritmética humana daqueles ferimentos, varreu os coágulos enegrecidos para o meio-fio do canteiro central.

Mais espectadores vieram juntar-se aos demais, vindos da direção do shopping. Eles passavam por um buraco na cerca de arame. Juntos, nós observamos os dois ocupantes da limusine serem cuidadosamente retirados pela porta amassada do carro. Certamente, as mais vividas e eróticas fantasias percorriam as nossas mentes, atos sexuais imaginários realizados com enorme decoro e solicitude no baixo ventre manchado de sangue daquela jovem mulher deitada no interior do carro, com os membros da audiência avançando e entrando no compartimento quebrado da limusine, cada um colocando o pênis dentro de sua vagina, lançando as sementes das ilimitadas possibilidades que floresceriam do casamento entre a violência e o desejo.

Ao meu redor, por toda a Avenida Ocidental, e ao longo de ambas as rampas do viaduto, estendia-se um imenso congestionamento provocado pelo acidente. Estando bem no centro deste furacão paralisado, eu me sentia completamente à vontade, como se minhas obsessões com os intermináveis veículos que se multiplicavam estivessem finalmente sendo satisfeitas.

Vaughan, ao contrário, parecia ter perdido o interesse no acidente. Segurando a câmera acima da cabeça, passava rudemente por entre os espectadores descendo para a ponte. Catherine observou-o pular os últimos seis degraus e desaparecer entre os cansados policiais. O seu claro interesse por Vaughan, seus olhos evitavam os meus mas fixavam-se continuamente naquele rosto cicatrizado enquanto segurava com força no meu braço, não me surpreendeu nem aborreceu. Eu já sentia então que nós três teríamos que extrair o máximo daquela colisão, incorporar suas possibilidades estimulantes em nossas vidas. Eu estava

pensando nas cicatrizes no meu próprio corpo e no de Vaughan, suportes para os nossos primeiros abraços, e nas feridas nos corpos dos sobreviventes da colisão atrás de nós, pontos de contato de todas as futuras possibilidades sexuais de suas vidas.

A última das ambulâncias afastou-se com a sirene gemendo. Os espectadores retornaram aos seus carros, ou subiram pelo aterro procurando o buraco na tela de arame.

Uma adolescente, vestindo um traje de algodão, passou na nossa frente, com um jovem abraçando-a pela cintura. Ele apoiava as costas de sua mão sobre o seio direito dela, esfregando o mamilo com os nós dos dedos. Entraram em um bugre de praia, pintado de amarelo e cheio de flâmulas, e foram embora, fazendo soar uma buzina excêntrica.

Um homem corpulento vestindo um blusão de caminhoneiro ajudava sua mulher a subir pelo aterro, a mão nas nádegas dela. Esta sexualidade difusa espalhava-se pelo ar, como se fôssemos membros de uma congregação deixando o culto após um sermão nos instando a celebrar nossas sexualidades com amigos e estranhos, e estivéssemos dirigindo na noite para imitar a eucaristia sangrenta que tínhamos observado com os mais inverossímeis parceiros.

Catherine recostou-se na traseira do Lincoln, as pernas pressionadas contra o friso aromado. Mantinha a cabeça afastada de mim.

— Você vai dirigir? Você está bem, não está?

Eu estava de pé, as pernas separadas, com as mãos no esterno, inalando o ar iluminado pelos holofotes. Podia sentir minhas feridas novamente, atravessando o meu peito e os meus joelhos. Procurei pelas minhas cicatrizes, aquelas ternas lesões que emitiam agora uma dor intensa e aquecedora. Meu corpo escandescia naqueles pontos, como um homem ressuscitado aquecendo-se nas feridas já curadas que provocaram a sua primeira morte.

Ajoelhei-me ao lado do pára-lama direito do Lincoln. Traços de um material preto e gelatinoso espalhavam-se no meu interior e na caixa do volante, marcando também o enlameado disco do pneu de faixa branca. Toquei nos viscosos resíduos com os dedos. A caixa do volante tinha um profundo amassado, o mesmo tipo de deformação produzida no meu carro dois anos antes quando fui atingido por um cão pastor alemão que corria cegamente por uma rua. Consegui parar cerca de noventa metros à frente e caminhei de volta para encontrar duas estudantes vomitando nas mãos sobre o cachorro agonizante.

Apontei para as manchas de sangue.

— Você deve ter atropelado um cachorro. A polícia pode apreender o carro até eles analisarem o sangue.

Vaughan ajoelhou-se ao meu lado e inspecionou as manchas de sangue, concordando sabiamente com a cabeça.

— Você está certo, Ballard. Na área de serviço do aeroporto tem um posto com lavador que funciona a noite toda.

Ele abriu a porta para mim, o olhar sério sem nenhuma demonstração de hostilidade, como se estivesse acalmado e relaxado com o acidente que presenciamos. Sentei-me de frente para o volante, esperando que desse a volta no carro e sentasse ao meu lado, mas ele abriu a porta traseira e entrou junto com Catherine.

Assim que saímos, a sua câmara foi jogada no assento dianteiro. Suas invisíveis e prateadas memórias de dor e excitação destilavam-se pelas negras bobinas enquanto, atrás de mim, as mais sensíveis superfícies mucosas de Catherine silenciosamente descarregavam a sua própria e estimulante química.

Rumamos para oeste na direção do aeroporto. Eu observava Catherine pelo espelho retrovisor. Ela sentou-se no centro do assento traseiro, os cotovelos apoiados nos joelhos, e olhava por cima de meus ombros para as luzes velozes da via expressa. Ao surgirem os primeiros sinais de tráfego, olhei de relance para ela, e ela sorriu para mim tranqüilizadamente. Vaughan estava sentado ao seu lado como um gangster enfasiado, o joelho esquerdo encostado na coxa dela. Coçava a virilha com uma das mãos de um modo distraído. Ele fitava a nuca de Catherine, percorrendo com os olhos os perfis de seu rosto e ombros. Que ela tinha escolhido Vaughan, cujo estilo maníaco condensava tudo que ela considerava mais enervante, foi algo que sou-me perfeitamente lógico. A colisão múltipla que acabáramos de ver fizera surgir as mesmas armadilhas tanto na sua mente quanto na minha.

Na entrada noroeste do aeroporto virei o carro para a área de serviço. Naquela península entre o perímetro da cerca viva e as vias de acesso para a Avenida Ocidental havia várias locadoras de automóveis, lanchonetes abertas a noite inteira, escritórios para fretes aéreos e postos de abastecimento. O ar da noite era cruzado pelas luzes de navegação das aeronaves e dos veículos de manutenção, e pelos milhares de faróis fluindo ao longo da Avenida Ocidental e do viaduto. A luz intermitente sobre o rosto de Catherine parecia incluí-la neste pesadelo de uma noite de verão, transformando-a numa verdadeira criatura do ar elétrico.

Uma fila de carros esperava a vez de passar pelo lavador automático. Na escuridão, os três rolos de náilon batiam ritmadamente contra os lados e o teto de um táxi, a água e o sabão sendo lançados dos cavaletes de metal. A quarenta metros de distância, os dois frentistas da noite estavam sentados num cubículo de vidro ao lado das bombas desertas, lendo revistas em quadrinhos e ouvindo um rádio de pilha. Observei os rolos deslizarem pelo táxi. Escondidos no interior da cabine, enquanto a água cheia de sabão jorrava nas janelas, o motorista de folga e sua mulher eram manequins invisíveis e misteriosos.

O carro na nossa frente avançou uns poucos metros. As luzes do freio iluminaram o interior do Lincoln, cobrindo-nos com um brilho cor-de-rosa. Pelo retrovisor, vi que Catherine estava reclinada no encosto do assento traseiro. O ombro estava colado no de Vaughan. Seus olhos fixavam-se no peito dele, nas cicatrizes em torno dos mamilos feridos brilhando como pontos de luz.

Movi o Lincoln um pouco para a frente. Atrás de mim jazia um bloco de escuridão e silêncio, um universo condensado. A mão de Vaughan moveu-se por uma superfície.

Virei para o lado pretextando recolher a antena do rádio do carro. O acidente debaixo do viaduto, em uma posição quase simetricamente oposta ao do meu, e o ruído surdo dos rolos de náilon tinham antecipado minhas reações. As possibilidades de uma nova violência, ainda mais excitante por mexer apenas com a minha mente em vez de acabar com os meus nervos, estavam refletidas no brilho deformado do suporte cromado da janela perto do meu punho, nas partes amassadas da carroceria do Lincoln. Pensei nas infidelidades passadas de Catherine, ligações sempre visualizadas pela minha mente mas nunca observadas.

Um frentista saiu do cubículo e caminhou na direção da máquina de cigarros ao lado da área de lubrificação. Seu reflexo no concreto molhado fundia-se com as luzes dos carros que passavam pela via expressa. A água jorrou do cavalete de metal sobre o carro à nossa frente. A torrente de sabão atingiu o capô e o pára-brisa, ocultando duas aeromoças e um comissário de bordo sob a sua camada líquida.

Quando me volvei, vi que Vaughan estava segurando o seio direito de minha mulher com a mão.

Avancei o carro para o lavador desocupado, concentrando-me nos controles. As últimas gotas pingaram dos rolos parados na minha frente. Abaixei o vidro da janela e procurei algumas moedas nos meus bolsos.

A roliça parte de baixo do seio de Catherine projetava-se para frente na mão de Vaughan, o mamilo intumescido entre seus dedos como se estivesse pronto para alimentar um pelotão de machos de bocas ávidas, os lábios de incontáveis secretárias lésbicas. Ele tintilou gentilmente o mamilo, roçando nos mamilos extras, pequenas e deliciosas verrugas, com a ponta do dedo polegar. Catherine olhou para o seu seio com olhos extasiados, como se estivesse vendo-o pela primeira vez, fascinada pela sua geometria única.

Nosso carro estava sozinho no lavador. O pátio ao nosso redor estava deserto. Catherine reclinou-se com as pernas abertas, a boca oferecida para Vaughan, que beijava-a, passando suas cicatrizes uma por uma sobre os lábios dela. Senti que aquele ato era um ritual desprovido de qualquer sexualidade comum, um encontro estilizado entre dois corpos que recapitulavam seu sentido de movimento e colisão. As posturas de Vaughan, o modo como ele mantinha os braços enquanto movia minha mulher pelo assento, erguendo o joelho esquerdo de maneira que o corpo dela ficasse enganchado entre as suas coxas, me faziam lembrar um motorista de veículo complexo, um bale de ginastas celebrando uma nova tecnologia. As mãos exploravam, lentamente, a parte posterior das coxas dela, segurando suas nádegas e aproximando o púbis exposto da boca cheia de cicatrizes sem tocá-lo. Ele estava colocando o corpo dela em uma série de posições, buscando cuidadosamente os códigos de seus membros e da sua musculatura. Catherine parecia estar apenas meio consciente de Vaughan, segurando o pênis com a mão esquerda e deslizando os dedos na direção do ânus, como se estivesse praticando um ato divorciado de qualquer sentimento. Ela tocou no peito e nos ombros dele com a mão direita, explorando as configurações das cicatrizes sobre a pele, suportes que as colisões por ele sofridas criaram especificamente para aquele ato sexual.

Uma voz gritou. Cigarro na mão, um dos frentistas estava de pé na escuridão molhada, acenando para mim como o sinalizador de pista para o piloto de um avião. Inseti as moedas na máquina e fechei a janela. A água jorrou sobre o carro, cobrindo as janelas e fechando-nos no seu interior, iluminado apenas pelas luzes do painel.

Dentro desta gruta azul, Vaughan jazia diagonalmente sobre o assento traseiro. Catherine ajoelhou-se por cima dele, a saia enrolada na cintura, segurando o pênis com ambas as mãos, a boca não mais que uma polegada da dele. Os faróis distantes, retratados através da solução de sabão lançada nas janelas, davam a seus corpos um brilho luminescente, como se fossem dois seres humanos semimetálicos de um futuro distante fazendo amor em um caramanchão cromado. O motor do cavalete começou a soar. Os rolos bateram no capo do Lincoln e deslizaram na direção do pára-brisa, espalhando o sabão num turbilhão de espuma. Milhares de boinas rebentavam nas janelas. Quando os rolos passaram pelo teto e pelas portas Vaughan começou a movimentar sua pelve para cima, quase erguendo as nádegas do assento. Com mãos desajeitadas, Catherine colocou sua vulva sobre o pênis dele. Sob o ruidoso barulho dos rolos em torno de nós eles começaram a balançar juntos, com Vaughan apertando os seios de Catherine com as palmas das mãos, como se tentasse fundi-los em um único globo. Quando gozaram, os suspiros de Catherine foram abafados pelo ruído da lavagem do carro.



O cavalete recuou para sua posição inicial. A máquina desligou-se automaticamente. Os rolos permaneciam flacidamente diante do límpido vidro do pára-brisa. A água misturada com detergente escoou toda na escuridão para os ralos. Sugando o ar com seus lábios cicatrizados, Vaughan jazia exausto, olhando para Catherine com olhos confusos. Ele observava-a erguer a coxa esquerda dormente, um movimento que eu vira ela fazer comigo uma centena de vezes. Seus seios foram machucados pelos dedos de Vaughan, com marcas semelhantes às feridas resultantes de uma colisão. Eu desejava ir até lá e cuidar deles, ajudá-los no seu próximo ato sexual, guiar os mamilos de Catherine para a boca de Vaughan, conduzir o seu pênis para o pequeno reto dela, seguindo as linhas traçadas pelas fendas diagonais do assento que apontavam na direção do seu períneo. Eu desejava ajustar os contornos dos seus seios e quadris ao traçado do teto do carro, celebrando naquele ato sexual o casamento de seus corpos com essa tecnologia benigna.

Abri a janela e coloquei mais moedas na máquina. Assim que a água jorrou pelas vidraças, Vaughan e minha mulher começaram a se amar novamente. Catherine segurou-o pelos ombros, encarando-o com olhos possessivos, uma amante descabelada. Ela puxou o cabelo louro das faces, ansiosa para ter o corpo de Vaughan novamente. Ele deitou-a sobre o assento, afastou suas coxas e começou a acariciar seu púbis, o dedo médio procurando pelo ânus. Ele inclinou-se de lado sobre ela, colocando os dois na mesma posição do diplomata ferido e da jovem mulher que tínhamos visto sentados juntos na cabine da limusine batida. Ele ergueu-a sobre si, pressionando o pênis frontalmente na vagina, com uma das mãos sob a axila direita e a outra por baixo das nádegas, os mesmo gestos que o enfermeiro fizera para retirar a jovem mulher do carro.

Enquanto os rolos ressoavam sobre nossas cabeças, Catherine olhou-me nos olhos em um momento de completa lucidez. Sua expressão demonstrava ironia e afeição, e a aceitação de uma lógica sexual que ambos reconhecíamos e para a qual nos havíamos preparado. Fiquei imóvel no assento enquanto o branco sabão escorria aos borbotões pelo teto e pelas portas como uma renda líquida. Atrás de mim, o sêmen de Vaughan brilhava sobre os seios e o abdômen de minha mulher. Os rolos golpearam e deslizaram pelo carro; as correntes de água e sabão jorraram sobre a carroceria agora imaculada.

Toda vez que a máquina completava o seu ciclo eu abaixava minha janela e introduzia mais moedas. Os dois dentistas nos observavam da cabine de vidro, a tênue música do rádio de pilha soando no ar da noite quando o cavalete retornava para sua posição inicial.

Catherine gritou, um gemido de dor sufocado pela forte mão de Vaughan sobre a sua boca. Ele sentou-se com as pernas dela por cima dos quadris, esbofeteando-a com uma das mãos enquanto a outra forçava o pênis flácido para dentro da vagina. Seu rosto estava dominado por uma expressão de raiva e pesar. O suor escorria do pescoço e do peito, ensopando a cintura de sua calça. Os golpes de sua mão provocaram grossos vergões nos braços e quadris de Catherine. Exaurida por Vaughan, ela deitou-se no assento. Enquanto seu pênis contraía-se, inerte, dentro da vagina machucada, Vaughan afundou-se no encosto do assento. Ele já havia então perdido seu interesse na mulher choramingosa que se vestia. Suas mãos cicatrizadas exploravam a velha capa do assento, fazendo um diagrama crítico com o sêmen: algum símbolo astrológico ou um cruzamento rodoviário.

Enquanto saíamos do lavador os rolos gotejavam silenciosamente na escuridão. Em torno do carro, um imenso lago de bolhas brancas permanecia sobre o concreto molhado.

Nenhum tráfego movimentava-se pela via expressa. Pela primeira vez, desde que saíra do hospital, as ruas estavam vazias, como se os exaustivos atos sexuais entre Vaughan e Catherine tivessem banido os veículos para sempre. Enquanto eu dirigia na direção do nosso prédio em Drayton Park, os postes iluminavam o rosto adormecido de Vaughan no interior do carro, a boca cicatrizada aberta, como a de uma criança, pousada sobre o assento encharcado de suor. Seu rosto parecia que fora drenado de toda agressividade, como se o sêmen que depositara na vulva de Catherine tivesse levado com ele seu sentimento de crise.

Catherine sentava-se inclinada para a frente, libertando-se de Vaughan. Ela tocou no meu ombro em um gesto de afeição doméstica. Pelo espelho retrovisor vi os vergões no seu rosto e no pescoço, a boca machucada deformando o sorriso nervoso. Essas desfigurações acentuavam os elementos de sua beleza real.

Quando chegamos no prédio, Vaughan ainda estava dormindo. Catherine e eu ficamos na escuridão ao lado do carro imaculado, a carroceria polida como um escudo negro.

Segurei no braço dela para apressá-la, pegando sua bolsa com a outra mão. Enquanto caminhávamos na direção da entrada pelo cascalho batido Vaughan levantou-se do assento traseiro. Sem olhar para nós, pulou atabalhoadamente para a frente do volante. Esperei que saísse ruidosamente com o carro, mas ele deu partida no motor e afastou-se silenciosamente.

No elevador, fiquei bem junto de Catherine, amando-a pelos golpes que Vaughan dera no seu corpo. Naquela noite, mais tarde, explorei seu corpo e seus ferimentos, sentindo-os gentilmente com meus lábios e faces, vendo na erupção da pele esfolada em seu abdômen a violenta geometria do poderoso físico de Vaughan.

Meu pênis acompanhava os símbolos rudes que suas mãos e boca deixaram sobre a pele dela. Ajoelhei-me sobre o seu corpo estendido diagonalmente na cama, os pequenos pés colocados no meu travesseiro, com uma das mãos no seu seio direito. Ela me olhava de um modo calmo e afetuoso, enquanto eu tocava seu corpo com a cabeça do meu pênis, assinalando os pontos de contato de imaginários acidentes automobilísticos que Vaughan nele colocara.

Na manhã seguinte, fui dirigindo para os estúdios em Shepperton, deleitando-me com o movimento do tráfego ao meu redor, livre finalmente para desfrutar as pistas de alta velocidade. Ao longo da elegante escultura de concreto em movimento da auto-estrada as coloridas carapaças dos carros moviam-se como os acolhedores centauros de alguma região da Arcádia.

Vaughan já estava esperando por mim no estabelecimento do estúdio, com o Lincoln parado na minha vaga. As cicatrizes em seu abdômen brilhavam na luz do sol da manhã, a poucas polegadas dos meus dedos, quando ele se recostou na janela. Uma aréola branca de muco vaginal seco cercava o zíper do seu jeans, assinalando o local onde a vulva de minha mulher pressionara a sua virilha.

Vaughan abriu a porta do motorista para mim. Enquanto me sentava diante do volante, percebi que desejava agora passar o maior tempo possível com ele. Ele sentou ao lado olhando-me de frente, um braço estendido sobre o encosto atrás de minha cabeça, o grosso pênis apontando na minha direção por baixo do jeans. Eu sentia agora os elementos de uma

verdadeira afeição por Vaughan, elementos de ciúme, amor e orgulho. Eu desejava tocar o seu corpo, segurar sua coxa enquanto dirigíamos, do mesmo modo que segurava na de Catherine ao nos encontrarmos pela primeira vez, abraçar seus quadris quando caminhássemos de ida e volta para o carro.

Enquanto eu ligava a ignição, Vaughan disse:

— Seagrave desapareceu.

— Onde? Eles já terminaram a seqüência da batida aqui.

— Só Deus sabe. Ele está dirigindo por aí com uma peruca e um casaco de pele de leopardo. Ele pode começar a seguir Catherine. Abandonei o meu escritório. Naquele primeiro dia dirigimos durante horas pelos elevados em busca de Seagrave, ouvindo as transmissões da polícia e das ambulâncias no rádio VHF de Vaughan. Ele ouvia os relatos dos acidentes preparando suas câmeras no assento traseiro.

Quando a luz da noite começou a bater sobre os últimos congestionamentos do dia, Vaughan despertou inteiramente. Levei-o para o seu apartamento, um amplo estúdio de um quarto no último andar de um prédio de frente para o rio, ao norte de Shepperton. O quarto estava cheio de equipamentos eletrônicos fora de uso — máquinas elétricas, um terminal de computador, vários osciloscópios, gravadores e câmeras de cinema. Pacotes de cabos elétricos estavam amontoados sobre a cama desfeita. As prateleiras e as paredes estavam repletas de livros científicos, coleções incompletas de revistas técnicas, brochuras de ficção-científica e cópias dos seus próprios trabalhos. Vaughan mobiliara o apartamento sem qualquer interesse — a escolha das cadeiras de cromo e vinil parecia ter sido feita ao acaso na vitrine de uma loja de departamentos suburbana.

Acima de tudo, o apartamento era dominado pelo evidente narcisismo de Vaughan — as paredes do quarto, do banheiro e da cozinha estavam cobertas de fotos dele, tiradas de seus programas na televisão, reproduções de fotografias saídas nos jornais, instantâneos dele mesmo no local de filmagem, desfrutando das atenções da mulher da maquiagem, gesticulando para o produtor em benefício do fotógrafo. Todas aquelas fotos datavam da época anterior ao seu acidente, como se os anos subseqüentes marcassem um branco temporal, um período cujas urgências estivessem além de qualquer vaidade. Vaughan, porém, enquanto movimentava-se pelo apartamento, tomando banho e mudando de roupa, mostrava-se conscientemente absorvido por aquelas imagens desbotadas, ajeitando as pontas enroladas como se temendo que, após elas finalmente desaparecerem, a sua própria identidade também deixaria de ter importância.

Ví esta tentativa de rotular a si mesmo, de fixar sua identidade através de algum evento externo, enquanto passávamos pelas vias expressas naquela noite. Ouvindo o rádio, Vaughan permanecia no assento dianteiro ao meu lado, acendendo o primeiro dos seus cigarros. O fresco odor do corpo bem lavado estava sufocado, primeiro pelo cheiro do haxixe e depois pelo do sêmen que umedecia sua calça, assim que passamos pela primeira das colisões. Enquanto dirigia o carro pela rede de ruas laterais para o local do próximo acidente, a cabeça invadida pela resina queimada, eu pensava no corpo de Vaughan no banheiro de seu apartamento, na poderosa mangueira do seu pênis projetando-se de sua dura virilha. As cicatrizes nos seus joelhos e coxas eram como degraus em miniatura, suportes de uma escada de excitações desesperadas.

Até as primeiras horas da manhã tínhamos visto três colisões. Dentro da minha cabeça

aturdida imaginei que estivéssemos ainda tentando encontrar Seagrave, mas eu sabia que Vaughan perdera todo interesse pelo piloto-dublê. Após a terceira colisão, depois que a polícia e as ambulâncias foram embora e o último dos caminhoneiros retornara ao seu veículo, Vaughan terminou seu cigarro e caminhou desajeitadamente pelo concreto oleoso e escorregadio para o aterro do elevado. Um enorme carro especial dirigido por uma dentista de meia-idade derrapara através da cerca e tombara na área de um jardim abandonado embaixo. Segui Vaughan e observei-o da balaustrada rompida enquanto ele descia até o carro agora aprumado. Vaughan caminhou pela grama, na altura do joelho, em torno do carro, e recolheu um pedaço de giz branco jogado fora pela polícia.

Com as mãos ele sentiu as pontas agudas do vidro quebrado e da lataria, pressionando-as depois contra o teto esmagado e a carroceria. Parando por um momento, urinou na escuridão em cima da grade do radiador ainda quente, fazendo subir uma nuvem de vapor pelo ar da noite. Ele olhou para o seu pênis meio ereto e depois virou-se para mim de um modo confuso, como se estivesse me pedindo que fosse ajudá-lo a identificar aquele estranho órgão. Colocou-o contra o pára-lama dianteiro do lado direito do carro e desenhou com o giz seu perfil sobre a celulose negra. Ele inspecionou sua obra pensativamente e, satisfeito, moveu-se em torno do carro, marcando o perfil do seu pênis na portas e janelas quebradas, na tampa do porta-malas e no pára-lama traseiro. Segurando-o com a mão, para protegê-lo das pontas de metal, Vaughan subiu no assento dianteiro e começou a desenhar o perfil do seu pênis no painel de instrumentos e nos descanso de braço no meio do assento, assinalando o foco erótico de uma colisão ou ato sexual, celebrando o casamento entre a sua própria genitália e o painel contra o qual a dentista de meia-idade morrera com o crânio despedaçado.

Para Vaughan os menores detalhes estilísticos continham uma vida orgânica tão significativa quanto os membros e órgãos sensíveis dos seres humanos que dirigiam aqueles veículos. Ele me fazia parar em um sinal e ficava olhando durante vários minutos para a junção dos limpadores com o pára-brisa em um carro estacionado. Os contornos da carroceria dos carros especiais americanos e dos carros esporte europeus, com a sua subordinação da função ao gesto, deliciavam Vaughan. Seguíamos um novo Buick ou uma Ferrari por mais de meia hora, enquanto ele estudava cada detalhe do acabamento e os frisos da parte traseira. Fomos abordados diversas vezes pela polícia por estar rondando um Lamborghini estacionado, pertencente ao abastado dono de um bar, quando Vaughan fotografava obsessivamente a inclinação exata dos suportes do pára-brisa, o visor guarnecendo os faróis, o brilho da caixa do volante. Ele estava obcecado com o desing dos enfeites cromados das frestas de ventilação nos pára-lamas, das armações em aço inoxidável nas janelas, dos limpadores de pára-brisas sobre o capô, das fechaduras e trincos das portas.

Ele flanava pelos estacionamento dos supermercados na Avenida Ocidental como se estivesse passeando por uma praia, fascinado pelos altos pára-lamas de uma Corvette sendo manobrada por uma jovem dona-de-casa. Os aerofólios dianteiros e traseiros mergulhavam-no em um transe de reconhecimento, como se ele estivesse vendo novamente uma ave-do-paraíso. Frequentemente, enquanto dirigíamos pelos elevados, Vaughan apontava-me os traços que demarcavam as pistas, para que eu posicionasse o Lincoln de modo que o perfil exato da linha do teto de um cupê que estivesse passando brilhasse na luz do sol à nossa frente, saboreando as proporções perfeitas de uma traseira pequena. As equações entre os detalhes do estilo de um carro e os elementos orgânicos do seu corpo, Vaughan reproduzia continuamente no seu

próprio comportamento. Imitando os truncados pára-lamas traseiros de um carro italiano, os gestos de Vaughan para uma prostituta do aeroporto sentada entre nós tornavam-se estilizados e exagerados, mistificando aquela mulher chateada com sua conversa mole e seus movimentos de ombros.

Para Vaughan, os tons das cores no interior do Lincoln, e no de outros carros que ele começou a furtrar toda tarde por cerca de uma hora, simulavam exatamente áreas da pele das jovens prostitutas que ele despia enquanto eu dirigia pelas vias expressas escuras. Suas coxas nuas modulavam o pastel dos painéis de vinil; os alto-falantes cônicos recapitulavam os contornos de seus seios pontudos.

Eu via o interior do carro como um caleidoscópio de partes iluminadas dos corpos das mulheres. Esta antologia de punhos e cotovelos, coxas e púbis, formava casamentos sempre cambiantes com os contornos do automóvel. Certa vez, Vaughan e eu estávamos nos dirigindo para a auto-estrada no perímetro sul do aeroporto; eu mantive o carro cuidadosamente sobre o ápice da pista arqueada, celebrando com Vaughan o seio exposto de uma colegial que ele abordara perto do estúdio. Nós dois isolamos a perfeita geometria daquela pera branca, tirada de sua túnica, no movimento do carro ao longo da superfície curvada da estrada.

O corpo de Vaughan, com sua pele insípida e sua palidez untuosa, ganhava uma beleza dura e mutilada no cenário elaboradamente sinalizado do elevado. As escoras do concreto ao longo da base do viaduto para a Avenida Ocidental, ombros angulares colocados a intervalos de quarenta e cinco metros, conciliavam-se com as partes cicatrizadas do corpo de Vaughan.

Durante as várias semanas em que desempenhei o papel de chofer para Vaughan, dando-lhe dinheiro para pagar as prostitutas que perambulavam pelo aeroporto e seus hotéis, observei-o explorar cada desvio entre os caminhos do sexo e do automóvel. Para Vaughan o carro era o maior, o único e o verdadeiro local para o ato sexual.

Com cada uma daquelas mulheres ele explorava um diferente ato de sexo, introduzindo seu pênis na vagina, no ânus e na boca, quase que em resposta à estrada na qual nos movíamos, à densidade do tráfego, ao meu modo de dirigir.

Ao mesmo tempo, parecia-me que Vaughan estava selecionando certos atos sexuais e certas posições na sua mente para utilização futura, o ato sexual máximo no interior do automóvel. A clara equação que ele traçara entre o sexo e a cinestesia das estradas estava de algum modo relacionada com suas obsessões em relação a Elizabeth Taylor. Será que ele via a si próprio em um ato sexual com ela, morrendo juntos em alguma complexa colisão? Durante as manhãs e no início da tarde ele seguia-a do hotel até os estúdios de cinema. Eu não lhe disse que nossas negociações para utilizar a atriz no comercial de carros para a TV não foram adiante. As mãos de Vaughan faziam pequenas contorções enquanto ele esperava ela aparecer, encrespando-se no assento traseiro, quase como se o seu corpo estivesse inconscientemente reproduzindo em movimentos rápidos centenas de relações sexuais com ela. Percebi que ele estava reunindo, de um modo desconexo, os elementos de um ato sexual conceitual envolvendo a atriz e a rota que ela iria seguir dos estúdios em Shepperton. Seus gestos constrangidos, a maneira grotesca como ele pendurava o braço fora do carro, como se estivesse a ponto de desatarraxá-lo e jogar o membro sangrento sob as rodas do carro atrás de nós, o ricto em sua boca quando ele colocava os lábios em um mamilo, pareciam ser ensaios particulares para um drama aterrorizador desabrochando na sua mente, o ato sexual que ele via como o clímax de sua própria colisão-morte.

Durante aquelas últimas semanas Vaughan estava determinado a tocar com a sua própria sexualidade os lugares de um itinerário secreto, mapeando com seu sêmen os corredores deste futuro drama. Gradualmente, fomos chegando perto de uma confrontação aberta com a polícia. Durante a hora do rush, certa tarde, Vaughan fez sinal para que eu esperasse diante de uma luz verde, bloqueando deliberadamente a fila de carros atrás de nós. com as luzes piscando, um carro da polícia parou ao nosso lado, o policial imaginando, devido à posição contorcida de Vaughan, que estivéssemos envolvidos em um grande acidente. Tapando o rosto da garota ao seu lado, uma adolescente caixa de supermercado, Vaughan mantinha-se na posição do embaixador ferido que nós víamos ser retirado da limusine batida. No último momento, quando o policial saía do seu carro, ignorei os protestos de Vaughan e acelerei em frente.

Cansado do Lincoln, Vaughan começou a pegar outros carros nos estacionamentos do aeroporto, usando um conjunto profissional de chaves-mestras que Vera Seagrave lhe dera. Ficávamos andando com aqueles veículos, cujos proprietários estavam em Paris, Stuttgart ou Amsterdã, levando-os de volta para suas vagas à noite, depois que terminávamos nossa ronda. Nesta época, eu me sentia incapaz de me articular e fazer qualquer esforço para impedir Vaughan. Tão obcecado pelo seu rígido corpo quanto ele próprio pelos corpos dos automóveis, eu me encontrava trancado em um atraente sistema de violência e excitação, formado pelos elevados e os congestionamentos do tráfego, pelos carros que roubávamos e pela liberada sexualidade de Vaughan.

Durante este último período com Vaughan, percebi que as mulheres que ele trazia para o carro, a cada noite, começaram a assemelhar-se cada vez mais de perto com as cores e a figura da atriz de cinema. A colegial de cabelos pretos parecia com a jovem Elizabeth Taylor, ao passo que as mulheres mais velhas representavam-na em diferentes e sucessivas faixas de idade.

Vaughan, Gabrielle e eu fomos visitar o salão de automóveis em Earls Court. Calmo e galante, Vaughan conduzia Gabrielle através da multidão, desfilando o rosto cicatrizado como se aquelas feridas fossem uma resposta solidária às pernas aleijadas de Gabrielle. Ela gingava entre as centenas de carros exibidos nos estandes, com os corpos de cromo e celulose brilhando como a armadura de coroação de uma hoste de anjos superiores. Girando nos calcanhares, Gabrielle parecia extrair um imenso prazer daqueles veículos imaculados, colocando a mão cicatrizada na pintura, roçando neles os quadris feridos como uma gata impertinente. Ela incitou um jovem vendedor do estande da Mercedes a convidá-la a inspecionar um carro esporte branco, curtindo o embaraço dele quando ajudou-a a colocar suas pernas entaladas no assento dianteiro. Vaughan assobiou de admiração diante disso.

Andamos pelos estandes e pelas plataformas giratórias que expunham os carros, com Gabrielle virando-se nos calcanhares e nas pontas dos pés entre executivos da indústria automobilística e recepcionistas. Meus olhos estavam fixos no suporte de metal das suas pernas, nas suas coxas e joelhos deformados, no seu oscilante ombro esquerdo, naquelas partes do seu corpo que pareciam acenar na direção das máquinas imaculadas sobre os estandes giratórios, convidando-os a confrontarem-se com seus ferimentos. Enquanto ela subia na cabine de um pequeno sedan japonês, seus olhos meigos viram meu corpo ileso na mesma luz glauca que refletia-se naquelas máquinas geometricamente perfeitas. Vaughan guiava-a de um carro para outro, ajudando-a a subir nos estandes, a entrar na cabine dos protótipos, nos carros especiais e nas limusines de luxo, em cujos assentos traseiros ela sentava-se como se fosse a hostil rainha dessa ativíssima tecnarquia.

— Ande com Gabrielle, Ballard — instou Vaughan. — Segure o braço dela. Ela vai gostar.

Vaughan estava encorajando-me a tomar o seu lugar. Quando ele desapareceu pretextando ter visto Seagrave, ajudei Gabrielle a examinar uma série de carros para inválidos.

Conversei em termos superformais com os demonstradores sobre a instalação de controles auxiliares, dos pedais de freio e das alavancas de embreagem operadas pela mão. Todo o tempo eu olhava para as partes do corpo de Gabrielle refletidas naquela tecnologia de controles para inválidos saída de um pesadelo. Observava suas coxas esfregando-se uma na outra, a ponta do seio esquerdo sob a correia do colete ortopédico, a concavidade de sua pelve, a forte pressão de sua mão no meu braço. Ela me olhava de volta através do pára-brisa, brincando com os pedais cremados da embreagem como se esperasse que algo obsceno pudesse acontecer.

Gabrielle não demonstrou nenhuma hostilidade a Vaughan por isso, mas fui eu quem primeiro fez amor com ela, no assento traseiro de seu pequeno carro, cercados pela bizarra geometria dos controles para inválidos. Enquanto eu explorava seu corpo, sentindo as tiras e correias entre a roupa de baixo, os planos não familiares dos seus quadris e pernas conduziram-me para becos sem-saída únicos, para estranhos declives da pele e da musculatura. Cada uma de suas deformidades tornou-se uma potente metáfora para a excitação

de uma nova violência. Seu corpo, com seus contornos angulares, as inesperadas junções das membranas mucosas com a linha dos pêlos, o músculo da bexiga e o tecido erétil, era uma antologia completa de possibilidades perversas. Sentados juntos no interior do carro escuro, próximos da cerca de proteção do aeroporto, eu pegava seus brancos seios iluminados pelos aviões que decolavam, com o formato e a maciez dos mamilos parecendo violentar os meus dedos. Nossos atos sexuais assemelhavam-se a provações exploratórias.

Enquanto ela dirigia para o aeroporto eu observava-a manusear os estranhos controles. O complexo conjunto de pedais invertidos e alavancas de embreagem fora construído para ela — implicitante, eu supus, para o seu primeiro ato sexual. Vinte minutos mais tarde, ao abraçá-la, o cheiro do seu corpo misturou-se com o odor de couro artificial do salão de exposições. Tínhamos parado perto dos reservatórios para ver os aviões aterrissando. Quando pressionei seu ombro esquerdo contra o meu peito pude ver o contorno do assento que fora moldado em torno do seu corpo, hemisférios acolchoados de couro que compensavam as depressões formadas pela cinta e pelas presilhas das costas. Deslizei minha mão em torno do seu seio direito, já colidindo com a estranha geometria do interior do carro.

Controles inesperados projetavam-se por debaixo do volante. Um conjunto de pedais cremados estava preso em um eixo de aço aparafusado na coluna do volante. Uma parte do assoalho erguia-se lateralmente, adaptado para a alavanca da embreagem, dando lugar a uma coluna vertical de metal cromado modelado ao inverso da palma da mão do motorista.

Consciente desses novos parâmetros, do abraço dessa zelosa tecnologia, Gabrielle inclinou-se para trás. Seus olhos inteligentes seguiam a mão que passava no meu rosto e no meu peito, como se estivesse procurando as minhas ausentes couraças de cromo brilhante. Ela ergueu o pé esquerdo de modo que o suporte de sua perna apoiasse-se no meu joelho. Na superfície interna de sua coxa as presilhas formaram marcas depressões, calhas vazias de pele avermelhada que tomavam a forma de fivelas e fechos.

Soltei o suporte da perna esquerda e passei meus dedos ao longo do profundo sulco da fivela, sentindo a pele enrugada, quente e macia, mais excitante do que a membrana de uma vagina. Este orifício depravado, a invaginação de um órgão sexual ainda nos estágios embrionários de sua evolução, me fez lembrar dos pequenos ferimentos no meu próprio corpo, que ainda traziam os contornos do painel de instrumentos e dos controles. Senti que aquela depressão na coxa, que o sulco cavado pelo colete embaixo do seio que estava sob a sua axila, que as marcas vermelhas na parte interna do seu braço direito — tudo isso eram moldes para novos órgãos genitais, modelos de possibilidades sexuais a serem ainda criados em centenas de colisões experimentais. Os contornos não-familiares do assento pressionaram a pele atrás do meu braço direito, enquanto eu deslizava minha mão na direção do rego entre as suas nádegas. O interior do carro estava escuro, ocultando o rosto de Gabrielle, e evitei sua boca quando ela recostou a cabeça no assento. Ergui seu seio com a palma da mão e comecei a beijar o frio mamilo, sentindo nele um doce cheiro, uma mistura do meu próprio muco com algum agradável composto farmacêutico. Deixei minha língua repousar na teta estendida, depois me afastei e examinei o seio cuidadosamente. Por alguma razão, eu esperava que ele fosse uma estrutura destacável de látex, ajustada a cada manhã juntamente com o colete e os suportes da perna, e me senti vagamente desapontado por ele ser feito da sua própria carne. Gabrielle estava sentada reclinada no meu ombro, um dedo indicador sentindo a parte interna do meu lábio inferior, com a unha nos meus dentes. As partes expostas do seu corpo eram



mantidas juntas pela cinta e pelas correias afrouxadas. Passei a mão no seu púbis ossudo, os dedos mergulhados nos pêlos ralos. Enquanto ela ficava passivamente nos meus braços, os lábios movendo-se numa resposta mínima, eu percebi que aquela enfarada jovem aleijada descobria que os pontos de junção normais no ato sexual — seios e pênis, ânus e vulva, mamilo e clitóris — não provocavam qualquer excitação em nós.

Através da esvanecente luz da tarde os aviões moviam-se acima de nossas cabeças ao longo das pistas do aeroporto. O agradável odor cirúrgico do corpo de Gabrielle e o do couro artificial pairavam no ar. Os controles de cromo erguiam-se nas sombras como cabeças de cobras prateadas, a fauna de um sonho de metal. Gabrielle colocou um pouco de cuspe no meu mamilo direito e tintilou-o mecanicamente, pretendendo manter aquele pequeno elo de ligação sexual normal. Por minha vez, eu acariciei o seu púbis, sentindo a ponta inerte do seu clitóris. Os controles prateados do carro em torno de nós pareciam um tour de force de tecnologia e sistemas cinestésicos.

A mão de Gabrielle movia-se pelo meu peito. Seus dedos encontraram as pequenas cicatrizes embaixo da minha clavícula, a impressão da parte externa do painel de instrumentos.

Assim que ela começou a explorar aquela fissura circular com os seus lábios eu senti pela primeira vez meu pênis enrijecer. Ela tirou-o para fora de minhas calças, depois passou a explorar as outras cicatrizes no meu peito e abdômen, roçando a ponta de sua língua em cada uma delas. Uma a uma, ela endossou todas aquelas assinaturas, inscritas no meu corpo pelo painel e pelos controles do meu carro. Enquanto ela mexia o meu pênis, movi minha mão do seu púbis para as cicatrizes nas suas coxas, sentindo os suaves caminhos escavados na carne pelo freio de mão do carro com o qual ela batera. Meu braço direito segurou os seus ombros, sentindo as marcas do estofamento de couro, os pontos de encontro de geometrias hemisféricas e retilíneas. Explorei as cicatrizes na suas coxas e braços, Tateando as áreas feridas sob o seio esquerdo, enquanto ela, por sua vez, explorava as minhas, ambos decifrando juntos aqueles códigos de uma sexualidade tornada possível pelas nossas colisões.

Meu primeiro orgasmo, na ferida mais profunda de sua coxa, inundou de sêmen aquele canal, irrigando a sua vala enrugada. Pegando no sêmen com a mão, ela esfregou-a contra os controles prateados do pedal da embreagem. Minha boca estava cravada na cicatriz abaixo do seu seio esquerdo, explorando as depressões em forma de foice.

Gabrielle virou-se no assento, girando o corpo, de modo que eu pudesse explorar as feridas no seu quadril direito. Pela primeira vez não senti nenhum traço de piedade por aquela mulher aleijada, mas celebrava com ela a excitação daqueles orifícios abstratos formados no seu corpo por fragmentos do seu próprio automóvel. Nos dias seguintes, os meus orgasmos aconteceram dentro das cicatrizes abaixo do seu seio e na axila esquerda, nas feridas em seu pescoço e ombro, naquelas fendas sexuais formadas pelos pedaços fragmentados do pára-brisa e pelos mostradores do painel em um impacto de alta velocidade, celebrando o casamento, através do meu pênis, entre o meu carro batido e o carro no qual Gabrielle encontrara a sua quase-morte.

Eu sonhava com outros acidentes que pudessem aumentar este repertório de orifícios, relacionando-os com outros elementos da engenharia automobilística, com as tecnologias cada vez mais complexas do futuro. Que ferimentos iriam criar as possibilidades sexuais das tecnologias invisíveis dos reatores termonucleares, com suas salas de controle em azulejos

brancos, com seus misteriosos cenários e circuitos de computação? Enquanto abraçava Gabrielle eu visualizava, como Vaughan me ensinara, os acidentes que poderiam envolver os famosos e os belos, os ferimentos sobre os quais poderiam ser construídas fantasias eróticas, os atos sexuais extraordinários celebrando as possibilidades de tecnologias não imaginadas. Nessas fantasias, eu era capaz, finalmente, de visualizar aquelas mortes e ferimentos que eu sempre temera.

Eu visualizava minha mulher ferida em uma colisão de alto impacto, a boca e o rosto destruídos, e um novo e excitante orifício aberto no seu períneo por um estilhaço da coluna do volante, nem vagina nem reto, um orifício que poderíamos cultivar com todas as nossas mais profundas afeições. Eu visualizava os ferimentos em atrizes de cinema e personalidades da televisão, em cujos corpos iriam florescer dúzias de orifícios auxiliares, pontos de conjunção sexual com suas audiências formados pela cambiante tecnologia do automóvel. Eu visualizava o corpo da minha própria mãe, em vários estágios de sua vida, ferido em uma sucessão de acidentes, provido com orifícios de uma abstração e ingenuidade cada vez maiores, de modo que meu incesto pudesse tornar-se mais e mais cerebral, permitindo-me finalmente ceder aos seus abraços e carícias. Eu visualizava as fantasias de pedófilos contentes, alugando os corpos deformados de crianças feridas em colisões, aplacando e irrigando os ferimentos com seus órgãos genitais cicatrizados, de velhos pederastas passando suas línguas nos ânus simulados de jovens colostomizados.

Cada aspecto de Catherine naquela época parecia um modelo para algo mais, ampliando interminavelmente as possibilidades do seu corpo e da sua personalidade. Quando ela caminhava nua pelo banheiro, passando na minha frente com uma expressão de distração nervosa; quando ela se masturbava na cama ao meu lado pela manhã, coxas abertas simetricamente, os dedos roçando pelo púbis como se estivesse esmagando até a morte algum pequeno problema venéreo; quando ela passava o desodorante nas axilas, aquelas suaves fossas semelhantes a misteriosos universos; quando ela caminhava comigo até meu carro, os dedos batendo amigavelmente no meu ombro esquerdo — todos esses atos e emoções constituíam códigos secretos que buscavam o seu significado entre os resistentes e cremados espaços das nossas mentes. Uma colisão na qual ela morresse seria o único evento que liberaria os códigos que esperavam dentro dela. Deitado na cama ao lado de Catherine, eu deslizava minha mão no rego entre suas nádegas, erguendo e juntando esses brancos hemisférios, esses espaços plenos de carne que continham todos os programas de sonhos e genocídios.

Comecei a pensar na morte de Catherine de um modo mais deliberado, tentando urdir na minha mente uma solução mais rica do que a morte que Vaughan concebera para Elizabeth Taylor. Essas fantasias eram parte das respostas afetuosas trocadas entre nós enquanto dirigíamos juntos ao longo do elevado.

A esta altura eu estava certo de que mesmo se a atriz de cinema jamais fosse vítima de uma colisão, Vaughan havia criado todas as possibilidades de sua morte.

Daquelas centenas de quilômetros e atos sexuais, Vaughan estava selecionando certos elementos necessários: um trecho do viaduto da Avenida Ocidental, visto através do meu próprio acidente e da morte do marido de Helen Remington, assinalado em uma notação sexual por um ato de copulação oral com uma colegial de dezessete anos; o pára-lama amassado de uma limusine preta americana, marcado pela pressão do braço de Catherine no vão da porta esquerda e celebrado pela ereção constante do mamilo de uma prostituta de meia-idade; a atriz em pessoa saindo do seu carro e tropeçando ligeiramente na porta entreaberta, sua careta registrada pela lente zoom da câmera de Vaughan; elementos de carros acelerando, sinais de trânsito mudando, seios balançando, trechos diversos de estradas, clitoris segurados gentilmente como espécimes botânicos entre o polegar e o indicador, a estilização de mil gestos e posturas enquanto ele dirigia — tudo isso estava armazenado na mente de Vaughan, pronto para ser retirado e adaptado em qualquer arma de assassinio que ele concebesse. Ele me interrogava repetidamente sobre a vida sexual da atriz, sobre a qual eu nada sabia, instando-me para envolver Catherine numa pesquisa em velhas revistas de cinema. Muitos de seus atos sexuais eram claramente modelos do que imaginava como sendo os dela dentro de um automóvel.

Vaughan, entretanto, já elaborara atos sexuais imaginários no interior do automóvel, envolvendo uma legião de personalidades famosas — políticos, ganhadores do prêmio Nobel, atletas internacionais, astronautas e criminosos

— assim como também concebera as suas mortes. Enquanto andávamos pelos estacionamentos do aeroporto, procurando um carro emprestado, Vaughan interrogava-me minuciosamente sobre os modos prováveis como Marilyn Monroe ou Lee Harvey Oswald teriam transado em seus carros, Armstrong, Warhol, Raquel Welch... sobre os veículos e modelos escolhidos, sobre suas posturas e zonas erógenas favoritas, sobre as vias expressas e auto-estradas na Europa e na América do Norte onde eles se movimentavam na mente de Vaughan, seus corpos supridos por suas ilimitadas sexualidades, amores, afeições e erotismos.

— ...Monroe masturbando-se, ou Oswald, vamos ver... mão esquerda ou direita, com qual você acha? E quanto aos painéis de instrumentos? O orgasmo foi alcançado mais rapidamente com mostradores embutidos ou salientes? Os contornos coloridos de vinil, o vidro do pára-brisa, esses são os fatores. Garbo e Dietrich, existe um espaço para a abordagem gerontológica. O envolvimento especial de, pelo menos, dois Kennedys com o automóvel...

Ele sempre deliberadamente evitava cair na autoparódia.

Contudo, durante os meus últimos dias com Vaughan, as suas obsessões com o carro batido tornaram-se cada vez mais desordenadas. Sua fixação na atriz de cinema e na morte sexual que concebera para ela pareceram frustrá-lo mais quando esta morte desejada não ocorreu. Em vez de dirigirmos ao longo do elevador, ficávamos sentados em um estacionamento deserto atrás do meu prédio em Dray ton Park, observando as folhas dos

olmos deslizando na pálida luz sobre o macadame molhado. Durante horas, Vaughan ouvia as transmissões da polícia e das ambulâncias, o longo corpo tremendo enquanto batia de leve no cinzeiro superlotado, repleto de baganas e um velho tampão. Preocupado com ele, eu desejava pegar nas cicatrizes em suas coxas e no seu abdômen, oferecendo-lhe as feridas provocadas pelo automóvel no meu próprio corpo em lugar daqueles ferimentos imaginários que ele queria no da atriz.

A colisão que eu mais temia — depois da morte de Vaughan, uma realidade já presente na minha mente — aconteceu três dias mais tarde na auto-estrada de Harlington.

Assim que as primeiras e truncadas referências aos múltiplos ferimentos sofridos pela atriz de cinema, Elizabeth Taylor, foram feitas nas transmissões da polícia, e desmentidas logo em seguida, eu sabia qual provação e morte iríamos testemunhar.

Vaughan estava pacientemente sentando ao meu lado enquanto eu conduzia o Lincoln na direção oeste para o local do acidente. Ele olhava com olhos resignados as brancas fachadas das fábricas de plástico e depósitos de pneus ao longo da auto-estrada. Ouvia os detalhes da colisão tripla na frequência da polícia, aumentando sempre o volume, como se desejasse receber a confirmação final num crescendo total.

Chegamos no local do acidente em Harlington meia hora depois, e estacionamos na beira do gramado embaixo do viaduto. Três carros tinham colidido no centro de um cruzamento de alta velocidade. Os dois primeiros veículos — um carro esporte de fibra de vidro feito sob encomenda e uma Mercedes cupê prateada — bateram um contra o outro, numa colisão em ângulo reto, entortando suas rodas dianteiras esquerdas e esmagando o compartimento do motor. O carro esporte de fibra de vidro, uma antologia de enfeites e acessórios típicos dos anos cinqüenta, fora atingido na traseira por um carro especial do governo dirigido por uma chofer. Trêmula, mas ilesa, a jovem motorista de uniforme verde era retirada do seu veículo, que enterrara o capô na traseira do carro esporte. Fragmentos de fibra de vidro jaziam em torno da carroceria esmagada, como rascunhos deixados de lado no estúdio de um desenhista.

O motorista do carro esporte permanecia morto em sua cabine, enquanto dois bombeiros e um policial trabalhavam para libertá-lo do painel de instrumentos todo envergado.

O casaco feminino de pele de leopardo que ele estava usando fora rasgado, expondo o peito fraturado, mas os seus cabelos brancos, platinados, ainda estavam elegantemente presos por uma rede de náilon. No assento ao seu lado, como um gato morto, jazia uma peruca negra. O rosto esguio e exausto de Seagrave estava recoberto de estilhaços de vidro, como se seu corpo já estivesse cristalizando-se, escapando finalmente daquele incômodo conjunto de dimensões para um universo mais belo.

A menos de dois metros dele, a mulher que dirigia a Mercedes cupê prateada jazia de lado em seu assento, embaixo do pára-brisa quebrado. Uma multidão de espectadores comprimia-se em torno dos dois carros, quase derrubando os enfermeiros que tentavam retirar a mulher da cabine esmagada. Um policial que passava em frente segurando um cobertor disse o seu nome, o de uma antiga apresentadora de televisão, que estivera no apogeu há vários anos, mas que ainda se apresentava ocasionalmente em mesas-redondas e em programas de entrevistas na madrugada. Quando começaram a erguê-la para uma posição meio-sentada eu reconheci o seu rosto, pálido e consumido agora como o de uma mulher velha. Um véu de sangue seco saía do seu queixo, formando um escuro babador. Ao ser colocada em uma

padiola, os espectadores olharam respeitosamente para os ferimentos nas suas coxas e no baixo abdômen, abrindo passagem enquanto a levavam para a ambulância.

Duas mulheres de lenço na cabeça e casacos de tweed foram empurradas de lado, com os braços estendidos, Vaughan mergulhou entre elas. Seus olhos pareciam estar fora de foco. Ele pegou num dos cabos da padiola, que um enfermeiro já segurava, e seguiu rapidamente com ela para a ambulância.

A mulher foi colocada no interior do veículo, respirando com dificuldade através da crosta de sangue sobre o seu nariz. Quase gritei pela polícia, convencido deque, pelo modo agitado como Vaughan inclinava-se sobre a mulher estirada, ele estava a ponto de tirar seu pênis e utilizá-lo para liberar a passagem na boca cheia de sangue. Imaginando, pelo seu estado superexcitado, que ele fosse parente, o enfermeiro recuou e deu-lhe passagem, mas um policial que o reconheceu agarrou seu peito com a mão e gritou para que ele fosse embora.

Vaughan permaneceu por perto das portas fechadas, ignorando o policial, depois mergulhou através da multidão com um movimento brusco, desaparecendo por alguns instantes.

Forçou sua passagem até o carro de fibra de vidro esmagado e olhou vagamente para o corpo de Seagrave, vestido com a couraça de coroação feita de vidro quebrado, um traje luminoso semelhante ao de um matador morto. Suas mãos crisparam-se no suporte do pára-brisa.

Confuso e perturbado pela morte do dublê e pelas roupas da atriz de cinema — evidências de uma colisão deliberada — ainda jogadas ao lado do carro, eu segui Vaughan por entre os espectadores. Ele caminhou confusamente em torno do Mercedes prateado, os olhos fixos nas manchas de sangue espalhadas no assento e no painel, examinando cada detalhe da estranha liteira que materializara-se do nada após a colisão. Suas mãos fizeram pequenos movimentos no ar, assinalando as trajetórias dos impactos internos quando o carro de Seagrave bateu, os momentos mecânicos da segunda colisão entre a personalidade menor da televisão e o seu painel de instrumentos.

Mais tarde compreendi o que mais transtornara Vaughan. Não foi a morte de Seagrave, mas sim que, com sua colisão, ainda usando as roupas e a peruca de Elizabeth

Taylor, o piloto-dublê antecipara a morte real que Vaughan havia reservado para si mesmo. Na sua mente, a partir daquele acidente, a atriz de cinema já estava morta.

Tudo o que restava agora para Vaughan era reconstituir as formalidades de tempo e espaço, as delícias da carne dela em casamento com a sua, já celebrado no altar sangrento do carro de Seagrave.

Voltamos para o Lincoln. Vaughan abriu a porta do passageiro, olhando-me como se nunca tivesse me visto antes.

— Hospital Ashford — disse ele me apressando. — Eles vão levar Seagrave para lá depois que o soltarem do carro.

— Vaughan...

Tentei pensar em algum modo de acalmá-lo. Eu queria tocar em sua coxa, pressionar a junta da minha mão esquerda na sua boca.

— Você tem que dizer a Vera.

— Quem? — Os olhos de Vaughan brilharam momentaneamente. — Vera... ela já sabe.

Ele tirou do bolso um encardido cachecol de seda formando um quadrado e abriu-o

cuidadosamente no assento entre nós. Bem no centro do couro cinzento estava um triângulo manchado de sangue, já secando, mas ainda de um carmim brilhante. Experimentalmente, Vaughan tocou no sangue com as pontas dos dedos, levou-o até a boca e provou o material pegajoso. Ele cortara um pedaço do assento dianteiro da Mercedes, onde o sangue das feridas abdominais da mulher escorrera entre as suas pernas.

Hipnotizado, Vaughan olhou fixamente para o fragmento, cutucando a costura embutida no vinil que atravessava o triângulo pelo seu vértice. O quadrado jazia entre nós como uma relíquia santa, o fragmento de um osso da mão ou de uma tíbia. Para Vaughan aquele pedaço de couro, tão delicioso e comovente quanto as manchas no remendo de uma mortalha, continha toda a mágica especial e os poderes curadores de um moderno mártir das super-autoestradas. Aquelas preciosas polegadas quadradas foram pressionadas contra a vulva da mulher moribunda, estavam manchadas com o sangue que jorrara de seu orifício genital ferido.

Esperei por Vaughan na entrada do hospital. Ele correu na direção da enfermaria dos acidentados, ignorando os gritos de um enfermeiro que passava. Fiquei sentado no carro estacionado fora dos portões, imaginando se Vaughan estava esperando aqui com sua câmera quando o meu corpo ferido foi trazido. Naquele momento, a mulher vitimada estava provavelmente morrendo, a pressão do sangue caindo, os órgãos pesados com o fluido não circulante, com milhares de artérias estagnadas formando uma barreira oceânica que bloqueava os rios da sua corrente sangüínea. Eu a via deitada em uma cama de metal na sala de emergência, com o rosto sangrento e o nariz quebrado, semelhante a uma máscara obscena usada no dia das bruxas, o ritual de iniciação na própria morte. Eu visualizava os gráficos que registravam as temperaturas declinantes do seu reto e da sua vagina, a diminuição das funções nervosas, últimas cortinas do seu cérebro agonizante.

Um guarda de trânsito aproximou-se do carro caminhando pela alameda, claramente reconhecendo o Lincoln. Quando me viu no volante ele se afastou, mas, por um momento, senti prazer em ser identificado com Vaughan e as imagens incertas de crimes e violências que estavam formando-se aos olhos da polícia. Pensei nos carros esmagados no local da colisão, em Seagrave morrendo durante uma última viagem de ácido. No momento da batida com o perturbado piloto-dublê, a atriz de televisão celebrou o seu último desempenho, casando o seu corpo com os contornos estilizados do painel e do pára-brisa, a sua elegante postura com as violentas conjunções entre a porta e a carroceria. Visualizei o acidente filmado em câmera lenta, como as colisões simuladas que assistíramos no Laboratório de Pesquisas Rodoviárias. Eu via a atriz colidindo com o painel de instrumentos, a coluna do volante dobrando-se sob o peso do tórax e dos fartos seios; as mãos esguias, familiares pelas centenas de mesas-redondas, batendo contra as afiadas bordas do cinzeiro e do painel; o rosto, idealizado em centenas de fotos, meio abaixado, três quartos do perfil iluminados pelas mais favorecedoras densidades de luz, batendo contra a parte de cima do volante; o septo nasal quebrado, com os incisivos superiores empurrados através da gengiva até o palato mole. Sua mutilação e morte transformaram-se em uma coroação da sua imagem nas mãos de uma tecnologia colidente, uma celebração de seus membros e fâces, gestos e tonalidades da pele. Cada um dos espectadores no local guardaria uma imagem da violenta transformação sofrida por aquela mulher, do complexo de feridas que amalgamou-se com a sua própria sexualidade e com a rígida tecnologia do automóvel. Cada um deles, através da imaginação e do automóvel, poderia unir-se aos ferimentos daquela atriz menor, tocando nas suaves membranas de suas mucosas, nos

sulcos de seus tecidos eréteis, enquanto dirigia o próprio carro assumindo uma série de posições estilizadas. Cada um deles colocaria os lábios naqueles orifícios que sangravam, o nariz nas lesões da mão esquerda, pressionaria as pálpebras no tendão exposto do dedo indicador e o dorso do pênis ereto contra as rompidas paredes laterais da vagina dela. A colisão tornara possível a tão desejada e derradeira união da atriz com os membros da sua audiência.

Este último período com Vaughan ficou inseparável, na minha mente, da excitação que eu sentia quando pensava nessas mortes imaginárias, da alegria de estar próximo dele e de aceitar inteiramente a sua lógica. Curiosamente, Vaughan continuava contido e deprimido, indiferente ao sucesso de ter me convertido em um ávido discípulo. Enquanto almoçávamos numa lanchonete da estrada ele enchia a boca cicatrizada de comprimidos de anfetamina, mas esses estimulantes só produziam efeito bem mais tarde, quando se recuperava ligeiramente. Estaria Vaughan perdendo a sua determinação? Eu já me sentia o parceiro dominante na nossa relação. Sem precisar de qualquer instrução sua, eu ouvia as frequências da polícia e das ambulâncias, impelindo o pesado carro para cima e para baixo pelas vias de acesso em busca da última colisão.

Nosso comportamento tornou-se cada vez mais estilizado, como se fôssemos uma habilidosa dupla de cirurgiões, prestidigitadores ou comediantes. Longe de reagir com horror ou repulsão à visão daquelas vítimas feridas, sentadas atordoadas na grama, ao lado de seus carros, depois de passarem num trecho da estrada cheio de neblina, ou presas no painel de instrumentos, Vaughan e eu sentíamos agora um certo distanciamento profissional, a sensação de que estávamos verdadeiramente envolvidos na revelação dos primeiros resultados de um trabalho. Meu horror e desgosto diante daquelas feridas terríveis tinha dado lugar a uma lúcida aceitação de que a tradução daqueles ferimentos em termos de nossas fantasias e comportamento sexual era o único modo de revigorar aquelas vítimas moribundas. No início daquela noite, depois de ter visto uma mulher gravemente ferida no rosto, Vaughan manteve o seu pênis cerca de dez minutos na boca de uma prostituta de meia-idade, de cabelos prateados, quase sufocando-a enquanto ela ficava ajoelhada sobre ele. Ele segurou fortemente a cabeça dela com as mãos, de modo a impedir que ela se movesse, até que a saliva pingasse de sua boca, como de uma torneira.

Dirigindo vagorosamente pelas ruas escuras dos condomínios ao sul do aeroporto, eu observava por cima dos meus ombros Vaughan mover a mulher pelo assento traseiro, carregando-a com suas fortes coxas. Toda sua violência e raiva surgiram de novo. Depois que ele gozou, a mulher desabou no assento. Ela deixou o sêmen escorrer pelo viscoso vinil embaixo dos testículos de Vaughan, ansiando por respirar, ao mesmo tempo em que limpava os salpicos de vômito no pênis. Olhando para o seu rosto enquanto ela recolocava suas coisas espalhadas na bolsa, vi a face ferida da mulher vitimada na colisão irrigada com o sêmen de Vaughan. No assento, nas coxas de Vaughan, nas mãos daquela prostituta de meia-idade, o sêmen tremeluzia em gotas opalescentes, com sua cor mudando do vermelho para o âmbar e o verde, no ritmo das luzes do tráfego, refletindo as milhares de luzes no ar da noite, as ásperas lâmpadas fosforescentes dos postes e a imensa coroa de luz que pairava sobre o aeroporto, enquanto corríamos pela via expressa. Quando olhava para o céu da noite parecia que o sêmen de Vaughan estava banhando todo o cenário, energizando aqueles milhares de motores, circuitos elétricos e destinos individuais, irrigando os menores gestos de nossas vidas.

Foi durante aquela noite que notei o primeiro ferimento que Vaughan infligiu em si mesmo. Em um posto na Avenida Ocidental, ele prendeu deliberadamente a mão na porta do carro, reproduzindo a ferida no braço de uma jovem recepcionista envolvida em uma violenta colisão lateral no estacionamento do seu hotel. Vaughan escarafunchava repetidamente as marcas da ferida na junta dos seus dedos. As cicatrizes nos joelhos, fechadas agora há mais de um ano, começavam a reabrir. Pontos de sangue filtravam-se pelo gasto tecido do seu jeans. Salpicos vermelhos surgiram por baixo da curvatura do compartimento do painel, na parte inferior do console do rádio, e marcavam o vinil preto das portas. Vaughan encorajava-me a dirigir cada vez mais rápido, mais do que as vias de acesso ao aeroporto permitiam. Quando eu ficava subitamente em um cruzamento ele deixava-se, deliberadamente, deslizar contra o painel. O sangue misturava-se ao sêmen seco sobre os assentos, marcando minhas próprias mãos com pontos escuros enquanto eu girava o volante.

Seu rosto tinha uma palidez que eu nunca vira antes, e ele movia-se em explosões de exaustão nervosa ao redor do carro, como um animal incomodado. Esta super irritação lembrou-me a minha longa recuperação de uma péssima viagem de ácido alguns anos antes, quando me senti, durante meses, como se a minha mente estivesse momentaneamente aberta por um buraco infernal, como se as membranas do meu cérebro tivessem sido expostas por uma colisão apavorante.



Meu último encontro com Vaughan — o clímax de uma longa expedição punitiva no interior do meu próprio sistema nervoso aconteceu uma semana mais tarde no mezanino do Terminal Oceânico. Em retrospecto, soava irônico que aquele salão de vidro, vôo e possibilidade, se tornasse o ponto de partida para nossas vidas e mortes.

Enquanto caminhava na minha direção, passando pelas cadeiras e mesas cromadas, com o seu reflexo multiplicado nas paredes de vidro, Vaughan nunca parecera tão desleixado e inseguro. O rosto marcado por bexigas e o modo abatido como ele gingava por entre os passageiros que esperavam a chamada de seus vôos davam-lhe o aspecto de um fanático mal-sucedido, obstinadamente conservando as obsessões perdidas.

Ele ficou de pé ao meu lado, no bar, quando levantei para cumprimentá-lo, mal se incomodando em me reconhecer, como se eu fosse algum desconhecido. Suas mãos estavam encrespadas, pareciam buscar os controles, com pontos de sangue fresco nas juntas dos dedos atraindo a atenção. Durante os últimos seis dias eu esperei incansavelmente no escritório e em casa, observando as estradas pelas janelas, descendo correndo pelas escadas sempre que julgava ter visto seu carro passar em frente. Eu lia cuidadosamente as colunas de fofocas dos jornais e das revistas de cinema, tentando adivinhar qual estrela ou celebridade política Vaughan poderia estar seguindo, reunindo os elementos de acidentes imaginários na sua mente. Todas as experiências que tivemos no tempo que passamos juntos deixaram-me num crescente estado de violência, que eu sabia que somente Vaughan poderia resolver. Nas minhas fantasias, ao fazer amor com Catherine, eu me via em um ato de sodomia com ele, como se somente este ato pudesse solucionar os códigos de uma tecnologia desviante.

Vaughan esperava enquanto pedi um drinque para ele, olhando através das pistas para um avião erguendo-se no ar acima do perímetro oeste do aeroporto. Ele me telefonara naquela manhã, com uma voz quase irreconhecível, e sugeriu que nos encontrássemos no aeroporto. Vê-lo novamente, e acompanhar os contornos de suas nádegas e coxas na velha calça, de suas cicatrizes em torno da boca e abaixo da linha do queixo, era algo que me dava uma forte e erótica excitação.

—Vaughan...

Tentei colocar o drinque na sua mão. Ele concordou com a cabeça sem protestar.

— Tente beber isto. Você quer comer alguma coisa?

Ele não fez nenhum esforço para tocar na bebida. Ficou encarando-me com os olhos incertos, como os de um atirador calculando a distância do alvo. Pegou um jarro d'água, mantendo-o em suas mãos. Quando encheu um copo sujo sobre o balcão e bebeu avidamente, eu compreendi que ele estava percorrendo os estágios iniciais de uma viagem de ácido. Ele estava comprimindo e flexionando as palmas de suas mãos, golpeando a boca cicatrizada com as pontas dos dedos. Esperei ele galgar aqueles primeiros gradientes de excitação e alarme, com os olhos percorrendo o mezanino envidraçado enquanto ele dedilhava no ar a poeira em movimento que se fundia com a luz.

Fomos até o seu carro, estacionado em fila dupla ao lado de um ônibus. Alguns passos na minha frente, Vaughan andava como um sonâmbulo supercuidadoso. Ele olhava para

diferentes partes do céu, experimentando como eu próprio me lembrava muito bem — a primeira daquelas premonitórias mudanças de luz que transformam um brilhante meio-dia de verão em uma noite cinzenta de inverno no espaço de um segundo. Sentando-se no banco do Lincoln, Vaughan relaxou os ombros no encosto, como se estivesse acalmado suas feridas. Ele me observou tatear a ignição, dando um leve sorriso zombeteiro pela ânsia que eu demonstrara ao segui-lo, já aceitando agora o seu próprio fracasso e a minha autoridade sobre ele.

Enquanto ligava o motor, Vaughan colocou a palma de sua mão enfaixada sobre as minhas coxas. Surpreendido por este contato físico entre nós, pensei a princípio que

Vaughan estava tentando tranqüilizar-me. Ele ergueu a mão até a minha boca e eu vi o amarrotado cubo prateado nos seus dedos. Desenrolei o papel laminado e coloquei o cubo açucarado na minha língua.

Sáimos do aeroporto pelo túnel, cruzamos a Avenida Ocidental e subimos a rampa no trevo. Por cerca de vinte minutos dirigi ao longo da via expressa de Northolt, mantendo o carro na pista central e deixando o tráfego mais rápido nos ultrapassar pelos dois lados. Vaughan recostou-se, a face direita pousada no frio encosto do assento, os braços frouxamente estendidos de cada lado.

De vez em quando suas mãos contraíam-se, os braços e as pernas remexendo-se involuntariamente. Eu já podia sentir os primeiros efeitos do ácido. As palmas das minhas mãos estavam frias e sensíveis; asas estavam a ponto de brotar delas e me alçarem no ar veloz. Um nimbo de gelo formava-se em torno do meu cérebro, como as nuvens que recobrem os hangares dos aviões. Eu fizera uma viagem de ácido dois anos antes, um pesadelo paranóico durante o qual deixei entrar um cavalo de Tróia na minha mente. Enquanto Catherine tentava inutilmente me acalmar, ela parecia aos meus olhos como uma ave hostil e predatória. Eu sentia o cérebro escorrer para o travesseiro através do buraco que ela bicara no meu crânio. Eu me lembro de ter gritado como uma criança e de ter agarrado o seu braço, implorando para que ela não me abandonasse enquanto o meu corpo reduzia-se a uma membrana nua. com Vaughan, ao contrário, eu me sentia à vontade, certo do seu afeto por mim, como se ele estivesse deliberadamente guiando-me por aquela via expressa construída especialmente para mim. Os outros carros que nos ultrapassavam estavam ali graças a um grande ato de cortesia de sua parte. Ao mesmo tempo, eu estava certo de que tudo ao meu redor, a crescente expansão do LSD no meu corpo, era parte de alguma intenção irônica de Vaughan, como se a excitação que se espalhava pela minha mente hesitasse entre a hostilidade e a afeição, emoções que haviam tomado-se intercambiantes.

Pegamos o rápido movimento do tráfego para o elevado circular rumo oeste. Conduzi o carro em baixa velocidade quando fizemos a volta no trevo, acelerando depois que ganhamos a pista superior, o trânsito disparando na nossa frente. As perspectivas haviam mudado por toda parte. As paredes de concreto da rampa de acesso erguiam-se sobre nós como penhascos luminosos. As linhas demarcadoras das pistas dividiam-se e volteavam-se, formando um emaranhado de cobras brancas, contorcendo-se enquanto arrastavam os pneus dos carros que passavam sobre elas, alegres como golfinhos. Os sinais do elevado assomavam à nossa frente como generosos caças de mergulho. Pressionei as palmas das mãos contra a borda do volante, impelindo, desamparado, o carro através do ar dourado. Dois ônibus e um caminhão nos alcançaram, as rodas parecendo estar quase paradas, como se aqueles veículos fossem peças

de um cenário suspenso pelo céu. Olhando ao redor, tive a impressão de que todos os carros na estrada estavam estacionados, a terra girando embaixo deles para criar a ilusão do movimento. Os ossos dos meus antebraços formavam um sólido acoplamento com a coluna do volante, e eu sentia os menores tremores das rodas na estrada ampliados mil vezes, de modo que atravessávamos cada pedaço de cascalho ou cimento como se fosse a superfície de um pequeno asteróide. O murmúrio do sistema de transmissão reverberava pelas minhas pernas e espinha, ressoando nas placas do meu crânio como se eu próprio estivesse no túnel de transmissão do carro, as mãos girando o eixo de manivela, as pernas rodopiando para impelir o carro à frente.

A luz do dia acima do elevado tornou-se mais brilhante, um intenso ar de deserto. O concreto branco tornou-se um osso recurvado. Vagas de ansiedade cobriam o carro como ondas de calor vindas do asfalto quente. Olhando para Vaughan, eu tentava controlar os seus espasmos nervosos. Os carros que nos ultrapassavam estavam agora superaquecidos pela luz do sol, e eu tinha certeza que seus corpos de metal estavam a menos de um grau abaixo do ponto de fusão, sendo conservados apenas pela força da minha visão, e que o menor desvio da minha atenção para o volante romperia a fina camada de metal que os mantinha intactos e fragmentaria aqueles blocos de metal em ebulição na nossa frente. Em contraste, os carros que vinham em sentido oposto conduziam enormes cargas de luz fria, alegorias repletas de flores elétricas sendo transportadas para um festival. Quando sua aceleração aumentou eu me vi impelido para a pista de alta velocidade, de modo que aqueles veículos pareciam mover-se agora bem na nossa direção, como enormes carrosséis de luzes acelerantes. As grades dos seus radiadores formavam emblemas misteriosos, traçando alfabetos que se desenredavam em alta velocidade pela superfície da estrada.

Exaurido pelo esforço de me concentrar no tráfego e de manter os carros em torno de nós em suas pistas, tirei minhas mãos do volante e deixei o carro seguir em frente.

Com uma longa e elegante guinada, o Lincoln atravessou a pista de alta velocidade. Os pneus rugiram no acostamento, levantando uma tempestade de poeira no pára-brisa.

Reclinei-me para trás, impotentemente, o corpo exausto. Vi, na minha frente, a mão de Vaughan no volante. Ele inclinou-se ao meu lado, a outra mão apoiada no painel, e conduzia o carro a poucas polegadas do canteiro central. Um caminhão acelerou na nossa direção pela pista contrária. Vaughan tirou a mão do volante e gesticulou para ele, sugerindo que eu atravessasse o canteiro central e batesse no caminhão.

Perturbado por sua presença física ao meu lado, segurei o volante novamente, dirigindo o carro pela pista de alta velocidade. O corpo de Vaughan era uma coleção de planos imprecisamente ligados. Os elementos de sua musculatura e de sua personalidade estavam suspensos alguns milímetros no ar, flutuando ao meu lado naquela zona despressurizada, como os objetos na cápsula de um astronauta. Eu observava os carros aproximarem-se de nós, incapaz de apreender mais do que uma fração dos milhares de mensagens que suas rodas e faróis, pára-brisas e grades do radiador estavam transmitindo para mim.

Eu me lembrei da volta para casa, saindo do Hospital Ashford após o meu acidente. A luminosidade do tráfego, as perspectivas nervosas dos aterros dos elevados e das pistas ao longo da Avenida Ocidental anteciparam esta visão dada pelo ácido, como se meus ferimentos tivessem florescido naquelas criaturas paradisíacas, celebrando a unidade da minha colisão com aquele Eliseu metalizado. Quando Vaughan me instou novamente a jogar o carro contra os

veículos que se aproximavam fui tentado a obedecê-lo, não fazendo nenhum esforço para responder à provocadora pressão de sua mão. Um ônibus de turismo acelerou na nossa direção, com sua carroceria prateada irradiando-se pelas seis pistas do elevado, abatendo-se sobre nós como um arcanjo incandescente.

Segurei o punho de Vaughan com a mão. Os pêlos escuros de seu pálido antebraço, o tecido cicatrizado nas juntas dos seus dedos anular e indicador, estavam agora irrigados por uma sombria beleza. Desviando o olhar da estrada, preendi a mão de Vaughan na minha, tentando fechar os olhos diante da fonte de luz que jorrava através do pára-brisa vinda dos veículos que se aproximavam.

Uma armada de criaturas angélicas, cada uma delas cercada por uma imensa coroa de luz, estava aterrissando em ambos os lados do elevado, deslizando em direções opostas.

Elas planavam na nossa frente, a poucos centímetros do solo, descendo por toda parte naquelas intermináveis estradas que espalhavam-se pelo cenário. Percebi que todas aquelas rodovias e vias expressas foram construídas por nós, sem saber, para recepcioná-los.

Inclinado sobre mim, Vaughan conduzia o carro pelas pistas de vôo. Quando mudamos de direção, soaram buzinas e pneus cantando em torno de nós. Vaughan controlava o volante, como um pai conduzindo um filho exausto. Segurei passivamente a borda do volante em minhas mãos, seguindo a trajetória do carro por uma rampa de descida.

Paramos embaixo de um viaduto, o pára-lama dianteiro do Lincoln roçando pelo paredão de concreto que separava o aterro do elevado da extremidade do pátio de um ferro-velho abandonado. Ouvi a última música do motor antes de desligar a ignição, e recostei-me no assento. Na tela do espelho retrovisor eu via os carros subindo a rampa de acesso do elevado atrás de nós, chegando avidamente naquele carnaval aéreo. Eles deslizavam pela superfície da estrada acima de nossas cabeças para encontrarem-se com a aeronave que Vaughan observara por tantos meses. Enquanto olhava para as distantes passagens elevadas do viaduto circular ao norte eu podia ver que, por toda parte, aquelas criaturas metalizadas estavam planando através da luz do sol, ascendendo dos congestionamentos que as mantinham presas juntas.

Ao meu redor, o interior do carro brilhava como um caramanchão mágico, a luz na cabine tornando-se mais escura e mais brilhante enquanto eu movia os olhos.

O painel de instrumentos irradiava na minha pele os ponteiros e números luminescentes. O revestimento dos mostradores, os planos inclinados do painel, os suportes de metal do rádio e dos cinzeiros, cintilavam em torno como peças de um altar, com suas formas voltadas para mim como se fossem abraços estilizados de uma máquina hipercerebral.

No pátio do ferro-velho os carros abandonados jaziam amontoados, como escudos, sob a luz sempre cambiante, os perfis modificando-se como se um vento regular soprasse sobre eles. Pedacos de cromo enferrujados transpiravam no ar superaquecido, fragmentos intactos de celulose espalhavam-se sob a coroa de luz que cobria o pátio. As garras de metal deformado, os triângulos de vidro quebrado, eram sinais que permaneceram indecifrados durante anos naquela grama surrada, códigos traduzidos por Vaughan e por mim enquanto estávamos sentados, abraçados, no centro da tempestade elétrica que movia-se pelas nossas retinas.

Agarrei no ombro de Vaughan, lembrando-me do terror que me fizera grudar em minha mulher. Porém, Vaughan, apesar de toda a sua aspereza, era um parceiro inteiramente

benevolente, o olho daquela iluminação no cenário ao nosso redor. Pegando na sua mão, pressionei a palma contra o medalhão na saliência da buzina, um emblema metalizado que sempre me irritara. Eu sentia as reentrâncias de sua pele branca, lembrando-me do machucado em forma de tritão na palma de Remington enquanto ele jazia morto sobre o meu capô, lembrando-me dos sulcos cor-de-rosa deixados na pele de minha mulher pelo sutiã, marcas de feridas imaginárias, enquanto ela experimentava a roupa no cubículo da loja, lembrando-me das excitantes frinchas e estrias no corpo aleijado de Gabrielle. Passei a mão de Vaughan em cada um dos luminescentes mostradores do painel de instrumentos, pressionando os dedos contra a ponta dos botões, e nas pontiagudas saliências do indicador de direção e da alavanca de marcha.

Por fim, deixei sua mão pousada sobre o meu pênis, tranquilizado por sua firme pressão nos meus testículos. Fiquei de frente para Vaughan, flutuando com ele no quente âmnio de ar iluminado, encorajado pela morfologia estilizada do interior do carro, pelas centenas de radiantes gôndolas planando ao longo do elevador por cima de nossas cabeças. Quando o abracei, o corpo de Vaughan pareceu escorregar para cima e para baixo nos meus braços, os músculos de suas costas e de suas nádegas tornando-se rígidos e opacos enquanto eu sentia os planos cambiantes. Segurei o seu rosto nas minhas mãos, sentindo a suavidade da porcelana nas suas faces, e toquei com meus dedos as cicatrizes nos seus lábios e faces. A pele de Vaughan parecia estar coberta de escamas de ouro metálico quando os pontos de suor nos seus braços e pescoço excitaram os meus olhos. Eu hesitava ao me ver num corpo a corpo com aquela feia e dourada criatura, tornada bela pelas suas cicatrizes e feridas. Passei minha boca pelas cicatrizes nos seus lábios, procurando sentir com a língua os elementos familiares dos painéis e pára-brisas há muito desaparecidos. Vaughan desabotoou o casaco de couro, expondo as feridas reabertas que marcavam o seu peito e abdômen, como um perturbado travesti revelando as cicatrizes esburacadas de uma cirurgia transsexual malsucedida. Abaixei a cabeça na altura do seu peito, pressionando minha face contra o perfil sangrento de um volante quebrado, nos pontos de colisão de um painel. Deslizei os lábios pela sua clavícula esquerda, e chupei o mamilo cicatrizado, sentindo a aréola reimplantada entre os meus lábios. Movi minha boca para o seu abdômen e sua úmida virilha, marcada de sangue e de sêmen, de leve odor o excremento de uma mulher exalando do seu pênis. Um zodiaco de colisões infelizes iluminava a virilha de Vaughan e, uma por uma, explorei aquelas cicatrizes com os lábios, provando o sangue e a urina. Toquei com os dedos a cicatriz no seu pênis, depois senti a glândula dentro da minha boca. Desabotoei as calças manchadas de sangue de Vaughan. Suas nádegas nuas eram iguais às de um jovem púbere, tão lisas quanto as de uma criança. Os nervos nas minhas pernas e braços começaram a pulsar com irritação, fazendo com que meus ombros tivessem uma série de espasmos nervosos. Curvei-me atrás de Vaughan, forçando suas coxas contra as minhas. O revestimento dos mostradores no painel pairava sobre o escuro rego entre as suas nádegas. com a mão direita separei suas nádegas, procurando sentir o quente orifício do seu ânus. Durante alguns minutos, enquanto as paredes da cabine brilhavam e mexiam-se, como se estivessem tentando assumir a geometria deformada dos carros esmagados lá fora, eu deixei o meu pênis na entrada do seu reto. Seu ânus abriu-se em torno da cabeça do meu pênis, assentando-se na haste, os duros músculos apertando a glândula. Enquanto eu me movia para dentro e para fora de seu reto, os veículos carregados de luz que planavam ao longo do elevador atraíam o sêmen dos meus testículos. Depois do meu orgasmo afastei-me

vagarosamente de Vaughan, mantendo suas nádegas separadas com as mãos de modo a não machucar o seu reto. Ainda separando suas nádegas, eu observava o meu sêmen escorrer do seu ânus para as nervuras pregueadas do estofamento de vinil.

Sentados, éramos banhados pela luz que fluía de todas as direções pelo cenário. Mantive o braço em torno de Vaughan enquanto ele dormia, observando as fontes que jorravam das grades do radiador dos carros esmagados, a dezoito metros de distância, secarem gradualmente. Uma profunda sensação de calma pairava sobre o meu corpo, formada parcialmente pelo meu amor a Vaughan e parcialmente pelos meus sentimentos de ternura em relação ao caramanchão de metal no qual estávamos sentados. Quando Vaughan acordou, exausto e ainda meio adormecido, ele reclinou o corpo nu contra mim.

Seu rosto estava pálido, os olhos explorando os contornos dos meus braços e do meu peito. Juntos, mostramos nossas feridas um para o outro, expondo as cicatrizes em nossos peitos e mãos para os atraentes pontos de colisão no interior do carro, para os pontiagudos suportes dos cinzeiros cromados, para os sinais de um distante cruzamento. Em nossos ferimentos, celebrávamos o renascimento dos mortos assassinados no tráfego, as mortes e sofrimentos daqueles que víamos falecer ao lado das estradas, e as feridas e posturas imaginárias dos milhões que ainda iriam morrer.

Moscas rastejavam pelo pára-brisa sujo de óleo, batendo contra o vidro. O encadeamento de seus corpos formava um véu azul entre o tráfego movendo-se ao longo do elevado e eu. Liguei os limpadores do pára-brisa, mas as lâminas deslizaram através das moscas sem perturbá-las. Vaughan jazia deitado no assento ao meu lado, as calças abaixadas até os joelhos. As moscas rastejavam em blocos espessos pelo seu peito manchado de sangue, infestando o seu estômago pálido. Elas formavam um avental de pêlos púbicos que se estendia dos seus testículos flácidos até as cicatrizes ao longo do seu diafragma. As moscas cobriam o rosto de Vaughan, pairando em torno de sua boca e suas narinas como se estivessem esperando pelos rançosos líquidos destilados do corpo de um cadáver. Os olhos de Vaughan estavam abertos e vivos, observando-me enquanto sua cabeça jazia contra o assento com uma expressão calma. Tentei afastar as moscas do seu rosto, julgando que elas deveriam irritá-lo, e vi que minhas mãos e meus braços, o interior do carro, estavam recobertos pelos insetos.

O volante e o painel de instrumentos estavam vivos com esta horda retiniana. Ignorando a mão erguida de Vaughan, abri a porta do motorista. Vaughan tentava impedir-me.

Seu rosto exausto estava levantado num gesto de aviso, um ricto de alarma e preocupação, como se temesse o que eu poderia encontrar no ar livre. Caminhei pela estrada, afastando mecanicamente aquelas fontes de irritação ótica das minhas mãos e braços. Eu penetrara em um mundo abandonado. As pedras na superfície da estrada, deixadas ali após a passagem de um furacão, batiam irregularmente nas solas dos meus sapatos. Os muros de concreto do viaduto estavam gastos e cinzentos, como a entrada de um hipogeu. Os carros, que se moviam de um modo desconexo ao longo da estrada sobre mim, haviam perdido suas cargas de luz, e caíam estrondosamente do elevado, como os instrumentos quebrados, de uma orquestra fugitiva.

Mas quando me virei, a luz do sol batendo nos muros de concreto do viaduto formou um cubo de luz intensa, quase como se a superfície pétrea se tornasse incandescente.

Eu estava certo de que a branca rampa era uma extensão do corpo de Vaughan e que eu era uma das moscas rastejando sobre ele. com medo de me mexer, temendo ser queimado por aquela superfície luminosa, coloquei as mãos sobre o meu crânio, mantendo o macio tecido cerebral no seu lugar.

Subitamente, a luz desapareceu. O carro de Vaughan submergiu na escuridão debaixo da ponte. Tudo tornou-se sem vida novamente. O ar e a luz estavam exauridos. Eu andava pela estrada, afastando-me do carro, consciente de que o braço incerto de Vaughan procuraria alcançar-me. Eu caminhava ao longo do paredão para a entrada cheia de mato do pátio do ferro-velho. Acima de mim, os carros no elevado moviam-se como destroços motorizados, com a pintura gasta e embotada. Os motoristas sentavam-se rigidamente no volante, ultrapassando os ônibus repletos de manequins vestidos com roupas inexpressivas.

Um carro abandonado, o motor e as rodas removidas, jazia sobre os eixos em um acostamento embaixo do viaduto. Abri a porta com as dobradiças enferrujadas. Vidros fragmentados cobriam como confete o assento da frente. Durante cerca de uma hora eu fiquei ali, sentado, esperando passar o efeito do ácido em meu sistema nervoso.

Curvando-me sobre o enlameado painel de instrumentos daquele destroço oco, eu apertava meus joelhos contra o peito, flexionando os músculos das barrigas das minhas pernas e dos meus braços, tentando espremer as últimas micro-gotas daquela loucura irritante do meu corpo.

Os térmitas haviam desaparecido. As mudanças de luz tornaram-se menos freqüentes, e o ar sobre o elevado estabilizou-se. As últimas rajadas prateadas e douradas caíram aos poucos entre os destroços vazios no pátio do ferro-velho. Os distantes aterros do elevado recuperavam seus perfis enevoados. Irritado e exausto, empurrei a porta e saí do carro. Os pedaços de vidro espalhados pelo chão cintilavam como moedas sem valor.

Um motor começou a funcionar com um rugido. Enquanto saía do acostamento para a estrada, percebi rapidamente um pesado veículo preto acelerando na minha direção vindo da sombra do viaduto, onde Vaughan e eu permanecemos juntos. Seus pneus de faixa branca moveram-se impetuosamente pelas garrafas de cerveja quebradas e maços de cigarro na canaleta, subindo no estreito meio-fio e arremetendo-se contra mim. Sabendo agora que Vaughan não se deteria por minha causa, encostei-me no muro de concreto do acostamento. O Lincoln desviou-se perto de mim, com o pára-lama dianteiro direito batendo na traseira do carro abandonado no qual eu sentara. Ele oscilou em frente, arrancando a porta aberta de suas dobradiças.

Uma coluna de poeira e de jornal picado ergueu-se no ar enquanto ele derrapava de lado pela via de acesso. As mãos sangrentas de Vaughan davam voltas no volante. O Lincoln subiu de novo no meio-fio na extremidade da via de acesso. Ele esmagou cerca de nove metros de uma parte de madeira do muro. As rodas traseiras recuperaram a tração na superfície da estrada e o carro disparou para o elevado acima.

Caminhei até o carro abandonado e inclinei-me no seu teto. A porta do passageiro fora esmagada junto com o pára-lama dianteiro, o metal deformado mantido junto pelo impacto. Pensando na pele cicatrizada de Vaughan, amalgamada do mesmo modo que aqueles sulcos arbitrários, contornos de uma violência súbita, tentei vomitar inutilmente sobre uma poça de muco ácido. Enquanto o Lincoln arrebatava o muro de madeira, Vaughan olhara para trás, com seus duros olhos calculando se ele poderia fazer uma segunda investida contra mim. Pedacos de papel picado rodopiavam pelo ar ao meu redor, grudando em vários pontos da porta esmagada e da tampa do radiador.



Aeroplanos de vidro ascendiam pelo céu acima do aeroporto. Através do ar quebradiço, eu observava o tráfego mover-se ao longo do elevado. A memória dos belos veículos que eu vira pairando nas pistas de concreto transformara aqueles então opressivos congestionamentos e engarrafamentos em uma fila interminável e iluminada, pacientemente aguardando alguma rampa invisível para o céu. Da sacada do meu apartamento eu olhava para a paisagem lá embaixo, tentando descobrir esta subida paradisíaca, um aclave com um quilômetro e meio de largura apoiado nos ombros de dois arcanjos, pelo qual poderia fluir todo o tráfego do mundo.

Naqueles dias estranhos, enquanto me recuperava da viagem de ácido e da minha quase-morte em seguida, eu ficava em casa com Catherine. Sentado, as mãos segurando os braços da poltrona de um modo familiar, eu observava a planície metalizada lá embaixo procurando por algum sinal de Vaughan. O tráfego movia-se lentamente pelas apinhadas pistas de concreto, com os tetos dos veículos formando uma carapaça contínua de celulose polida. Os efeitos posteriores do LSD haviam deixado-me em um estado quase que de calma perturbadora. Eu me sentia distanciado do próprio corpo, como se a minha musculatura estivesse poucos milímetros acima da armação dos ossos, com as duas mantidas juntas apenas pelos pontos feridos que foram alertados quando flexionei as pernas e braços durante a viagem de ácido. Durante alguns dias, partes da experiência retomavam intactas, e eu ainda via os carros no elevado portando suas couraças de coroação, planando ao longo das pistas com asas de fogo. Os pedestres nas ruas embaixo usavam roupas de luz, como se eu fosse um visitante solitário numa cidade de matadores.

Catherine movia-se atrás de mim como uma ninfa elétrica, uma criatura devota resguardando meus gestos de excitação com sua presença calma

Em momentos menos felizes, o vagaroso delírio e as incômodas perspectivas do viaduto cinzento voltavam, o viscoso hipogeu em cuja entrada eu vira as milhares de moscas infestando o painel de instrumentos do carro e as nádegas de Vaughan, enquanto ele estava deitado olhando-me, as calças abaixadas até os joelhos. Aterrorizado por essas breves recordações eu segurava nas mãos de Catherine enquanto ela pressionava os meus ombros, tentando me convencer de que estava sentado ali com ela, junto de uma janela fechada no meu próprio apartamento. Muitas vezes eu lhe perguntava em que época do ano estávamos. As mudanças de luz dentro da minha retina alteravam as estações sem avisar.

Certa manhã, quando Catherine me deixou sozinho para ter sua última lição de vôo, vi seu avião sobre o elevado, uma libélula de vidro conduzida pelo sol. Ele parecia estar parado, imóvel, sobre a minha cabeça, a hélice girando vagarosamente como num avião de brinquedo. A luz jorrava de suas asas como de uma fonte incessante.

Embaixo dela, os carros planando ao longo do elevado assinalavam na planície do cenário todas as trajetórias possíveis do seu vôo, demarcando os caminhos de nossa futura passagem para o céu, os trânsitos de uma tecnologia alada. Eu pensava em Vaughan, coberto de moscas como um cadáver ressuscitado, observando-me com um misto de ironia e afeição. Sabia que ele não poderia nunca realmente morrer em uma batida de carro, e que iria de algum modo renascer entre as retorcidas grades do radiador e as cascatas de vidro quebrado.

Pensava na branca pele cicatrizada do seu abdômen, no pêlo púbico que começava na parte superior de suas coxas, no pegajoso umbigo e nas axilas malcheirosas, no seu rude manejo das mulheres e dos automóveis, e na sua submissa ternura em relação a mim. Mesmo quando eu colocava o meu pênis no seu reto, Vaughan sabia que ele tentaria me matar, em uma demonstração final do seu ocasional amor por mim.

O carro de Catherine estava estacionado embaixo da janela do meu quarto. A pintura do lado esquerdo fora arranhada em alguma batida pequena.

— Seu carro? — perguntei, segurando-a pelos ombros. — Você está bem?

Ela reclinou-se contra mim, como se estivesse memorizando a imagem de sua batida nas pressões de nossos corpos. Tirou sua jaqueta de vôo. Ambos agora tínhamos amado Vaughan em separado.

— Eu não estava dirigindo... eu deixei o carro no estacionamento do aeroporto — ela disse, afastando-se e segurando meus cotovelos com as mãos.

— Será que foi de propósito?

— Algum dos seus pretendentes.

— Um dos meus pretendentes.

Ela devia estar atemorizada por aquele assalto insignificante ao carro, mas me observava examiná-lo com um olhar calmo. Senti as ranhuras na porta esquerda e na carroceria, e explorei com a mão o sulco profundo que atravessava toda a extensão do carro, da lanterna traseira até o farol. A marca do pesado pára-choque do outro carro estava claramente impressa no pára-lama traseiro, a inconfundível assinatura do Lincoln. Senti as bordas do sulco, tão claras quanto o rego entre as duras nádegas de Vaughan, tão bem formadas quanto o apertado anel de seu ânus, que eu ainda sentia em meu pênis durante minhas ereções.

Teria Vaughan seguido deliberadamente Catherine, batendo em seu carro estacionado como um primeiro gesto de galanteio? Olhei para a pele pálida e o corpo firme de Catherine, pensando no carro de Vaughan arremetendo-se contra mim entre os pilares de concreto do viaduto. Como Seagrave, eu teria morrido durante uma viagem de ácido.

Abri a porta do passageiro, apontando o assento para Catherine.

— Deixe-me .dirigir... a luz está clara agora.

— Suas mãos. Vocês já está bem?

— Catherine... — disse pegando no seu braço — eu preciso dirigir novamente antes que passe todo o efeito.

Ela cruzou os braços nus sobre os seios e examinou o interior do carro, como se estivesse procurando pelas moscas que eu descrevera para ela.

Eu queria exibi-la para Vaughan.

Dei partida no motor e contornei o pátio. Enquanto acelerava, as perspectivas da rua alteravam-se ao meu redor, afastando-se de mim como se estivessem assumindo uma outra forma. Perto do supermercado, uma jovem mulher vestida com um casaco plástico reluziu num tom de cereja enquanto atravessava a rua. O movimento do carro, sua postura e geometria, sofreram uma acentuada transformação, como se tivessem sido purgados de tudo que era familiar e sentimental. Os objetos na rua, as vitrines das lojas e os transeuntes eram iluminados pelo movimento do carro, a intensidade da luz que eles emitiam era regulada pela passagem do veículo que eu estava dirigindo.

No sinal, olhei para Catherine. Ela estava sentada com a mão na janela. As cores no seu rosto e braços revelavam-se nas suas formas mais claras e ricas, como se cada célula sanguínea e a pigmentação da pele, as cartilagens das faces, fossem reais pela primeira vez, reunidas pelo movimento daquele carro. A pele de suas faces, as placas de sinalização no elevado, os carros estacionados nos terraços dos supermercados, estavam clarificados e definidos, como se um imenso dilúvio tivesse finalmente retrocedido, deixando tudo isolado pela primeira vez, como os traços de uma paisagem lunar, uma natureza morta feita por um esquadrão de demolição. Seguimos pelo elevado na direção sul.

— O tráfego... onde está todo mundo? Percebi que as três pistas estavam quase desertas.

— Eles desapareceram.

— Eu gostaria de voltar, James!

— Ainda não... está apenas começando...

Eu pensava naquela imagem de uma cidade vazia, com uma abandonada tecnologia entregue a seus próprios aparelhos, enquanto descíamos pela estrada de acesso onde Vaughan tentara me matar poucos dias antes. No terreno ermo, além do muro de madeira danificado, a pilha de carros abandonados jazia sob a luz empalidecida. Passei em frente ao muro de concreto cheio de cicatrizes na direção da escura caverna sob o viaduto, onde Vaughan e eu nos abraçáramos entre os pilares, ouvindo o tráfego soar acima de nossas cabeças. Catherine olhava para as abóbadas do viaduto, parecidas com as de uma catedral, com uma sucessão de docas submarinas vazias. Parei o carro e virei-me para ela. Sem pensar, assumi a postura na qual eu sodomizara Vaughan. Olhei para minhas coxas e meu abdômen, visualizando as nádegas de Vaughan levantadas contra os meus quadris, lembrando a pegajosa textura do seu ânus. Por algum paradoxo, este ato sexual entre nós fora destituído de toda sexualidade.

Durante toda aquela tarde dirigimos pelas vias expressas. Os intermináveis sistemas de auto-estrada ao longo dos quais nos movíamos continham as fórmulas para uma infinidade de satisfações sexuais. Eu observava os carros deixando o viaduto. Cada um deles carregava no teto um pedaço do sol.

— Você está procurando por Vaughan? — perguntou Catherine.

— De um certo modo.

— Você já não tem mais medo dele?

— Você tem?

— Ele vai se matar.

— Soube disso depois da morte de Seagrave.

Eu a observava olhar o tráfego que descia pelo viaduto, na nossa direção, enquanto esperávamos em uma estrada lateral embaixo da Avenida Ocidental. Eu queria que Vaughan a visse. Pensando nas longas ranhuras que marcavam o lado do carro de Catherine, eu desejava mostrá-las a ele, encorajá-lo a possuir minha mulher novamente.

Em um posto de abastecimento, vi Vera Seagrave conversando com uma garota perto das bombas. Entrei no pátio. Vera, com seus fortes quadris, os seios e nádegas bem esculpidos, vestia um pesado casaco de couro, como se estivesse indo para uma expedição na Antártica.

A princípio ela não me reconheceu. Os olhos firmes desviaram-se de mim para a elegante figura de Catherine, como se suspeitasse de sua postura, as pernas cruzadas na cabine aberta do carro esporte com a carroceria arranhada.

— Você vai viajar? — perguntei apontando para as malas no assento traseiro do carro

dela. — Estou tentando encontrar Vaughan.

Vera terminou a conversa com a frentista, fazendo alguns arranjos para a pensão do filho pequeno. Ainda olhando para Catherine ela entrou no seu carro.

— Ele está seguindo a atriz de cinema. A polícia está atrás dele... um recruta americano foi morto no viaduto de Northolt.

Coloquei a mão no pára-brisa, mas ela ligou os limpadores, quase cortando o meu punho.

Explicando tudo, ela disse:

— Eu estava com ele no carro.

Antes que eu pudesse detê-la, ela movimentou-se em direção à saída e mergulhou no rápido tráfego da tarde.

Catherine telefonou do seu escritório na manhã seguinte para dizer que Vaughan seguiria-a até o aeroporto. Enquanto ela falava em um tom calmo, caminhei com o telefone até a janela. Observando os carros avançarem ao longo do elevador, senti o meu pênis enrijecer. Em algum lugar lá embaixo, entre aqueles milhares de veículos, Vaughan estava esperando em um cruzamento.

— Ele provavelmente está procurando por mim — disse a ela.

— Eu o vi duas vezes. Esta manhã ele estava esperando por mim na entrada do estacionamento.

— O que você disse a ele?

— Nada. Eu vou chamar a polícia.

— Não, não faça isso.

Conversando com ela, percebi que eu estava caindo na mesma fantasia erótica que utilizava as vezes para questionar Catherine sobre o instrutor de vôo com quem ela almoçava, traçando, um após o outro, os detalhes de pequenos encontros amorosos, de um rápido ato sexual.

Eu visualizava Vaughan esperando por ela em silenciosos cruzamentos, seguindo-a pelos lavadores de carro e pelos retornos, aproximando-se sempre de uma intensa junção erótica.

As ruas sem vida eram iluminadas pela passagem de seus corpos durante este requintado e prolongado ritual de acasalamento.

Não conseguindo mais ficar no apartamento, enquanto esta corte estava acontecendo, peguei o carro e fui para o aeroporto. No terraço do edifício-garagem, perto do prédio de despachos aéreos, fiquei esperando Vaughan aparecer.

Enquanto eu aguardava, Vaughan esperava por Catherine na junção da Avenida Ocidental com o viaduto. Ele não fez nenhuma tentativa para se ocultar de nós, jogando bruscamente seu pesado carro no fluxo do trânsito que passava. Aparentemente desinteressado de Catherine ou de mim, Vaughan estava recostado no suporte da porta, quase adormecido no volante, acelerando de repente quando o sinal mudava. A mão esquerda tamborilava na borda do volante, como se estivesse lendo em braile nos rápidos tremores da estrada. Seguindo os sinuosos contornos do interior de sua cabeça, ele costurava com o Lincoln a superfície da estrada. O rosto denso estava tomado por uma rígida máscara, as faces cicatrizadas, duramente presas em torno de sua boca. Ele ziguezagueava pelas pistas de tráfego, acelerando na de alta velocidade até se emparelhar com Catherine e depois seguia atrás dela, deixando outros carros ficarem entre eles, e depois mantinha uma posição observadora na pista de baixa

velocidade. Ele começou a imitar o modo de Catherine dirigir, seus ombros esguios e o queixo elevado, o uso incessante que ela fazia do pedal do freio. As luzes harmonizadas de seus freios piscavam pela via expressa como o diálogo de um casal há muito tempo junto.

Eu dirigia atrás deles, piscando os faróis para os carros na minha frente. Alcançamos a rampa do viaduto. Enquanto Catherine subia por ela, sendo forçada a diminuir a velocidade por causa de uma fila de caminhões-tanques, Vaughan acelerou mais ainda, virando à esquerda na junção. Eu corri atrás dele, serpenteando pelos retornos e cruzamentos por baixo do viaduto. Ultrapassamos uma série de sinais fechados ao nos aproximarmos do aeroporto. Em algum lugar acima de nossas cabeças Catherine movia-se ao longo da pista descoberta do viaduto.

Vaughan corria pelo tráfego da tarde, cortando os outros carros, pisando no freio no último momento, colocando seu carro sobre duas rodas quando fazia as curvas dos retornos em alta velocidade. Cerca de noventa metros atrás dele, acelerei na reta em direção à rampa de descida. Vaughan parou na junção, esperando os caminhões-tanques passarem estrepitosamente em frente. Quando o pequeno carro esporte de Catherine apareceu, ele acelerou em frente.

Vindo por trás dele, esperei que Vaughan colidisse com Catherine. Seu carro moveu-se em um curso de colisão pelas faixas da estrada. Mas no último momento ele desviou, metendo-se no fluxo de tráfego atrás dela, e desaparecendo depois do retorno para a pista norte. Observando-o, enquanto lutava para emparelhar com Catherine, tive uma última visão de um pára-lama dianteiro batido, dos faróis quebrados piscando para um irritante motorista de caminhão.

Meia hora mais tarde, na garagem do meu prédio, senti com as mãos a marca do carro de Vaughan na carroceria do carro esporte de minha mulher, as marcas ensaiadas de uma morte.

Essas tentativas de união entre Vaughan e Catherine continuaram durante os dias seguintes. Vera Seagrave telefonou-me duas vezes perguntando se eu vira Vaughan, mas afirmei que não saíra do apartamento. Ela me disse que a polícia levava as fotografias e o equipamento do quarto escuro em sua casa. Surpreendentemente, eles pareciam incapazes de pegar Vaughan.

Catherine nunca comentou a perseguição de Vaughan. Mantínhamos entre nós, agora, uma calma irônica, a mesma afeição estilizada que exibíamos um para outro nas festas, sempre que, ela ou eu, estávamos abertamente arranjando um outro amante. Será que ela compreendia os reais motivos de Vaughan? Na época, eu mesmo não cheguei a compreender que ela era meramente uma substituta durante um elaborado ensaio de uma outra e muito mais importante morte.

Todo dia, Vaughan seguia Catherine pelas vias expressas e pelas estradas do perímetro do aeroporto, às vezes esperando por ela na rampa sem saída perto de casa, em outras aparecendo como um espectro na pista de alta velocidade do viaduto, com seu carro amassado tombado sobre o amortecedor do lado esquerdo. Eu o observava esperando por ela em vários cruzamentos, claramente testando na sua mente as possibilidades de diferentes tipos de acidente: colisões frontais, impactos laterais, colisões traseiras, capotagens. Durante este tempo, eu sentia uma euforia crescente, a entrega a uma lógica inevitável à qual eu antes resistia, como se estivesse observando minha própria filha nos estágios iniciais de um

desabrochante caso de amor.

As vezes eu parava no gramado à beira do aterro próximo da rampa de descida ocidental do viaduto, sabendo que aquela era a zona favorita de Vaughan, e o observava investir atrás de Catherine enquanto ela era arrastada pelo trânsito na hora do rush.

O carro de Vaughan estava ficando cada vez mais batido. O pára-lama direito e as portas estavam profundamente marcados por pontos de impacto no metal, arabescos enferrujados que ficavam cada vez mais brancos, como se revelando um esqueleto por baixo. Esperando atrás dele em um engarrafamento na via expressa de Northolt, eu vi que duas das janelas traseiras estavam quebradas.

Os danos continuavam. Um pedaço da lataria do pára-lama traseiro direito soltara-se e o pára-choque dianteiro dependurava-se no pinhão do chassi, com a ponta inferior enferrujada tocando o chão quando ele fazia uma curva.

Oculto pelo empoeirado pára-brisa, Vaughan sentava-se curvado sobre o volante enquanto corria em alta velocidade pelo elevado, inconsciente dos danos e impactos no seu carro, semelhantes aos ferimentos feitos em si mesma por uma criança aflita.

Ainda sem saber se Vaughan tentaria colidir seu carro com o de Catherine, não fiz nenhuma tentativa para preveni-la. Sua morte seria um modelo para minha preocupação com todas as vítimas de desastres aéreos e naturais. Enquanto ficava deitado ao lado dela, à noite, minhas mãos modelando os seus seios, eu visualizava o seu corpo em contato com vários pontos do interior do Lincoln, ensaiando para Vaughan as posturas que ela poderia assumir. Consciente desta colisão em andamento, Catherine, entrou numa espécie de transe mental. Passivamente, ela permitia que eu colocasse seus membros nas posições de inexplorados atos sexuais.

Enquanto Catherine dormia, um carro batido movimentou-se lá embaixo ao longo da avenida deserta. O silêncio total nas ruas fazia a cidade inteira parecer deserta.

Naquela breve calma antes do amanhecer, quando nenhum avião decolava do aeroporto, o único som que ouvíamos era o sacolejar exausto da cabine do carro de Vaughan.

Da janela da cozinha vi seu rosto cinzento, inclinado contra a janela quebrada do quebra-vento, marcado por um profundo vergão que atravessava sua testa como uma brilhante tira de couro. Por um momento, senti que todas as aeronaves que ele estivera observando levantar vôo do aeroporto tinham agora ido embora. Depois que Catherine e eu também fôssemos, ele finalmente estaria sozinho, saqueando a cidade deserta com seu carro caindo aos pedaços.

Sem saber se devia acordar Catherine, esperei cerca de meia hora, depois me vesti e desci para o pátio. O carro de Vaughan estava estacionado sob as árvores da avenida.

A luz do amanhecer brilhava friamente na pintura empoeirada. Os assentos estavam cobertos de óleo e sujeira, e na traseira os restos de uma coberta xadrez rasgada jaziam sobre um seboso travesseiro. Supus, pelas garrafas quebradas e latas de comida no assoalho, que Vaughan estivera morando no carro por vários dias. Em uma evidente explosão de raiva ele golpeara o painel de instrumentos, rebentando vários mostradores e amassando suas bordas superiores. Encaixes de plástico rebentados e pedaços de cromo pendiam sobre os comutadores de luz.

As chaves do carro estavam na ignição. Olhei para ambos os lados da avenida, tentando ver se Vaughan estava esperando por trás de alguma árvore. Caminhei em torno do carro, e

coloquei com a mão a lataria solta no lugar. Enquanto eu fazia isso, o pneu dianteiro direito vagorosamente foi achatando-se contra o solo.

Catherine tinha descido e estava observando-me. Caminhamos sob a luz do amanhecer para a entrada do prédio. Enquanto atravessávamos o cascalho, o ruído de um motor soou na garagem. Um polido carro prateado, que reconheci imediatamente como meu, subiu ruidosamente pela rampa na nossa direção. Catherine gritou, tropeçando, mas antes que eu pudesse segurá-la pelo braço o carro passou ao nosso lado e, deslizando sobre o cascalho, mergulhou no meio da rua. Através do ar do amanhecer o seu motor soava como um grito de dor.

Não vi mais Vaughan. Dez dias depois, ele morreu no viaduto ao tentar bater o meu carro contra a limusine que conduzia a atriz de cinema a quem ele perseguira por tanto tempo. Preso no interior do carro, depois de romper as amuradas do viaduto, o seu corpo estava tão desfigurado pelo impacto com o ônibus de turista embaixo que a polícia a princípio identificou-o como sendo o meu. Eles telefonaram para Catherine enquanto eu estava dirigindo para casa vindo dos estúdios em Shepperton.

Quando entrei no pátio do meu prédio vi Catherine andando estonteada em torno da enferrujada carroceria do Lincoln de Vaughan. Ao segurar no seu braço ela olhou para o meu rosto sob a sombra da árvore acima da minha cabeça. Por um momento tive certeza que ela esperava que eu fosse Vaughan, chegando após a minha morte para consolá-la.

Seguimos na direção do viaduto no carro dela, ouvindo os noticiários no rádio sobre o salvamento da atriz. Não tivéramos nenhuma notícia de Vaughan desde que ele pegara o meu carro na garagem. Eu estava cada vez mais convencido que ele era uma projeção das minhas próprias fantasias e obsessões, e que de certo modo eu o frustrara.

Enquanto isso, o Lincoln jazia abandonado na avenida. Sem a presença de Vaughan, ele se desintegrava rapidamente. As folhas de outono caíam das árvores no teto e no capô, penetrando pelas janelas quebradas dentro da cabine, e o carro afundava-se sobre os pneus flácidos. Seu estado de abandono, com o painel e os pára-lamas soltos, era um convite para a hostilidade dos transeuntes. Um grupo de jovens despedaçara o pára-brisa e quebrara os faróis.

Quando chegamos no local do acidente embaixo do viaduto, senti que eu estava visitando, incógnito, o lugar da minha própria morte.

Perto dali, o meu próprio acidente ocorrera com um carro idêntico ao veículo no qual Vaughan morrera. Um congestionamento maciço bloqueava o viaduto, nós deixamos o carro no pátio de uma garagem e caminhamos na direção das luzes giratórias que assinalavam o acidente, a oitocentos metros de distância. Um brilhante céu vespertino iluminava todo o cenário, expondo os tetos dos carros presos no engarrafamento, como se estivéssemos todos esperando para embarcar em uma viagem pela noite. Acima de nossas cabeças, os aviões moviam-se como planadores de observação enviados para supervisionar o progresso daquela vasta migração.

Eu observava as pessoas nos carros, olhando através dos pára-brisas enquanto ajustavam a frequência de seus rádios. Eu tinha a impressão de conhecê-las todas, convidados para a última de uma interminável série de festas na estrada que freqüentáramos juntos durante o último verão.

No local do acidente, sob a pista elevada do viaduto, cerca de quinhentas pessoas aglomeravam-se pelas calçadas e parapeitos, atraídas pelas notícias de que a atriz de cinema havia escapado por pouco da morte. Quantas delas suporiam que ela já havia morrido, assumindo seu lugar no panteão das vítimas de acidentes automobilísticos?

Na rampa de descida do viaduto os espectadores amontoavam-se, ao longo da balaustrada, olhando para os carros da polícia e a ambulância lá embaixo na junção da



Avenida Ocidental. O teto esmagado do ônibus guiava-se acima das cabeças.

Segurei no braço de Catherine, pensando nas tentativas simuladas que Vaughan fizera contra ela naquela junção. Sob o brilho das luzes, meu carro jazia ao lado do ônibus. Os pneus ainda estavam inflados, mas o resto do carro era irreconhecível, como se tivesse recebido impactos de todas as direções, interna e externamente.

Vaughan correria pela pista descoberta do viaduto na velocidade máxima do carro, tentando projetar-se pelo céu.

O último dos passageiros estava sendo retirado do andar superior do ônibus, mas os olhos dos espectadores estavam fixos não naquelas vítimas humanas, mas nos deformados veículos no centro do palco. Será que eles viam nos seus interiores os modelos para suas vidas futuras? A isolada figura da atriz de cinema permanecia ao lado do seu chofer, com a mão no pescoço, como se estivesse protegendo-se da imagem da morte da qual por pouco escapara. Os homens da polícia e o pessoal médico, a massa de espectadores comprimindo-se entre os carros e ambulâncias estacionados, deixavam cuidadosamente um claro espaço em torno dela.

Nos tetos dos carros da polícia, as luzes de advertência giravam, atraindo cada vez mais os transeuntes para o local do acidente, vindos das áreas de recreação dos altos blocos de apartamentos de Northolt, dos supermercados abertos a noite inteira na Avenida Ocidental, das filas de tráfego movendo-se em frente ao viaduto. Iluminada pelos holofotes da polícia embaixo, a parte superior do viaduto formava um proscênio arqueado, visível a quilômetros por cima do trânsito ao redor. Pelas desertas ruas laterais e passarelas, pelas alamedas do silencioso aeroporto, os espectadores moviam-se para aquele imenso palco, atraídos pela lógica e beleza da morte de Vaughan.

Na nossa última noite, Catherine e eu visitamos o depósito da polícia para onde foram levados os destroços do meu carro. Peguei a chave do portão com o oficial no posto, um jovem olhar penetrante que já tinha visto quando fora supervisionar a remoção do carro de Vaughan da rua em frente ao nosso prédio. Eu estava certo que ele sabia que Vaughan planejava sua colisão com a limusine da atriz de cinema durante meses, reunindo os elementos para isso nos carros roubados e nas fotografias de casais mantendo relações.

Catherine e eu andamos pelas filas de veículos apreendidos e abandonados. O depósito estava escuro, iluminado apenas pelas luzes da rua refletidas no cromo amassado.

Sentados juntos no banco traseiro do Lincoln, fizemos um breve e ritual ato de amor, sua vagina vertendo um pequeno jato de sêmen após um curto espasmo, suas nádegas presas firmemente nas minhas mãos, e ela enganchada na minha cintura. Eu a fiz ajoelhar-se sobre mim enquanto minha mão recolhia o sêmen que escorria da sua vulva.

Depois, com o sêmen na minha mão, andamos entre os carros. Os fechos de um farol bateram nos nossos joelhos. Um carro esporte aberto havia parado perto do portão.

Duas mulheres estavam sentadas atrás do pára-brisa, olhando para a escuridão, a motorista virando o carro até que os faróis iluminassem os destroços do veículo despedaçado no qual Vaughan morrera.

A mulher no assento do passageiro saiu do carro e parou brevemente perto das grades. Observando-as da escuridão enquanto Catherine ajustava suas roupas, reconheci a doutora Helen Remington. Gabrielle estava no volante. Que elas tenham vindo ali para um último olhar no que restou de Vaughan pareceu-me apropriado. Eu visualizava-as passeando pelos

estacionamentos e vias expressas gravados em suas mentes pelas obsessões de Vaughan, celebrados agora nos ternos abraços daquela médica e sua amante aleijada. Eu estava contente por Helen Remington ter tornado-se ainda mais perversa, descobrindo sua felicidade nas cicatrizes e ferimentos de Gabrielle.

Depois que elas se foram, o braço de Helen no ombro de Gabrielle enquanto ela dava marcha-ré, Catherine e eu continuamos a andar entre os carros. Percebi que ainda estava carregando o sêmen na mão. Enfiando o braço pelos pára-brisas e janelas quebrados ao meu redor, passei meu sêmen nos painéis e mostradores oleosos, tocando nas partes mais deformadas daqueles pontos de ferimentos. Paramos ao lado do meu próprio carro, os restos do compartimento de passageiros untados com o sangue e mucosidade de Vaughan.

O painel de instrumentos estava coberto por um escudo negro formado de tecido humano, como se o sangue tivesse sido espalhado com uma pistola de tinta. com o sêmen nas mãos, marquei os controles esmagados e os mostradores do painel, definindo pela última vez os contornos da presença de Vaughan nos assentos.

As impressões de suas nádegas pareciam pairar entre os vincos daqueles assentos deformados. Espalhei o sêmen sobre eles, e depois marquei a ponta aguda da coluna do volante, uma lança sangrenta elevando-se do painel deformado. Catherine e eu recuamos observando aqueles tênues pontos líquidos cintilarem na escuridão, a primeira constelação no novo zodíaco de nossas mentes. Coloquei o braço de Catherine em torno da minha cintura enquanto passeávamos entre os carros abandonados, pressionando os seus dedos contra os músculos da parede do meu estômago. Eu já sabia que estava formulando os elementos da minha própria colisão.

Enquanto isso, o tráfego movimentava-se em um fluxo incessante ao longo do viaduto. Os aviões levantavam vôo das pistas distantes do aeroporto, conduzindo resíduos do sêmen de Vaughan para os painéis de instrumentos e grades do radiador de milhares de carros batidos, para as pernas dobradas de milhões de passageiros.

**FIM**

Este *ePub* teve como base uma digitalização em *Doc* feita por um autor desconhecido pelo grupo **Digital Source**.

Para a capa, utilizei como modelo uma edição norte-americana.

*Maio de 2014*  
**LeYtor**